REVISTA

DA

Academia Cearense

Publicada sob a direcção dos Drs. Pedro de Queiroz, Henrique Théberge e Barão de Studart.

Forti nihil difficile

DIVISA DE BEACONSFIELD.

TOMO VI

ASSIGNATURA ANNUAL — 4$000

FORTALEZA

—

TYP.—STUDART—RUA FORMOSA, n. 46.

—

1901

INDICE

PAGS.

—Esboços Bio-bibliographicos dos academicos Visconde de Taunay e José Arthur Montenegro. Pelo Dr. Antonio da Cunha Barbosa. . 9

—Pequeno Diccionario bio-bibliographico Cearense. Pelo Barão de Studart. 40

--Lingua Indigena—O nome Ceará. Por Antonio Bezerra 115

—Direito Commercial, Cheque visado. Por J. Rodrigues de Carvalho. 135

—Flora Cearense. Por Henrique Theberge . 145

—Estudos Literarios. *Seccas do Ceará* de Rodolpho Theophilo. Por Pedro de Queiroz. . . 171

—Actas das Sessões da Academia Cearense. 179

—Balanço da Thesouraria da Academia Cearense correspondente ao anno de 1901 . . . 195

REVISTA

DA

Academia Cearense

Publicada sob a direcção dos Drs. Pedro de Queiroz, Henrique Théberge e Barão de Studart.

Forti nihil difficile

DIVISA DE BEACONSFIELD.

TOMO VI

1901

ASSIGNATURA ANNUAL — 4$000

BIBLIOTHECA NACIONAL

FORTALEZA

TYP.—STUDART—Rua Formosa, n. 46.

1901

Socios effectivos da Academia Cearense

1.º Thomaz Pompeu de Souza Brazil—PRESIDENTE.
2.º Pedro de Queiroz—1.º VICE-PRESIDENTE.
3.º Virgilio A. de Moraes—2.º VICE-PRESIDENTE.
4.º Barão de Studart—1.º SECRETARIO.
5.º Raymundo Coelho de Arruda—2.º SECRETARIO.
6.º Antonio Theodorico da Costa—THESOUREIRO.
7.º Raymundo de Farias Brito—ORADOR.
8.º Henrique Théberge—BIBLIOTHECARIO.
9.º Alvaro Gurgel de Alencar.
10.º Alvaro Teixeira de Souza Mendes.
11.º Antonio Bezerra de Menezes.
12.º Antonio L. Drumond da Costa.
13.º Antonino Fontenelle.
14.º Eduardo Salgado.
15.º Eduardo Studart.
16.º P.e Francisco Valdevino Nogueira.
17.º Joaquim Lopes de Alcantara Bilhar.
18.º José Rodrigues de Carvalho.
19.º José de Barcellos.
20.º Justiniano de Serpa.
21.º Marcos Franco Rabello.
22.º Waldemiro Cavalcanti.

SOCIOS CORRESPONDENTES NACIONAES

N.os	NOMES	DATA DA ELEIÇÃO
1	José Arthur Montenegro (1)	29 de Outubro de 1895
2	Conego Ullysses de Pennafort	15 de Dezem.º de 1896
3	Dr. A. Victorino A. do Sacramento Blake	14 de Setem.º de 1897
4	Dr. A. da Cunha Barboza.	» » »
5	Conselheiro Tristão de Alencar Araripe	7 de Dezem.º de »
6	Henrique Raffard.	» » »
7	Visconde de Taunay (2). .	7 de Junho de 1898
8	João Capistrano de Abreu.	» » »
9	Barão de Capanema . . .	» » »
10	Dr. J. Barbosa Rodrigues.	» » »
11	Dr. José C. de Moura Brazil.	21 » »
12	Visconde de Saboia . . .	» » »
13	Cons.º Alvaro J. d'Oliveira.	» » »
14	Dr. Clovis Bevilaqua. . .	11 de Abril de 1899

(1) Fallecido a 3 de Abril de 1901.
(2) Fallecido a 5 de Janeiro de 1900.

SOCIOS CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS

N.os	NOMES	DATA DA ELEIÇÃO	RESIDENCIA
1	Dr. José Clementino Souto	17-8-1897	Buenos Aires
2	Engenheiro Francisco Segui	» »	» »
3	Dr. Jacob Larrain	» »	» »
4	D. Ignacio Garmendia. . .	» »	» »
5	D. Manoel Landaeta Rosales	» »	Caracas
6	Dr. Teofilo Rodriguez . . .	» »	»
7	D. Carlos Gagini	» »	S. José da Costa Rica
8	D. Alberto Membreno . . .	» »	Tegucigalpa
9	D. Juan José de Castro (*).	14-9 »	Montevideo
10	D. Pedro M. Riviere. . . .	» »	»
11	D. Francisco Bauzá. . . .	» »	»
12	D. Mariano A. Pelliza . . .	» »	Buenos Aires
13	Conselheiro Jayme C. de Freitas Muniz	17-10-1899	Lisboa
14	Com.or Luiz Leopoldo Flores	» »	»
15	Roberto Duro.	6-12-1901	Madrid
16	P.e Fidel Fita	» »	»

(*) Fallecido.

LISTA

DAS

Associações e estabelecimentos para os quaes é remettida a Revista da Academia Cearense

Instituto do Ceará, Centro Litterario, Phenix Caixeiral, Iracema Litteraria, Bibliotheca Publica. Fortaleza.

Museu Goeldi, Instituto do Pará. Belem.

Instituto Archeologico Pernambucano, Bibliotheca Publica, Academia de Direito, Academia Pernambucana de Lettras. Recife.

Instituto Archeologico e Geographico Alagoano. Maceió.

Archivo Publico, Bibliotheca Publica, Academia de Medicina, Instituto Geographico e Historico, Escola Livre de Direito. Bahia.

Bibliotheca Nacional, Archivo Publico, Academia de Medicina, Instituto Historico e Geographico, Escola Livre de Direito, Instituto Polytechnico Brazileiro, Sociedade Promotora de Instrucção. Rio de Janeiro.

Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina. Florianopolis.

Academia de Direito, Instituto de S. Paulo, Bibliotheca Publica, Museu Paulista, Sociedade de Ethnographia e Civilisação dos Indios. S. Paulo.

Bibliotheca Publica. Ouro Preto.

Bibliotheca Publica. Cidade do Rio Grande.

Bibliotheca Publica. Pelotas.

Academia Real das Sciencias, Sociedade de Geographia. Lisboa.

Societé Bibliographique de France. Paris.

Smithsonian Institution. Washington.

LISTA

DAS

Revistas e Jornaes para os quaes é remettida a Revista da Academia Cearense.

Republica, Reforma, Fortaleza.

Federação, Commercio do Amazonas. Manaus.

O Jornal, Folha do **Norte**, Gazeta de Belem. Belem.

Nortista. Parnahyba.

Provincia, Diario de Pernambuco, Jornal do Recife, Era Nova. Recife.

Guttemberg. Maceió.

Estandarte Catholico, Diario da Bahia, Gazeta de Noticias, Jornal de Noticias. Bahia.

Jornal do Commercio, Paiz, Jornal do Brasil, Noticia, Gazeta de Noticias, Cidade de Rio, Dia, Correio da Manhã, Revista Brazileira. Rio de Janeiro.

Cidade de Santos, Correio Paulistano, Estado de S. Paulo, Revista do Brazil. S. Paulo.

Revue des deux Mondes. Paris.

Revue des Revues, Paris, 12 Avenue de l'Opéra.

The Review of Reviews. London, Mowbray House, Norfolk Street. W. C.

Esboços Bio-bibliographicos

DOS ACADEMICOS

Visconde de Taunay e José Arthur Montenegro

PELO

DR. ANTONIO DA CUNHA BARBOSA.

PREFACIO

Os nossos desvalorosos esboços bio-bibliographicos das duas summidades litterarias brasileiras confrades da Academia Cearense não constituem, por sem duvida, estudos completos das suas individualidades.

Simples apontamentos, notas a lapis colleccionadas, adrede, cuidadosamente, como tal deve ser recebido o nosso despretencioso trabalho.

O Visconde de Taunay foi figura proeminente nos

ultimos trinta annos do reinado do Senhor D. Pedro II. A sua biographia completa fornecerá bastante assumpto para a historia d'aquella epocha.

José Arthur Montenegro foi laborioso escriptor das cousas patrias. Nos seus variados e multiplos trabalhos ha muito que aprender.

Esboços, e não biographias, escrevemos d'esses dous grandes patriotas.

As suas memorias sirvam-nos de pharol, por entre os escolhos da vida; sirvam-nos de exemplo para que nos guiem, pela senda que trilharam, para bem servir á patria, para ensinar-nos a engrandecer a terra, que como elles tambem estremecemos.

Dos nossos dous biographados ha muito que imitar: *Amôr ao trabalho, Amôr á patria.*

Visconde de Taunay

A biographia de homens salientes de uma epocha dispensa a sua historia.

A do Visconde de Taunay é, como dissemos, a das tres ultimas decadas do reinado do Senhor D. Pedro II. Curiosa e aproveitavel, deverá ser tratada não em modesto esboço, mas em detalhado trabalho, por penna mais competente.

Louvar um homem como o Visconde de Taunay é discorrer sobre um periodo inteiro de illustração, abranger de relance todos os productos da influencia, que maravilhosamente exerceu.

A sua vida é uma pagina que a posteridade lerá com encanto, porque é a expressão das mais altas qualidades civicas.

Não se escreve facilmente a biographia do Visconde de Taunay, cuja multiplicidade de conhecimentos, cuja vasta instrucção e vivissima memoria tanto concorreram para engrandecer as letras brasileiras e para exaltar um dos seus filhos mais illustres.

Militar, professor de linguas e de sciencias naturaes, engenheiro, politico, parlamentar, publicista, historiador, romancista, critico, musicista, dramaturgo, não ha parte da vida brasileira, como diz bem o Snr. José Verissimo, em que a sua obra não appareça com mais ou menos distincção.

O Visconde de Taunay tinha um temperamento accentuadamente artistico; via, pensava e escrevia com arte.

Desde a adolescencia revelou para isso natural pendor. Os seus multiplos e variados trabalhos são escriptos com escrupulosa preoccupação de elegancia e pureza de forma, testemunhando esta ultima qualidade o sentimento do bello ideal que tanto possuio o illustre litterato.

E' incontestavel que cada talento de escolha traga á este mundo a sua missão. N'esse caso acha-se o Visconde de Taunay, em cuja vida distinguimos dous grandes

traços para se assignalar: como homem de letras escreveo a *Retirada da Laguna* e como patriota reevindicou a memoria do grande padre José Mauricio Nunes Garcia, a favor de quem a sua eloquente palavra deveras concorreu no Parlamento do Imperio. Tratava-se do renome do maior musico da America do Sul, que até então era quasi ignorado pelo paiz inteiro. Não obstante, essa sua obra ficara inacabada, mas restam verdadeiras columnas doricas do grande artista nas missas que elle e Alberto Nepomuceno publicaram. Infelizmente quasi todos os monumentos do genial musicista acham-se estramalhados ou perdidos, indo, quem sabe, um dia exornar as estatuas do plagiato ou da ignorancia.

Quanto á propaganda da immigração estrangeira para o paiz, não nos parece ella izempta de reparos. O notavel politico esquecendo-se de que a grande lei das colonisações é não assimilar, mas serem assimiladas, constituio algumas provincias do Brasil verdadeiros prolongamentos dos Estados europeos (algumas d'ellas têm sido mansa e pacificamente reconquistadas), annulando d'esta arte o sacrificio de tres raças que luctaram e soffreram para estabelecer um lar e conservar as suas tradições. E do lar e de tradições constituem-se as patrias, e se constituio esta, cujos destinos não nos é possivel perscrutar, tão obscuros descobrimos os horizontes que nos cercam, tão toldadas as estradas que nos dirigem o rumo.

Nasceu Alfredo de Escragnolle Taunay na cidade do Rio de Janeiro, á rua do Rezende, a 22 de Fevereiro de 1843.

Foram seus paes o Barão Felix Emilio Taunay, filho do celebre pintor francez Barão Nicolau Antonio Taunay, que em 1816 chegara ao Rio de Janeiro, accompanhando a colonia de artistas francezes, contractada pelo Marquez de Marialva, por ordem do Conde da Barca, em nome do principe regente D. João, para fundar a nossa Academia de Bellas Artes; e de D. Gabriella de Escragnolle, filha do Conde Alexandre de Escragnolle, que veio para o Brasil em 1808.

Corria-lhe, portanto, nas veias sangue dos nobres Barões de Taunay e Condes d'Escragnolle.

Desde a infancia mostrou extraordinaria capacidade. Aos doze annos matriculou-se no Collegio D. Pedro II, em 1858. Com quinze annos, apenas, já tinha sido approvado brilhantemente em todos os seus exames de preparatorios, havendo alcançado o diploma de bacharel em letras. Em 1861 assentou praça no exercito, indo cursar a antiga Escola Central, onde no anno seguinte foi elevado a alferes alumno; em 1863 obteve o gráo de bacharel em mathematicas e sciencias naturaes.

Concluidos aquelles estudos, passou para a Escola Militar e de Applicação, onde foi promovido a 2.° tenente de artilharia em 1864.

A 1 de Abril de 1865 vio-se obrigado a abandonar a Escola, para seguir como secretario de uma commissão de engenheiros para Matto Grosso, onde durante dous annos e meio tomou parte na campanha, tão cheia de soffrimentos e perigos, feita pela columna expedicionaria, que, desoccupou, mais tarde, a *Laguna*, de cuja retirada foi elle o Xenophonte, que posteriormente a descreveo em um livro admiravel, devidamente apreciado como valioso documento historico e primor litterario.

O seu livro da *Retirada da Laguna* foi a sua consagração de homem de lettras illustrado e superior.

Promovido em 1869 a capitão, de regresso dessa expedição, leccionou durante mezes na Escola Militar, onde se manteve; partindo depois para o theatro da guerra, na qualidade de secretario particular do Senhor Conde d'Eu, e redactor do *Diario do Exercito*.

Junto á S. Alteza tomou parte na campanha de 1869 a 1870 na Cordilheira do Paraguay. Terminada a guerra o illustre militar veio concluir o seu curso na Escola em 1871.

Na qualidade de alumno serviu como preparador da cadeira de physica e chimica de 1870 a 1872, tendo sido já em 1863 nomeado repetidor interino do curso preparatorio. D'esse modo iniciou o magisterio, no qual servio como lente interino da cadeira de mineralogia, geologia

e botanica, de 1874 a 1885, anno em que, por decreto, obteve a demissão do serviço do exercito, no posto então de major, a que fora promovido a 22 de Junho de 1875.

Em recompensa de vinte annos de assignalados serviços militares, foi distinguido com a medalha da campanha do Matto Grosso—*Constancia e Valor*—e com a da guerra do Paraguay e recebeu os titulos de cavalleiro, official e commendador da ordem da Rosa e cavalleiro das ordens de Christo e de S. Bento de Aviz.

Quando completava o curso technico da Escola Militar, foi escolhido pelo Visconde do Rio Branco para seu official de gabinete, cargo esse que resignou mais tarde, para apresentar-se candidato á deputação geral pela provincia de Goyaz, que o elegeu em 1872.

Em 8 de Janeiro de 1874 casou-se com a Snra. D. Christina Teixeira Leite, filha do fallecido Barão de Vassouras, de cujo consorcio existem quatro filhos.

Não tendo sido eleito deputado em 1875, foi nomeado presidente da provincia de Santa Catharina.

Começou então a preoccupar-se por tudo que era referente á colonisação e á immigração europea.

Em 1876 foi reeleito deputado geral por Goyaz. Resignou a presidencia de Santa Catharina para vir tomar assento no Parlamento até 1878.

N'esse anno fez uma viagem á Europa, de onde regressou no anno seguinte, para continuar a leccionar a sua cadeira de mineralogia, geologia e botanica do 5.º anno do curso superior da Escola Militar.

Alli encontrou-se com o seu amigo o Snr. Visconde do Rio Branco, que lhe disse ser urgente encetar um trabalho projectado: O seu esboço biographico. Disse mais o eminente estadista: Já ter coordenado as notas e apontamentos, que lançara em papel, e compulsado valiosos documentos de que possuia copia, visto ter-se achado, durante muitos lustros, pessoalmente envolvido nos maiores successos da vida politica e social do Brasil.

Nos varios autographos e documentos, que o seu filho, o Snr. Dr. José Maria da Silva Paranhos (Barão do Rio Branco), encontrou dispostos com admiravel ordem,

existia um rolosinho com a indicação: Para o Snr. Taunay. Era o esboço biographico, por elle annotado a lapis azul.

Se bem que fossem escassas notas, comtudo o Snr. Taunay verteo-as para o francez, com o titulo: Le Viconte de Rio Branco, Ebauche Biographique. Traducção do portuguez. A. d'Escragnolle Taunay. O Visconde do Rio Branco. Esboço Biographico.

Na Camara dos Deputados, no Senado e na Imprensa sempre, com enthusiasmo, advogou a grande naturalisação, a liberdade religiosa, a extincção do elemento servil, o casamento civil, etc.

O seu *brazileirismo* manifestou-se sinceramente em todos os seus actos politicos e trabalhos litterarios.

Em 1885, após ter pedido demissão do serviço do exercito, foi presidir a provincia do Paraná. Em 1886, deputado então por Santa Catharina, foi eleito e escolhido senador por essa provincia, tomando assento em 29 de Agosto do mesmo anno. Em 1889 teve o titulo de Visconde de Taunay, com grandeza.

Com o advento da Republica, fiel ás suas crenças monarchicas, retirou-se completamente á vida privada e dedicou-se, mais particularmente, aos estudos litterarios.

Nem outro devera ser o procedimento de um brazileiro, tão correcto como sempre fôra.

S. Magestade, o Senhor D. Pedro II, acolheu e apreciou os homens de merito litterario, scientifico e astistico; como tal, honrou com sua amizade o Snr. Visconde de Taunay, já tendo com ella distinguido ao seu venerando Pai, de quem fôra discipulo e admirador.

Havendo Carlos von Kosseritz, Blumenau e Gruber resolvido estimular os interesses da immigração e colonisação, dando-lhes horizontes mais vastos, enviaram circulares e convidaram o Snr. Escragnolle Taunay para com elles fundar uma sociedade, que tivesse por fim a propaganda da immigração europea. Acceito o convite, reuniram-se estes e alguns mais no Lycêo de Artes e Officios. Nomearam para presidir a sessão o Snr. Visconde de Barbacena, que indicou para seu secretario o Snr. Major Taunay. Discutido e approvado o regimento e de-

finitivamente constituida a sociedade, foi eleito presidente o Snr. Tenente-general Visconde de Beaurepaire Rohan e vice-presidente o secretario d'aquella sessão preparatoria, o qual tornou-se o director intellectual da recem fundada instituição, que foi inaugurada a 17 de Novembro de 1883.

A benemerita associação, que tantos e tão assignalados serviços prestou ao Brasil, funccionou regularmente até ter sido extincta, depois de 15 de Novembro de 1889.

Seu vice-presidente, com a sua habil penna, não só redigiu o bolletim *Immigração*, orgão da sociedade, como deu á luz varios livros, taes como:

Secularisação dos cemiterios, *Casamento civil*, *Liberdade religiosa*, etc, que, com a *Pequena Propriedade* e *Immigração Europea* de Luiz Conty e o *Ensino Technico no Brasil* de Tarquinio de Souza, constituem os trabalhos publicados sob os auspicios d'essa patriotica Sociedade.

A questão da immigração teve no Visconde de Taunay activo e consciente propagandista. Como tal, alem dos trabalhos mencionados, escreveu varios artigos pela imprensa, pronunciou differentes discursos nas duas Camaras do Parlamento, envidou todos os esforços, emfim, para realisar o seu desideratum.

Filiado ao partido conservador e partidario politico do Visconde do Rio Branco, na tribuna parlamentar distinguiu-se como orador eloquente, fervoroso patriota. Prestou sempre apoio a reformas liberaes e adeantadas. Obteve na tribuna grandes triumphos, sobre assumptos de sua classe pela mór parte. São dignos de nota os discursos pronunciados a 16 de Abril e 17 de Setembro de 1877, em opposição ao gabinete Duque de Caxias, quando teve que discutir questões relativas á guerra, questões que abriram sulco, e sobre as quaes, a todo o ponto de vista, foi formulada a mais severa critica. Assumiu, desde então, uma posição especial, em que se conservou. Atacou abertamente o nativismo, advogou a grande naturalisação, a igualdade dos catholicos e dos acatholicos, a liberdade dos cultos, casamento civil, etc.

No parlamento não só tornara-se o escudo do elemento estrangeiro, mas tambem representou os direitos da arte e da sciencia brasileiras. Conseguiu uma pensão que percebeu o maestro compositor Carlos Gomes e depois tratou, se bem que sem resultado, de adquirir uma verba, para serem collecionadas, por conta do Governo, as composições musicaes, esparsas e ignoradas, do nosso eminente musicista padre José Mauricio Nunes Garcia.

Politico militante foi um conservador deslocado no seu partido. Mostrou-se um conservador e imperialista, que se bateu pelas ideas, cuja realisação foi uma das principaes conquistas da republica. Como conservador monarchista, combateu a opinião de um ministro liberal de que o Brasil monarchico não deveria comparecer officialmente á Exposição com que a França celebrava o centenario da grande revolução. No caracter de homem politico e parlamentar foi o unico que se preoccupou de assumptos de artes e letras no Parlamento.

E' o proprio Visconde de Taunay quem confessa no seu livro *Cartas Politicas*, publicadas em 1889: «Que entre os conservadores e liberaes era accusado de ideologo, um tanto utopista, um politico com quem não se podia contar, que precisava ainda de longo tirocinio para amoldar-se ás conveniencias e coacções do partidarismo.»

Com a fundação em 1896 da Academia Brasileira de Letras, entre os eleitos, para constituir os seus fundadores, não foi esquecido o sympathico nome do Visconde de Taunay, que n'ella veiu occupar uma cadeira, tomando por patrono o saudoso homem de letras—Francisco Octaviano—, cujo elogio estava escrevendo.

Por longo tempo sustentou a campanha, que venceu, da glorificação do grande compositor brasileiro padre José Mauricio Nunes Garcia.

Na secção —Theatros e Musica—, do Jornal do Commercio e na Revista Brasileira, escreveu varios artigos, na gloriosa missão de tornar conhecidas as composições preciosas d'esse eminente brasileiro. Deu á luz uma bella biographia, precedida do retrato e de uma relação das

principaes producções do nosso notavel musicista, seguida da celebre missa de *Requiem*.

Graças ao Visconde de Taunay, auxiliado pelo laureado maestro cearense A. Nepomuceno, esta missa tem sido ouvida e apreciada. Não foi preciso, supplicar a cardeaes e a prelados, qual outro *Palestrina* para que a *Messa di papa Marcello* fôsse pela ultima vez ouvida.

Graças ainda ao illustre compositor das *Chopinianas*, essa missa foi executada pomposamente na cathedral de Montevideo em 1897, regida pelo organista-mór Carmelo Calvo, por occasião das exequias do nosso ministro da guerra o Marechal Machado Bittencourt.

O eximio romancista da *Innocencia*, quaes outros Macedo e Alencar, sob o pseudonymo de Silvio Dinarte cultivou seu robusto talento nas artes, litteratura e sciencias.

Na litteratura como romancista escreveu: *Mocidade de Trajano*, publicado em dous volumes no Rio de Janeiro em 1871. *Innocencia*, o seu melhor romance, teve quatro edições em portuguez, a ultima em 1899, da casa Laemmert & C.ª A primeira appareceu em 1872. Foi impressa na Typographia Nacional, em um volume in 8.º de 289 pags. Quando foi publicado, o saudoso litterato senador Francisco Octaviano augurou-lhe amplo successo, prophecia realisada. Em 1892 veiu á luz a segunda edição; em 1896 a terceira, em 1899 a quarta; em menos de tres annos duas edições.

Tem tido muitas traducções em varias linguas, até na japoneza.

Em 1896 foi traduzido para o francez pelo litterato Olivier du Chastel, e editou-o a casa Léon Chailley, de Paris. O traductor declara no Prefacio ser uma das obras primas do Visconde de Taunay, e ter sido pela primeira vez publicado em francez um romance brasileiro.

O eminente litterato portuguez Pinheiro Chagas, analysando a *Innocencia*, diz ter lido com summo prazer em tempo a *Mocidade de Trajano* e que na *Innocencia* Silvio Dinarte demonstra ser um romancista na extensão da palavra, e que occupa sem duvida um lugar importante

entre os escriptores brasileiros, que seguem a litteratura verdadeiramente nacional, com caracter especial patrio. O abalisado critico brasileiro Snr. José Verissimo julga que o romance *Innocencia*, pela estimação e renome, compete com o *Guarany* e a *Iracema* de José de Alencar.

São estes os tres romances, actualmente, mais queridos do povo brasileiro. N'esses dous ultimos, a faculdade predominante do escriptor, o merecimento principal da obra, é a capacidade de idealisação, a força da imaginação que crêa realmente um mundo e uma vida nova. Na *Innocencia* o merito, grande, é de differente especie, mas talvez não menos relevante. E' um quadro realista, na mais pura accepção do realismo na arte; um quadro, uma pintura de mestre, que todos foram de facto realistas, não uma photographia.

Na epocha do seu apparecimento, era o romance de Taunay uma perfeita novidade na nossa litteratura, uma obra distincta, pouco parecida com o que então tinhamos. Estavam em voga os romances de Alencar, de Macedo, de Bernardo Guimarães; Machado de Assis só publicou o seu primeiro romance d'ahi a tres annos. Alencar era puramente romantico e idealista. Bernardo Guimarães, com qualidades artisticas e litterarias negativas, como Macedo, era como Alencar, um romantico idealista Taunay levado pelos instinctos praticos de seu genio, pelo realismo do seu temperamento, inaugurou no Brasil o romance verdadeiro da vida brasileira, romance real, exacto, copiado do natural.

E' esse o juizo do illustre academico José Verissimo.

O nosso mestre Dr. Sylvio Romero considera que o enredo da *Innocencia* é bem feito, as scenas naturaes, os typos populares abundantes. E' do mesmo genero que o de *Paul et Virginie* de Bernardin de Saint Pierre, *Atala* de Chateaubriand e *Iracema* de Alencar, mas de paysagens de côres mais pallidas.

A Mocidade de Trajano, segundo o Snr. José Verissimo, é um quadro exacto da nossa vida e da nossa paisagem, pela excellencia da sua composição, pela lingua

correcta, singela e graciosa em que está escripto. Para o mesmo critico a *Innocencia* vale tanto como *Paul et Virginie*. N'elle, porem, ha um sopro de heroismo, uma bravura leonina, mimoso idyllio, obra de um artista, de um patriota. Na *Innocencia* ha embellezamento de paisagem nas scenas descriptas; na *Mocidade de Trajano*, como nos demais romances e contos, ha paginas do activissimo socio da Sociedade Central de Immigração ou do politico militante.

Depois dos Luziadas de Camões foi o livro que tem sido traduzido em maior numero de linguas. *Innocencia*, se lê no *Journal des Debates*, de 3 de Junho de 1896: «é um estudo de paixão intensa e pura que pode ser manuseado por todos, o enredo recorda um pouco o de Paul et Virginie, mas em outro clima, em regiões desconhecidas do Brasil, cuja descripção é, de per si, uma revelação.

Na *Mocidade de Trajano*, o Dr. Sylvio Romero encontra abundancia de individuos, de genios, profissões e cathegorias diversas; se bem que seja bom romance, entretanto, não é tão bom como a *Innocencia*.

Ouro sobre azul. Rio de Janeiro, 1875. Bem concebido desappareceu logo do mercado de livros no anno seguinte; teve segunda edição e terceira, esta ultima publicada pelo livreiro editor do Rio de Janeiro, H. Garnier.

Lagrymas do coração, manuscripto de uma mulher Rio de Janeiro, 1873. E' um livro bem feito, se bem que não tenham sido desenhados certos typos com fidelidade.

Narrativas Militares. Scenas e typos. Rio de Janeiro, 1878.

Historias Brasileiras. Rio de Janeiro, 1874. Editor B. H. Garnier. N'esse livro o auctor trata de um episodio *De Ierecê a Guaná;* de um proverbio em um acto: *Da mão á bocca se perde a sopa;* de um episodio da invasão paraguaya em Matto Grosso—*Camiran a Hinibrinas*—, *do vigario das Dôres*, e de uma narração: *Juca o Tropeiro*.

Nas suas longas e varias viagens o Visconde de Taunay fizera muito ampla colheita de factos e observações, que mais tarde, auxiliado pela sua felicissima memoria, serviram para assumpto d'esse e de outros trabalhos. As suas excursões pelo interior do paiz despertaram-lhe o gosto de escrever; aproveitou-se d'ellas para publicar romances e contos, nos quaes apresenta-nos logares e personagens por elle vistos e visitados. Accumulou grande cabedal, de modo que, ainda trinta annos depois, tinha immenso material para produzir preciosos trabalhos. Temperamento artistico, em todas as suas descripções revela ter sido aquarelista e musico, pela côr e som, que a cada passo se percebe.

«A Guerra do Paraguay», diz o Dr. Sylvio Romero, a grande officina em que Escragnolle Taunay teve de lidar com os homens, proporcionando-lhe ensejo de estudal-os e conhecel-os, serviu-lhe para os seus escriptos, que foram de tres especies: livros de pura historia, narrativas, romances e contos».

Céos e Terras no Brasil. Rio de Janeiro, 1882. Typ. de G. Leuzinger & Filhos. E' um livro de litteratura em que o auctor descreve muitos e variados quadros da natureza brasileira, começando pela pintura natural e amena, que faz do sertanejo e do camarada e terminando com duas fabulas: *Fantasias.*

Os quadros da natureza brasileira foram vertidos para o allemão pelo Dr. Carlos Muller, para o hespanhol pelo Dr. Vicente Guesada e postos em versos portuguezes pelo Snr. Portella (de Evora).

Para taes descripções o Visconde de Taunay tinha talento soberbo. Nenhum brasileiro, n'esse genero, foi mais impressionista, nem teve concepção mais artistica.

Nos seus *Quadros* Taunay pinta cousas as mais bellas e vivas côres de rica palheta, o espectaculo das scenas da nossa patria: *A Aurora, O Meio Dia,, A Tarde* e a *A Noute.*

Com o pseudonymo de Heitor Malheiros imprimiu em 1894, uma obra em dous volumes: *O Encilhamento.* Scenas contemporaneas da Bolsa em 1890, 1891 e 1892.

De leitura amena e facil, estylo elegante, concisão de phrase e clareza de exposição, n'esse trabalho concorrem todas as condições para ser vivamente recommendado aos estudiosos das cousas patrias. E' uma bella composição do illustre escriptor. Espirito culto e artistico, ha n'esse livro scintillações, anedoctas, commentarios Ha paginas de bôa, correcta e animada descripção.

No Declinio, publicado, a principio, em folhetim da *Cidade do Rio*, e depois em livro de 274 pags., pelo livreiro editor Ribeiro, Macedo & C.ª Rio de Janeiro, 1899, é o melhor romance depois de *Innocencia*. De assumpto attrahente, o final é tratado com distincção e vigor.

O Snr. José Virissimo, criticando-o, achou n'esse livro a influencia das novas correntes litterarias e das novas ideas da arte e uma preoccupação da forma que vae até o purismo.

Ao entardecer, contos varios. Rio de Janeiro. H. Garnier. Livro posthumo, publicado em 1901. São contos reunidos em livro, quasi todos de nota alegre, apezar do titulo melancholico *entardecer*.

Como dramaturgo, escreveu os dramas: *Amelia e Smith* e a *Conquista do Filho*.

Artista, cultivou com grande gosto a musica, na qual produziu bellissimas composições, sob o pseudonymo de Flavio Elisio, entre as quaes mencionaremos: *La jalousie*, scene de bal, para piano e canto. *Doute d'amour*, romance. *Immer*, walsa para piano. *Deux souvenirs*, idem. *Le pusucht*, idem. *Révélation*, idem. *Leger succès*, idem.

Estas seis walsas foram publicadas com o titulo de *Chopinianas*.

Dous caprichos, para piano e rabeca. Op. 12 e 13. *Sonata em mi bemol*. Op. 13. *Désir de plaire*, walsa brilhante Op. 14. *Bonheur de vivre*, idem, Op. 15.

Na Revista Brasileira de 1879 escreveu uma memoria ou artigo critico sobre a opera os *Huguenotes* de Mayerbeer.

Estreou a sua carreira litteraria publicando em um volume as *Scenas de Viagem, explorações entre os rios Taquary e Aquidaban*, no districto de Miranda, memoria

descriptiva. Rio de Janeiro, 1863. 187 pags. in 4°. Esta obra é seguida de um vocabulario da lingua guaná ou chané e foi ella que deu entrada ao Major Taunay no Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

A commissão subsidiaria de trabalhos geographicos d'esse Instituto, tendo como relator o Dr. José de Saldanha da Gama e como membro Giacomo Raja Gabaglia, foi de parecer que o seu auctor revelava espirito intelligente e operoso, tendo sabido accumular, no seu opusculo, muitos conhecimentos uteis, primando entre elles as indicações botanicas a respeito das plantas que encontrava no seu itinerario, grande numero de elementos interessantes em relação ao estudo da lingua *Guaná* ou *Chané*, animaes e vegetaes uteis, historia da viagem da força expedicionaria de Matto Grosso, da qual elle fez parte, etc.

Foi orador d'aquelle Instituto até 1889.

Nunca será esquecida, sempre soará aos ouvidos a impressão que nos causavam as bellas e elegantes phrases, em estylo primoroso e conciso, como que repassado de sentimento e bem compenetrado da sua missão; tratando dos socios fallecidos punha em relevo e realçava seus feitos mais recommendaveis e as suas acrisoladas virtudes.

Sobre viagens escreveu mais: *Viagem de regresso de Matto Grosso á Côrte*, memoria escripta em 1867 e publicada na Revista do Instituto Historico, tomo 32, parte 2ª. *A expedição do consul Langsdorff ao interior do Brasil*, esboço de viagem feita desde Setembro de 1825 até Março de 1829, escripto original francez pelo desenhista da commissão scientifica Hercules Florence. Traducção. Sahiu na Revista do Instituto Historico, tomo 38, 1875, parte 1.ª pags. 355 e 469 e parte 2.ª pags. 231 a 309, concluindo-a no tomo 39, 1876, parte 2.ª, pags. 157 a 183.

De Hercules Florence traduziu ainda e publicou no tomo 39, 1876, parte 2.ª, pag. 321 e seguintes, da Revista do citado Instituto: *Zoophonia, memoria pelo senhor Hercules Florence no anno de 1829.*

No *Vulgarisador* de Santa Catharina, tomo 1, pags. 2, 13, 21 e seguintes escreveu: *As Caldas da Impe-*

ratriz. *Aguas thermaes* da provincia de Santa Catharina memoria, que, do mesmo modo, appareceu no tomo 42 1879, parte 2.ª, pags. 30 e seguintes d'aquella Revista.

Em 1871 reuniu e publicou em um volume uma serie de artigos, dados á lume, com o pseudonymo de Carmontaigne, André Vital, Mucio Scevola, etc., sobre o elemento servil; e em 1874 os apparecidos sob o de *Sentinella*.

Como critico escreveu: *Estudos Criticos*. Rio de Janeiro 1881. Varios trabalhos estampados na imprensa diaria, sobre a historia da guerra do Pacifico, etc., alem de outros.

Como politico, do Visconde de Taunay ha, sobretudo, dous interessantes livros: *Questões politicas e sociaes*. Discursos proferidos nas duas primeiras sessões da 16.ª legislatura de assembléa legislativa. Rio de Janeiro, 1877. 64 pags. in 8°. Referem-se a forças de terra. *Cartas Politicas*, dirigidas ao eleitorado conservador. Rio de Janeiro 1889. 73 pags. in 8.°

N'essas *Cartas*, convictamente monarchico, combate a republica, na supposição de que a monarchia tinha profundas raizes em todo o Imperio do Brasil. Repelle com energia a *federação*, preferindo, muito embora, a descentralisação ao federalismo, que viria desmembrar, esphacelar as diversas provincias. Indica reformas sociaes de exito e facil realisação, taes como: a immigração europea, de que sempre foi grande proselyto, não a immigração, como se estava procedendo, mas a grande immigração, cujas vantagens advindas para o Brasil o notavel publicista eloquentemente apontou.

Como homenagem de reconhecimento, saudade e admiração á memoria do illustre estadista, Visconde do Rio Branco, deu á luz em francez, a 10 de Novembro de 1884, quarto anniversario do seu fallecimento, seo esboço biographico, com destino á uma revista europea: Le Viconte de Rio Branco. Ébauche Biographique. Traducção de algumas notas escassas fornecidas pelo eminente biographado, as quaes faziam parte de um outro esboço em portuguez. A. d'Escragnolle Taunay. O Vis-

conde do Rio Branco. Esboço Biographico. Rio de Janeiro 1884. Typ. de G. Leuzinger & Filhos, in 8.° de 34 pags.

Muitas outras biographias escreveu, umas existentes em Revistas do Instituto Historico, outras em folhetos avulsos, taes como as de Leverger, Corrêa do Lago, etc.

Accabrunhado por tenaz enfermidade, que lhe determinava grandes soffrimentos, tinha por costume lêr os artigos referentes aos males que o affligiam. Enthusiasmado pelos excellentes resultados que obteve com a applicação do tratamento Kneipp, resolveu tornar-se franca e publicamente convencido propagandista das ideas do humanitario Vigario de Woerishofen e escreveu, a principio, uma serie de artigos nas conceituadas Gazetas de Noticias e de Petropolis, os quaes, mais tarde, reunidos e collecionados, deu á luz em um livro de 213 pags. in 8.° pequeno, com o titulo: *Como me tornei kneippista*, sob o pseudonymo de Jorge Palmer.

O seu trabalho encerra a substancia exacta e conscienciosa do quanto, em seus lineamentos geraes, ensinava o padre Sebastião Kneipp, na sua obra: *Meine Wasser-kur* (Meu tratamento pela agua), producção prolixa, por vezes confusa, ainda que escripta com todo o sentido de propagandista.

No Jornal do Commercio escreveu varios estudos, sob o titulo de *Estrangeiros Illustres e Prestimosos no Brasil*, desde os principios do seculo até 1892, os quaes depois collecionou e transcreveu na Revista do Instituto Historico de 1894, tirando-os em avulso.

E' trabalho de grande pesquiza e paciencia. N'elle o seu auctor passa em revista os francezes, inglezes, allemães, austriacos, hungaros, suissos, gregos, dinamarquezes, russos, italianos, belgas, polacos, hollandezes, hespanhoes, suecos e americanos do norte, que nos tem prestado relevantes serviços.

Como militar, são recommendaveis os seus trabalhos: *Relatorio geral da commissão de engenheiros junto ás forças em expedição para a provincia de Matto Grosso* (1865 a 1866), correcto, augmentado e apresentado ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pelo ex-

secretario da commissão, etc. Sahiu na Revista tomo 37, 1874, parte 2.ª, pags. 79 a 177 e 209 a 340.

Campanha do Paraguay, commando em chefe de S. Alteza o Senhor Marechal do Exercito Conde d'Eu. Diario do exercito. Rio de Janeiro 1870, 404 pags. in 4°. Publicando este Diario o Snr. Taunay nenhum fim teve mais do que fornecer dados para uma futura historia da memoravel campanha das Cordilheiras. Trata dos factos occorridos de 16 de Abril de 1869, data em que S Alteza assumiu o commando em chefe do exercito, a 29 de Abril de 1870, data da sua entrada na Capital do Imperio.

Questões Militares. A classe militar perante as camaras. Rio de Janeiro 1879. 32 pags. in 8°. São artigos que sahiram no Jornal do Commercio por occasião da apresentação na Camara dos Deputados dos projectos additivos e substitutivos ás propostas de leis da fixação de forças de mar e terra para o anno de 1879 a 1880.

Amigo e admirador do glorioso maestro Carlos Gomes, na noute de 25 de Julho de 1880, no saráo do Congresso Militar, pronunciou um eloquente discurso elogiando o estimado compositor brasileiro. Sahiu no Jornal do Commercio e no Cruzeiro, por determinação do mesmo Congresso, e a expensas suas em um folheto in 8.°, Rio de Janeiro.

Secretario da commissão que devia representar a provincia de Goyaz na Exposição Universal de 1875, apresentou um longo e minucioso relatorio, o qual, em um livro de 62 pags. in 8.°, em XVII capitulos, começa por um estudo historico, em que trata da riqueza mineral, das vias fluviaes, dos productos naturaes, da fauna e flora, das madeiras, do fumo, trigo, algodão, fructos, etc.

Em 1874 no Rio de Janeiro fez apparecer em livro o Vocabulario da lingua *guaná* ou *chané*.

Como historiador, a sua monumental obra foi *La Retraite de Laguna*. Teve successo universal; do francez foi vertida para o allemão, inglez, hespanhol, italiano e sueco; as edições são accompanhadas dos mais calorosos elogios, appellidando ao escriptor de *Xenophonte moderno*. Traduziu-a em ultima edição para o portuguez o Dr. Sal-

vador de Mendonça. Distribuiu-se, pela primeira vez, no Rio de Janeiro em 1871, em um volume de 224 pags. in 4.°, impresso na Typ. Nacional. Teve novo apparecimento em Paris, em 1879, prefaciado por M. X. Reymond e publicado por C. Plon & C.ª; antes d'elle tivemol-a em 1874 em portuguez, versão, como dissemos, de Salvador de Mendonça, por ordem do senador João José de Oliveira Junqueira, então ministro da Guerra.

E' um dos livros de auctor brasileiro, que mais tem sido applaudidos pelas illustrações europeas. Lery dos Santos, no *Pantheon Fluminense*, apreciando-o, refere que elle mereceu os mais sinceros elogios de criticos eminentes, como Cruvillier Fleury, general Ambert, Fournier e sobretudo Ernest Aimé, que no tomo XIV da *Revue Bibliographique et Litteraire*, n.° 9 do mez de Setembro de 1879, criticando o trabalho, termina escrevendo: «Le livre de M. d'Escragnolle Taunay fera admirer par toute l'Europe les prodiges de la *Retraite de Laguna*.

Cruvillier Fleury, da Academia Franceza, abalisado critico contemporaneo, tendo lido minuciosamente essa interessante narrativa, na sua apreciação, intercalla trechos, que lhe parecem ser de summa belleza.

Em Berlim, o *Militarische Wochenblatt*, analysando a traducção do Conselheiro L. Schneider, diz ter o livro verdadeiras paginas de Plutarcho, tendo todo o soldado que aprender com a sua leitura; é uma *Anabasis Xenophontica*.

A *Revue Britannique* e a revista ingleza *Saturday Review* appellidaram-no de *Xenophonte moderno*. Para ellas, a retirada dos Dous Mil, na Laguna, é uma verdadeira *Anabasis*.

O eminente litterato portuguez Pinheiro Chagas escreveu sobre esse bello livro o seguinte: «Ha uns poucos de annos contava eu n'um pequeno volume a historia da guerra do Paraguay, campanha mal apreciada na Europa e que honra deveras as tropas brasileiras. Rodeara-me para emprehender esse trabalho de todos os livros que podera obter, e entre esses veiu-me ter ás mãos um livro que se intitulava *La Retraite de Laguna* por Al-

fredo d'Escragnolle Taunay. O auctor d'essa obra era evidentemente um mestre na arte de escrever, estava escripto no mais puro francez, mas sem aquella affectação de purismo que denuncia quasi sempre um estrangeiro. Sorvendo aquellas paginas com grande calor affirmava eu n'uma nota que as escrevera um official francez ao serviço do Brasil.»

Disputando Xenophonte, se não o excedeu, avantajou-se, comtudo, na belleza do estylo litterario, narrativo e elegante. Assumiu o elevado gráo de conceituado historiador e basta isso para a glorificação do seu nome e para a perpetuidade da sua memoria.

Em todos os seus trabalhos manifesta-se evidente o critico. Salientou-se, especialmente, no romance, porque a imaginação, que é a musa d'este ramo da litteratura, nunca o desamparou, se bem que ciumenta da historia— *Retraite de Laguna.*

Os seus innumeros e variados livros deixaram ao nobre Visconde tempo bastante para enriquecer a Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e varios jornaes de preciosas memorias, cujo avultado numero não permitte menção especial de cada uma d'ellas.

A mór parte d'aquellas referidas memorias foram publicadas, mais tarde, em folheto avulso; duas, porém, só figuram na Revista: *Curiosidades da provincia do Paraná*, no tomo 53, parte 1.ª pag. 193 e *Indios Caingangs* (Coroados de Guarapuava), monographia accompanhada de um vocabulario do dialecto de que usam; no tomo 50, supplemento pag. 251.

Na Revista Brasileira escreveu: *Um litterato argentino, D. Garcia Merou*, publicado a 1 de Março e 1 de Abril de 1894. A 15 de Novembro e 15 de Dezembro de 1895, 15 de Janeiro, 15 de Fevereiro, 15 de Março, 15 de Outubro de 1896 e 8 de Janeiro de 1897 fez apparecer: *O padre José Mauricio*. A 15 de Dezembro d'esse anno: *Um soneto celebre e Memorias do Segundo Reinado*. Trabalhos criticos.

A 14 de Março de 1891 publicou o opusculo: *Algumas Verdades*, que mereceu do Senhor D. Pedro II varias notas publicadas.

S. Magestade sobre o mesmo assumpto egualmente annotou os livros dos Snrs. Joaquim Nabuco, Conselheiro Christiano Benedicto Ottoni e Dr. Alberto de Carvalho.

São das suas ultimas producções as *Memorias do Visconde de Taunay*, que em um volumoso envolucro lacrado e sellado com as armas de Visconde conferiu á guarda do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em sua arca de sigillo, para só ser aberto e publicado em 1943, centenario do seu nascimento.

Formando mais de dez volumes, extrahiu d'ellas interessantes passagens, que, sob as epigraphes *Reminiscencias politicas e Coisas*, publicou na *Noticia* da Capital Federal e no *Commercio de S. Paulo*.

O Dr. Sylvio Romero, em uma critica que faz do nosso illustre biographado, em numeros de Junho e Julho de 1901 da *Gazeta de Noticias*, diz: «A educação aprimorada recebida dos seus nobres e talentosos pais, educação a que se ajuntou mais tarde extensa viagem pelo Velho Mundo, apezar de todo o seu *brasileirismo*, não apagou um certo que de *estrangeiro*, manifestado pelo sonhar constante com a immigração, colonisação, grande naturalisação, casamento civil, etc.»

Para aquelle douto e abalisado litterato Escragnolle Taunay pertenceu ao grupo d'aquelles que seguiram as pegadas do auctor do *Guarany* e *Iracema*. Não tendo tido aquelle talento de observação psychologica, comtudo accentuou-se no sentimento da paisagem, expontaneidade da narrativa, conhecimento directo da natureza brasileira, singeleza do estylo; sem ter tido, não obstante a elegancia e distincção, no dizer de Machado de Assis, a eloquencia e graça de Alencar.

Victima de cruel molestia, falleceu a 5 de Janeiro de 1900 á rua Largo de S. Joaquim, Capital Federal.

A sala principal da casa do illustre morto foi transformada em camara ardente, tendo aos pés o altar e ao

lado esquerdo da eça o retrato do fallecido, em ponto grande.

O corpo estava vestido com a farda de senador do Imperio, vendo-se no peito diversas condecorações.

Na sala e em roda do esquife existiam espalhadas innumeras corôas, homenagem de saudade da sua respeitavel familia e dedicados amigos.

O seu caixão foi coberto com o estandarte da Sociedade Beneficente Protectora dos Cocheiros.

A's 5 horas da tarde do dia seguinte, sahiu o enterro, conduzindo o caixão o general Cantuaria, Dr. Joaquim Nabuco, general Costa Guimarães, Dr. José Verissimo, Feliciano Penido e F. Catão.

Ao coche funebre accompanharam mais de cem carros; no cemiterio de S. João Baptista da Lagôa, grande numero de pessoas esperavam o feretro, que do carro ao carneiro n.° 1464 foi alternadamente levado pelas pessoas presentes.

Ao descer o corpo á sepultura, pronunciou o Dr. José Verissimo uma tocante allocução. Em seguida fallou o Dr. Joaquim Nabuco; tomou da palavra por ultimo o Dr. Francisco Catão, particular amigo do finado, que produziu uma oração cheia dos mais nobres e elevados sentimentos de saudade e de enternecida amizade.

O Visconde de Taunay deixou uma memoria honrada e um exemplo digno de ser continuado por aquelles que estudam e se interessam pelo engrandecimento das letras patrias.

Viveu para o Brasil e para as letras, e para estas concorreu com as mais bellas provas do seu robusto talento.

A litteratura nacional perdeu com o seu desapparecimento um dos mais illustres representantes.

O esboço bio-bibliographico do Visconde de Taunay, que ora apresentamos, não é mais do que uma commemoração de factos referentes a tantas victorias da sua culta intelligencia e do seu labor incessante, durante uma vida excepcionalmente util e brilhante.

Foi um dos mais notaveis e conspicuos brasileiros, que á sua querida patria dedicara as melhores forças da sua vigorosa cerebração, as mais intensas energias da alma, durante o tempo da sua não longa mas preciosa existencia.

Probo, generoso, amigo leal, patriota, capaz de todos os sacrificios, operoso e instruido, deixou uma memoria assignalada. Tornou-se um dos primeiros vultos da nossa historia litteraria dos tempos mais modernos. Apreciado e engrandecido levou para o ornamento da sua sepultura, acima da sua corôa de Visconde, grandeza de maior fulgor, que nenhum poder humano confere, que só a munificencia divina liberalisa - os seus dous gloriosos livros: *Innocencia* e *Retirada da Laguna*.

O Visconde de Taunay foi um combatente, um triumphador, procurando, embora, um abrigo na morte. O certo é que elle não morreu.

Da sua campa desprende-se luz, que aclara os horizontes, della muito amor patrio se levanta para guiar futuras gerações.

A pausa do sepulchro não pode fazer esquecer o seu nome, que tanto illustrou a mentalidade brasileira. A historia o trasladará para as suas paginas immorredouras, onde só tem brilho, onde só tem artistico relevo o talento e os feitos d'aquelles que se votaram aos grandes ideaes que nobilitam individualidades e povos.

José Arthur Montenegro

O laborioso cearense, cuja bio-bibliographia vamos ligeiramente esboçar, foi um predestinado da intelligencia, e soube d'ella se aproveitar para o engrandecimento das letras patrias.

A 20 de Fevereiro de 1864 nasceu em Uruburetama, Estado do Ceará, o menino José, filho de Antonio Thiago de Mello e de D. Maria Ermelinda Montenegro de Mello.

Foi carinhosamente educado por seus pais, que apezar de pobres, extremosos não lhe regatearam instrucção esmerada.

Desde muito moço ligou grande interesse á guerra contra o dictador Lopes, periodo verdadeiramente epico da nossa historia, ao qual o patriota Montenegro consagrou todo o seu enthusiasmo juvenil.

Ancioso de conhecer por observação directa as costas do Brasil, de 1878 a 1880, praticou pilotagem com seu tio José M. de Amorim Bezerra, accompanhando-o como mareante em diversas viagens.

Em 1881 deixou essa carreira para matricular-se, como praça de linha, na Escola Militar, onde fez o curso de preparatorios. Desligando-se em 1884, em 1889 pediu demissão do exercito para ir servir como auxiliar de 1.ª classe da commissão fiscal da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguayana, onde se conservou até 1898, quando retirou-se para a capital da sua terra natal—Fortaleza—, para procurar allivio a uma tenaz enfermidade—tisica laryngea—, que o levou ao tumulo a 3 de Abril de 1901, na cidade do Rio Grande.

Em 1888 desposou a Snra. D. Thereza Montenegro, distincta rio-grandense, sua inseparavel companheira, de quem houve um filho.

No lar domestico, como na vida publica e litteraria, Montenegro foi sempre correctissimo e exemplar cavalheiro, dedicado na amizade, querido na familia, fervoroso pela patria.

Durante os mezes que residiu no Ceará, obteve sensiveis melhoras. Ahi desempenhou o cargo de secretario da Estrada de Ferro de Baturité, até ser ella arrendada a uma empreza encorporada pelo engenheiro Alfredo Novis.

Regressando ao Rio Grande do Sul foi exercer identico cargo na Estrada de Ferro do Rio Grande a Bagé, cargo que occupou até o dia do seu fallecimento.

Foi litterato operoso, historiador erudito. Os quinze annos de crueis padecimentos, que torturaram a sua curta existencia, não o affastaram do trabalho, com que serviu ás lettras e á patria.

Confeccionou guias bibliographicas, annotou diversos livros nacionaes e estrangeiros, uma avultada quantidade de memorias, esparsas umas, outras inseridas em varias revistas, muitas finalmente ineditas. Collaborou nos jornaes: *Republica*, do Ceará; *Diario do Rio Grande*, d'essa cidade; *Correio Mercantil*, de Pelotas; *Correio do Povo*, de Porto Alegre e *Seculo* de Lisbôa.

Dedicando-se com ardor aos estudos da historia do Brasil, sobretudo aos que se referem á guerra contra o Paraguay, deu á luz as *Ephemerides* das campanhas do Uruguay e Paraguay, extrahidas da sua obra inedita: *Guerra da triplice alliança*. No Prefacio declara: Darei a conhecer o meu livro sobre o Paraguay, provocarei discussão, d'onde far-se-ha luz sobre muitos casos ainda obscuros e attrahirá para o meu archivo os dados que me faltam.

Diccionario historico geographico do Estado do Rio Grande do Sul, iniciado em 1889. D'elle foram publicados differentes trechos, sob a denominação de: «Notas para a Carta Geographica do Rio Grande do Sul», Rio Grande, 1895. 59 pags. in 8°. Offerecidas á Academia Cearense e ao seu amigo e illustre conterraneo o Dr. Guilherme Studart (Barão de Studart). Foi o seu primeiro trabalho geographico. Trata da *Bacia do Ibicuhy*, do *Arroio Tahim*, *Coordenadas geographicas e Altitudes*,

Foram muito elogiadas por toda a imprensa, principalmente pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Abriram-lhe as portas da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e de Lisbôa e da Academia Cearense.

Publicou ainda o *Diccionario das madeiras do Brasil*, que tomou por base o *Ensaio do Indice Geral das madeiras do Brasil*, dos engenheiros André e José Rebouças.

Historia da guerra Chileno-Perú-Boliviana, 1879 a 1881, da qual fez apparecer alguns excerptos, na imprensa diaria, como no Diario do Rio Grande de 30 de Maio, n.os 3, 4 e 5 de Junho de 1893, transcriptos no Almanach Popular do Rio Grande do Sul de 1894. Foi apreciada esta obra pelo contra-almirante D. Luiz Uribe y Orsego, commandante da Escola Naval de Valparaiso e pelo coronel peruano D. Juan A. Arona.

Memorias de M.me Dorothea Duprat Lasserre. Versão do manuscripto original, annotado pelo traductor. Teve duas edições: a primeira em Setembro e a segunda em Dezembro de 1893.

Constituem um trabalho interessante por tratar de um assumpto posto á margem pelos historiadores da campanha do Paraguay e que Montenegro chamou á si para tornal-o conhecido.

M.me Lasserre, salva do degredo do Espadim pela expedição do tenente-coronel José Antonio de Moura, escreveu estas *Memorias*, em 1870, a pedido do coronel Dr. Francisco Pinheiro Guimarães.

Nas suas *Memorias* M.me Lasserre descreveu os assombrosos martyrios por que passaram milhares de delicadas senhoras da melhor sociedade, *designadas* pelo monstro paraguayo para morrer nos desertos de Iguatemi. Os penosos soffrimentos de M.me Lasserre e de suas companheiras desgraçadas foram a consequencia natural dos acontecimentos de S. Fernando em 1863. M.me Duprat Lasserre nos transmitte o historico dos soffrimentos inauditos d'essa porção de viuvas e orphãos, salvos pelo exercito brasileiro nos desertos de Espadim.

Historiador correcto e elegante, o illustre cearense verteu para a lingua vernacula esses horrorosos factos, accompanhados de curiosas notas, testemunho do valor do estudioso e escolhido historiographo.

Guerra do Paraguay. Monographias Historicas por Juan Silvano Godoy, com um appendice contendo o capitulo VIII do livro de Benjamin Mossé sobre a campanha do Paraguay e depoimento do general D. Francisco Isidoro Resquin, Rio Grande 1895. 130 pags. in 4°.

E' o primeiro trabalho historico, sobre a lucta de 1864 a 1870, que sae de uma penna paraguaya.

Em appendice o traductor e annotador ajuntou um trecho do livro d'aquelle escriptor francez—*D. Pedro II*, no qual resumidamente historía com precisão e notavel imparcialidade todos os successos d'essa tremenda guerra e o depoimento do general Isidoro Resquin, chefe do estado maior do Marechal Solano Lopez.

E' uma obra curiosa e interessante para os que se dedicam a esses assumptos historicos brasileiros.

Viagem pittoresca pelos rios Paraná, Paraguay, S. Lourenço e Arinos por B. Bossi. Versão para o portuguez em 1864, annotada e publicada em Fevereiro, Março e Abril de 1894 no *Echo do Sul.*

Esta traducção foi muito louvada pelas imprensas platinas e castelhanas; sobretudo tratando-se de uma composição rara, se bem que contemporanea.

Christovão Colombo e o descobrimento da America. Historia da geographia do Novo Continente e dos progressos da astronomia nautica nos seculos 15.° e 16.° por Alexandre Humboldt. Foi traduzida de 1884 a 1885. e publicada de 1893 a 1894 na *Actualidade.*

Uma das ultimas producções d'este laborioso auctor é, por sem duvida, a edição especial do poema epico de José Basilio da Gama, *O Uruguay* , com annotações e prefacio de XXV pags., no qual em larguissimos traços trata dos antecedentes do *momento historico* alcançado pelo poema de Basilio da Gama, periodo que, originando-

se na fundação da Colonia do Sacramento (1680), constitue o inicio dos acontecimentos politico-sociaes do actual Estado do Rio Grande do Sul.

O poema de Basilio da Gama teve diversas edições. A primeira apparecida e impressa em Lisbôa em MDCCLXIX na Regia Officina Typographica; uma outra do Rio de Janeiro (Vinheta), publicada pela Imprensa Regia em MDCCCXI; uma nova edição de Lisbôa sahida da Imprensa de José Nunes Esteves; a publicada na Minerva Brasiliense, ou collecção de obras originaes ou traduzidas de auctores classicos, tomo II. Typographia Austral, 1884; a editada pelo Dr. Francisco Adolpho Warnhagen, posteriormente Visconde de Porto Seguro, estampada na Imprensa Nacional de Lisboa em 1845, sob o titulo *Epicos Brasileiros*, Basilio da Gama, *O Uruguay*—Frei José de Santa Rita Durão, *O Caramurú*.

Quatro outras edições vieram á luz: a de Paulo Brito em 1856, impressa na Typ. Dois de Dezembro; a da Galeria de Escriptores Brasileiros, de Francisco Pacheco, livraria classica de Alves & C.ª, Rio de Janeiro 1895; a traducção ingleza publicada por Burton, e finalmente o opusculo do nosso saudoso amigo Dr. Felix Ferreira, publicado pelo *Jornal do Commercio* em Agosto de 1895, para commemorar o primeiro centenario da morte do poeta.

Pelo que temos lido em Innocencio da Silva, Brito Aranha, Sotero dos Reis, Sylvio Romero, Pereira da Silva, e alguns outros bibliographos e historiadores, que se tem occupado com o immortal cantor d'*O Uruguay*, chegamos a concluir que a edição de Montenegro é a mais correcta e criteriosamente annotada.

Convidado pela Bibliotheca Publica de Pelotas, do Rio Grande do Sul, para escrever algum trabalho commemorativo do 4.º centenario do descobrimento do Brasil, Montenegro escolheu, para esse fim, a edição especial do poema, o que brilhantemente executou. Foi uma das mais estimaveis publicações do Centenario; bem recebida por

toda Imprensa nacional e estrangeira, que lhe teceu os maiores encomios.

A sua obra prima, porem, a de maior vulto, inedita, é a *Historia da guerra da triplice alliança contra o governo do Paraguay*, em oito volumes, dos quaes seis de texto, dous de annexos, ou documentos justificativos e um Atlas com 74 mappas do theatro da guerra, outro de batalhas, perfis de fortificações, etc. E' illustrada com photographias, representando as principaes batalhas de terra e mar com cerca de dous mil retratos dos officiaes dos quatro exercitos belligerantes, ministros, diplomatas, etc.

E' o trabalho mais completo sobre esse assumpto. Montenegro possuia quasi tudo que sobre elle se tem escripto em idiomas portuguez, francez, hespanhol, allemão e inglez.

Mezes antes do seu fallecimento, mostrou-nos um bello livro escripto em inglez pelo Dr. Assis Brasil, nosso ministro em Washington. E' uma refutação á obra do americano Thompson traduzida por Pereira da Costa e editada pelo fallecido livreiro Guimarães á rua General Camara.

Dispondo de uma riquissima e variada bibliotheca, correspondia-se com os principaes historiadores brasileiros e com os das republicas do Prata, Paraguay, Chile, Venezuela e Portugal.

Do saudoso Visconde de Taunay, de quem foi amigo, escreveu topicos de uma biographia, publicados na Revista da Academia Cearense.

Aquella sua ultima producção tencionava offerecer ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

De como se deu o inicio das relações amistosas que se dedicaram até a morte os dous illustres homens de letras fez-nos o historico uma vez o Barão de Studart numa daquellas suas eruditas palestras de que estamos a nos recordar sempre com saudade.

O Barão ouvio o episodio dos labios do proprio Montenegro.

Era a bordo de um vapor. Entre os passageiros contava-se o sargentoMontenegro, que estava a serviço da sua profissão. Uma tarde fazia elle a leitura de um livro, precisamente *A Retirada da Laguna*, quando se lhe approximam algumas pessoas; Montenegro entra a elogiar o livro de Taunay; um dos circumstantes indaga do moço enthusiasta si conhecia o auctor; Montenegro diz que não e o interlocutor se dá a conhecer. Era o proprio Taunay, que d'ahi a dias presenteava-o com alguns dos seus trabalhos a que acompanhava amiga e honrosa dedicatoria.

Daquelle encontro dataram os fortes liames que prenderam aos dous e de que foi fructo uma assidua e brilhante correspondencia, que, no dizer do Barão dará para volume de immenso valor muito para ser publicado.

Das paredes da sua sala de trabalho pendiam quadros emoldurando os mais distinctos diplomas de Associações, das quaes fazia parte: Instituto Historico e Geographico Brasileiro, occupando o logar de honra, ladeado dos da Academia Cearense e Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro; da Sociedade de Geographia de Lisbôa, da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, do Instituto de Coimbra, dos Institutos Historico e Geographico da Bahia e Archeologico de Pernambuco, do Instituto Geographico Argentino, Atheneu de Buenos Ayres, Centro Litterario do Ceará, Associação Guerreiros do Paraguay, Associação Homens de Letras de Caracas (Venezuela), etc., etc.

Taes foram as distincções dos seus meritorios trabalhos historicos e litterarios, com os quaes o seu nome passará triumphante ás consagrações posthumas.

Este operoso homem de letras, no dia em que veio a fallecr, deixou o seu gabinete abundante d'esses gloriosos tropheus e vasio dos cabedaes, que deveriam recompensar as horas ignoradas do seu grande labor.

Ao desamparo encontra-se a familia, mas José Arthur Montenegro legou-lhe honroso e fulgurante nome.

José Arthur Montenegro, vigoroso historiador da guerra contra o Paraguay, Barão de Studart, o erudito e fecundo cearense, quem melhor conhece e tem escripto sobre cousas da sua terra natal e Dr. Alexandre José de Mello Moraes Filho, conhecido escriptor das *Festas Populares do Brasil*, historiador poeta, poeta cultor do nacionalismo patrio, tem constituido a trindade dos nossos mais intimos e distinctos amigos.

Aos braços da piedosa cruz, que vela o tumulo do primeiro, suspenderemos uma corôa de orvalhados goivos; quanto aos outros, fazemos votos para que se lhes dilatem os dias, tão promettedores e uteis ás letras nacionaes.

PEQUENO DICCIONARIO

BIO-BIBLIOGRAPHICO CEARENSE

PELO

Barão de Studart

(CONTINUAÇÃO DA REVISTA N.° ANTERIOR)

Henrique Cesidio Samico.—Nasceu aos 21 de Agosto de 1845 em Fortaleza. Filho de José Henrique Samico e D. Rosalina Henriqueta Samico.

Estudou as primeiras lettras com D. Josepha de Abreu, que depois casou-se com o negociante Ildefonso José de Abreu, da casa Ingleza.

Quando já lia correctamente, foi para a escola publica do professor Manoel Caetano Spindola, d'onde sahiu preparado em Portuguez e Arithmetica, empregando-se então como caixeiro do seu tio Luiz Rodrigues Samico Sobrinho em uma loja de fazendas finas, onde esteve um anno.

Em 1858 vindo ao Ceará o major João Antonio Capote, que tinha sido amigo sincero e dedicado de seu pae, fallecido a 15 de Agosto de 1851 de febre ama-

rella com menos de 24 annos de edade, instou com sua mãe para consentir que elle fosse para o Rio de Janeiro para ser educado ás suas expensas, o que se deu em Fevereiro de 1859. Sendo Capote não só um amigo desvelado, mas um pae extremosissimo, em Março do mesmo anno entrou o joven Samico para o collegio Marinho, onde esteve algum tempo, indo depois para o collegio de S. Vicente de Paulo, em Nova Friburgo, dirigido pelo celebre e illustre Barão de Tautphœus, de veneranda memoria.

Matriculou-se em 1865 na Faculdade de Medicina formando-se a 15 de Dezembro de 1870, tendo defendido theses sobre *Vomitos rebeldes na prenhez.*

Foi Orador, 1.º Secretario, Vice-presidente e Presidente da commissão de Redacção da Revista do Instituto Academico, associação que ainda durou alguns annos depois da sua formatura.

Depois de formado foi para Europa em Março de 1871 tratando de aperfeiçoar os seus estudos medicos em Londres, onde demorou-se 8 mezes e meio, Vienna d'Austria, e Paris onde demorou-se anno e meio. Em Paris, em Abril de 1873, apresentou á Academia de Medicina um perfurador de craneo, que tem seu nome, sendo o apresentante o professor Depaul, que era então o Presidente dessa illustre corporação, e que leu a exposição a respeito, não consentindo que o professor Béclard o fizesse como secretario.

De volta ao Rio de Janeiro, onde chegou a 24 de Dezembro de 1873, dedicou-se á clinica.

Estando em Londres substituiu o Dr. Vintrás, Director do Hospital Francez da grande capital Ingleza, quando aquelle illustrado medico teve de ir visitar a familia no continente.

Em 1875 fez sua segunda viagem á Europa. Chegando a Paris, frequentou o curso de obstetricia e gynecologia do Professor Chantreuil e depois foi a Londres onde continuou com o sabio Professor Spenser Wells o mesmo curso.

Foi medico effectivo do Hospital da Sociedade Portugueza de Beneficencia, da Casa de Saúde S. Sebastião,

medico Parteiro da Casa de Saúde de Santa Thereza e medico da Fabrica de Tecidos Alliança.

Por serviços prestados á Sociedade Portugueza de Beneficencia foi feito seu socio Bemfeitor, agraciado com a sua Cruz Humanitaria, e condecorado com a commenda de N. S. da Conceição de Villa Viçosa pelo governo Portuguez.

Foi presidente da Sociedade Cearense de Beneficencia que durou pouco tempo, socio Benemerito da Associação Promotora da Instrucção, condecorado com as medalhas do 1.º, 2.º e 3.º gráos, socio Bemfeitor da Sociedade Amante da Instrucção e deixou ha 2 annos a Presidencia do Centro Cearense, do Rio de Janeiro, posto em que prestou os mais relevantes serviços.

No ministerio João Alfredo foi-lhe offerecido o cargo de Director da Faculdade de medicina do Rio de Janeiro, mas excusou acceitar semelhante distincção e conjuntamente o titulo de Barão de Samico.

E' actualmente um dos 21 Conselheiros da Ordem Medica Brazileira, fundada no Rio de Janeiro a 1 de Maio de 1901.

Henrique Graça.—Filho do Cons.º José Pereira da Graça (Barão do Aracaty), e nascido no Aracaty a 21 de Maio de 1854.

Bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de S. Paulo em 1880.

Foi promotor publico de Itaguahy, juiz municipal de S. Maria Magdalena, juiz de direito de Paraty, Theresopolis e Nictheroy e actualmente exerce esse cargo em Valença, Estado do Rio de Janeiro.

Henrique Leite Barbosa.—Nasceu em Fortaleza a 7 de Julho de 1861, sendo seus paes Miguel Augusto F. Leite e D. Thereza de Jesus Barbosa Leite.

Fez o curso de humanidades em Fortaleza e na Bahia, em cuja Faculdade doutorou-se.

Foi medico da Inspectoria de Hygiene do Ceará e ac-

tualmente faz parte do corpo de saude do 2.° districto militar com assistencia em Recife.

Publicou:

Hemorrhagias puerperaes. These apresentada á Faculdade de Medicina da Bahia em 30 de Setembro de 1885 afim de obter o gráo de doutor em medicina. Bahia Litho.-Typo. Liquori, Miranda & C.ª 8 Rua Nova das Princezas, 1885. 8.° de 49 pags.

Henrique Leopoldo Soares da Camara.— Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro perante a qual sustentou theses a 27 de Novembro de 1868. Nasceu em Fortaleza, sendo seus paes Francisco Emygdio Soares da Camara e D. Arsenia Mendes da Camara.

Representou em sua assembléa o Rio Grande do Norte, provincia onde por muito tempo exerceu a clinica. Reside actualmente em Campos.

Quando academico foi alumno pensionista do Hospital da Santa Casa de Misericordia e do Hospital de Marinha da Côrte; socio effectivo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e da Sociedade Medico-cirurgica de Observações; Membro fundador da Sociedade de Beneficencia Academica; Membro honorario do Instituto Academico e do Atheneu-Medico.

Do Diagnostico e tractamento das lesões dos orificios esquerdos do coração foi o ponto de dissertação de sua these, a qual foi impressa na Typographia Nacional, Rio de Janeiro, 1868 e tem 59 pp. inclusive as proposições

Henrique Raulino Mourão.—Natural de Jaguaribe-merim e filho do Coronel Antonio Mourão.

Tendo recebido ordens de presbytero no Seminario de Fortaleza em 1889, foi professor desse importante estabelecimento de instrucção e parochiou as freguezias do Arraial e Maranguape.

Sentindo vocação irresistivel para a vida de religioso entrou para a Ordem dos Capuchinhos e sob o

nome de Fr. Fidelis de Jaguaribe-merim tomou o habito no convento de Canindé deste Estado a 25 de Março de 1899.

Esteve imponente a ceremonia, sendo o acto presidido pelo prefeito Frei David de Dezenzano.

Foi o 1.º cearense que se fez missionario capuchinho.

Heraclito de Alencastro Pereira da Graça. —Nasceu na cidade do Icó a 18 de Outubro de 1837 e é filho do Dr. José Pereira da Graça, Barão do Aracaty e Ministro aposentado do Supremo Tribunal de Justiça.

Formado em direito na Faculdade do Recife em 1856, foi para o Maranhão accompanhando o pae, que ia tomar posse do logar de Dezembargador da Relação d'alli.

No Maranhão deram-lhe a promotoria publica da Capital, S. Bento e Itapicurú-merim e entrando nas luctas da politica foi por vezes deputado provincial e redigiu com Vieira da Silva, Gomes de Castro e outros *A Situação*, jornal que, como refere Joaquim Serra, *Sessenta annos de jornalismo*, pag. 60 «defendia seu partido com paixão, porem, com dignidade e elevação de linguagem, vareando os assumptos e apreciando não só a politica da provincia, como a do paiz e em que pelo atticismo e cristalino da phrase eram os artigos do Dr. Heraclito Graça os que mais se distinguiam na polemica.»

Voltando ao poder em 1868 o partido a que pertencia, e que era o conservador, foi eleito deputado á assembléa geral para a legislatura de 1869-72 e, dissolvida ella, presidente da provincia de Parahyba.

Reeleito deputado para a legislatura de 1872-75 como o foi tambem para a seguinte que o Dec. 6880 de 11 de Abril dissolveu, foi mandado governar o Ceará por carta Imperial de 18 de Setembro de 1874 e aqui chegando tomou posse da administração a 23 de Outubro, deixando-a a 1 de Março de 1875 ao Vice-presidente Dr. Esmerino Gomes Parente para embarcar para o Rio onde o chamavam os trabalhos legislativos.

Fez parte dos defensores da abolição promovida pelo gabinete Rio Branco e foi muito activo na tribuna promovendo o projecto eleitoral, que se converteu em lei com a a adopção da representação das minorias.

Na sua administração foi que se installaram no Ceará as 1.as mezas de exames preparatorios.

O Dr. Heraclito Graça reside na Capital Federal no exercicio de sua profissão de advogado.

Publicou, quando estudante, varias poesias em jornaes do Recife; é autor de alguns juizos criticos sobre obras juridicas e litterarias; collaborou na *Revista juridica;* foi correspondente do Maranhão para o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro e tem dado á luz muitas memorias sobre questões juridicas. Referem alguns de seus intimos que tem concluido obras de valor sobre assumptos linguisticos, litterarios, historicos e juridicos, que ainda não julgou opportuno publicar. Fala-se sobretudo num Diccionario evolutivo da lingua portugueza e numa collecção de palavras e phrases antigas, colhidas cuidadosamente nos classicos, foraes, leis e documentos primitivos, additando cerca de 14.000 vocabulos a Viterbo, que apenas deu noticia de 6.300.

Herculano Bernardino Ferreira Gomes.— Filho do capitão Bernardino Ferreira Gomes. Cursou o Seminario de Olinda e tomou ordens sacras no Arcebispado da Bahia. Nasceu em S. Anna. E' fallecido.

Herculano de Araujo Salles.—Nasceu a 1 de Março de 1819 na villa do Tamboril, sendo seus progenitores o Coronel Diogo Lopes de Araujo Salles e D. Maria Vieira Mimosa, naturaes da mesma villa.

Em 1829 seguiu para o Maranhão onde entrou para um collegio na cidade de Caxias, seguindo d'ahi para a Capital (S. Luiz), onde esteve em collegios, e em seguida no Seminario, embarcando depois para Pernambuco em 1841.

Em Pernambuco matriculou-se na Academia de Olinda

que cursou até 1847, recebendo o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes a 11 de Outubro desse anno.

Durante perto de 40 annos exerceu varios cargos publicos no Ceará: Promotor Publico nas comarcas da Fortaleza, Aracaty e Ipú; Juiz Municipal nos termos do Aracaty e Canindé; Juiz Substituto nos termos de Inhamuns, Aracaty e Pacatuba; Lente substituto de Geographia no Lyceu; Bibliothecario Publico, e foi deputado á Assembléa Provincial em 8 biennios.

Prestou relevantes serviços ao Estado durante as epidemias de febre amarella e cholera-morbus, do que possue honrosos documentos passados pelos Presidentes de então, bem como dos prestados como Agente Fiscal da Fazenda.

Publicou:

—*Opusculo de Medicina Forense com relação a ferimentos e a loucura.* Rio de Janeiro, Typ. da Revista Catholica, Rua da Alfandega n.º 266 1897. 80 pp.

Herculano José Rodrigues.—E' o organisador do *Almanach Ipuense*, sahido das officinas da Typ. Minerva de Fortaleza, 1900 e 1901.

Hermino Barroso. -Filho do Coronel Paulino Joaquim Barroso e D. Francisca Carolina Barroso, nasceu em Canindé a 15 de Agosto de 1867.

Depois de longa estadia na Europa, onde fez sua educação, e de volta ao Ceará, apresentou-se concurrente á cadeira de allemão do Lyceu de Fortaleza, e para ella foi escolhido, versando sua these sobre *Vocalismo e Consonantismo; accentuação e quantidade sob o ponto de vista historico*, em 8.º de 93 pags., impressa na Lithographia Cearense, Rua Formosa n.º 66 e 68, Fortaleza, 1896.

E' muito versado em assumptos musicaes, sendo grande apaixonado das obras do compositor Wagner.

Hermino Olympio da Rocha.—Filho de Odorico Segismundo de Arnaut e D. Rosa Maria da Conceição,

nasceu em Fortaleza a 21 de Maio de 1830. E' 1.º official da Junta do Commercio de Fortaleza.

Publicou em 1867 *O orgulho abatido*, drama em 5 actos, em 8.º de 102 paginas, impresso na Typ. Brasileira de João Evangelista, rua Formosa n.º 88. Disse-nos estar trabalhando em dois outros dramas: *O empregado publico* em 4 actos e *O encontro paterno* em 5 actos.

Hermogenes Martiniano Mendes Pereira.—Formado em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de S. Paulo em 1865.

Hildebrando Pompeu.—Nasceu a 11 de Dezembro de 1853 em Fortaleza, sendo seus paes o Senador Thomaz Pompeu de Sousa Brasil e D. Felismina C. Filgueiras.

Iniciou os estudos no Atheneu Cearense e em 1869 foi para o Rio matriculando-se no anno seguinte na antiga Escola Central. Em 1874 recebeu o gráo de bacharel em mathematicas e engenheiro geographo.

Voltando para o Ceará, exerceu diversas commissões de engenheiro como as de chefe do trafego, engenheiro residente e director da Estrada de ferro de Baturité, Fiscal d'esta mesmo ferro-via e da Estrada de ferro de Natal a Nova Cruz no Rio Grande do Norte e engenheiro do porto de Fortaleza.

Como primeiro engenheiro da commissão de Açudes da qual foi chefe o Dr. Mursa, teve a satisfação de dirigir os trabalhos d'esta importante obra, e de terem sido sob a sua direcção feitas as primeiras excavações para as fundações da grande muralha de alvenaria que forma a grande barragem, cuja primeira pedra foi assentada ainda sob sua direcção a 15 de Novembro de 1890.

Alem de relatorios que como chefe das commissões supra lhe competia fazer, tem escripto nos jornaes de Fortaleza varios artigos sobre sciencias entre os quaes os que se intitulam:

—*Novo systema solar*, que é uma refutação do trabalho do astronomo argentino Snr. Herperath; *Marte em*

opposição; Phenomeno sideral; O Cometa Biela (14 de Novembro de 1899); *Cometas;* e uma serie sob o titulo *Necessidade dos grandes reservatorios.* (1.° trimestre de 1901).

Occupa actualmente o logar de engenheiro fiscal da Estrada de ferro de Baturité tendo sido anteriormente o engenheiro director das Obras Publicas do Estado.

Hyppolito Cassiano Pamplona.—Natural da cidade do Aracaty e filho de José Pamplona, e D. Angelica Amalia Pamplona, nasceu a 2 de Março de 1819

Formou-se em Olinda em 1842, foi nomeado promotor da villa do Rio do Peixe, foi chefe de policia, deputado geral, juiz de direito da villa de Cascavel em 1862. Em 1881 foi despachado desembargador para Ouro Preto sendo depois removido para Fortaleza onde falleceu a 10 de Maio de 1895.

Foi presidente da Relação de Fortaleza em 1891.

MONSENHOR **Hyppolito Gomes Brazil.**—Filho do capitão Joaquim Gomes Brazil e D. Ignacia da Purificação Brazil, nasceu em Aracaty a 6 de Junho de 1822.

Principiou o estudo dos preparatorios na terra natal, embarcou para Olinda, em cujo seminario concluiu os estudos e recebeu das mãos do Bispo D. João da Purificação as ordens de presbytero a 29 de Setembro de 1845.

De volta ao Ceará, entrou em concurso para a cadeira de Latim da cidade de Granja para a qual foi nomeado, sendo em 1852 removido para igual cargo no Lyceu do Ceará.

Inaugurada a diocese, foi nomeado promotor ecclesiastico.

Foi vereador da camara municipal de Fortaleza no quatriennio de 1865 a 1868, e nomeado director da instrucção publica nos annos de 1865 e 1868.

Pela transferencia do Bispo D. Luiz para o arcebispado da Bahia, foi eleito vigario capitular do Ceará

em 1881, e nesse anno o SS. Padre Leão XIII o agraciou com as honras de Prelado domestico.

Foi governador do bispado por muitas vezes e desempenhou desde a creação do bispado o cargo de vigario geral e provisor.

Foi tambem 2.° vice-presidente da provincia em 1884.

Tinha 78 annos de edade e 55 de sacerdocio, quando falleceu em Fortaleza a 22 de Outubro de 1899.

Ignacio de Sousa Dias.—Nasceu a 8 de Maio de 1856 em Icó onde exerce a profissão.

Filho de João Manoel Dias e D. Thereza Maria de Jesus.

Doutorou-se em Medicina na Faculdade da Bahia, para o que apresentou o trabalho—*Do Beriberi e seu tratamento*, Bahia, Typographia da Gazeta da Tarde, Rua das Vassouras n.° 1. 1880.

Ildefonso Augusto Lacerda Leite.— Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro.

E' natural da cidade de Lavras e filho de Luiz Leonidas de Lacerda Leite e D. Joanna Augusta Leite. Foi alumno do Seminario de Fortaleza.

Sua these constou de uma dissertação sobre a *Vida* e de varias proposições.

Ildefonso Correia Lima.—Filho do Major Ildefonso Correia Lima e D. Federalina Augusta Lima, nasceu em Lavras a 7 de Julho de 1860.

Interno extranumerario do Hospital da Misericordia da Côrte em 1882, interno de 2.ª e de 1.ª classe (por concurso) do mesmo Hospital em 1883-84-85, ajudante (por concurso) de anatomia topographica e operações na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, relator da Commissão Cirurgica do Gymnasio Academico, socio honorario e vice-presidente do Gremio dos Internos e dos Hospitaes da Côrte,

Doutorado em medicina, exerceu por algum tempo a clinica em Fortaleza, abandonando-a depois para entregar se á vida politica. Foi um dos representantes do Estado na Camara dos Deputados Federaes na 2.ª e 3.ª legislaturas.

Pertencendo á phalange catholica, prestou relevantes serviços á causa da religião e da familia Brasileira mormente na questão do divorcio.

Sua these inaugural tem por titulo *Dos progressos recentes na operação da lithotricia*. Foi apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a 28 de Setembro de 1885 e perante ella sustentada a 23 de Dezembro do mesmo anno, 8.° gr. de 66 pags. Sahiu da Typ. J. D. de Oliveira, rua do Ouvidor n.° 141. 1885.

Tambem conhecemos delle um folheto de 64 pags. 8.° pequeno, sob o titulo: *Congresso Nacional. Discursos proferidos pelo Dr. Ildefonso Correia Lima, Deputado pelo Ceará* (Segunda Legislatura). Fortaleza, Typographia Studart, 46, Rua Formosa, 1897.

Ildefonso Pereira d'Azevedo.—Natural do Aracaty. Doutor em medicina.

Irineu Pinheiro Bezerra de Menezes (P.e)—Filho de Dionizio Eleutherio Bezerra de Menezes e D. Thereza de Jesus Correia Arnaut, nasceu em Milagres em Novembro de 1850.

Entrou no Seminario de Fortaleza no anno de 1870, donde, depois de ter feito todo curso de preparatorios, sahiu por encommodos de saúde já cursando Theologia. Cazando-se com D. Joaquina Moreira dos Santos Pinheiro, entregou-se a vida agricola, commercial e creadora e exerceu a advogacia e diversos empregos publicos. Enviuvando em 1882, voltou ao Seminario a concluir seus estudos theologicos e ordenou-se no dia 30 de Novembro de 1884, sendo logo nomeado coadjuctor do Iguatú, depois Vigario de Saboeiro, encarregado das freguezias de Arneiroz e Cococy, e sendo despensado parochiou a freguezia de São Francisco de Paula do Coité,

Serra de Baturité, d'onde foi removido para a freguezia de Nossa Senhora dos Prazeres de Soure e ahi continúa ainda no desempenho da sua espinhosa e melindrosa missão parochial.

D. Isabel Omphale Gondim.—Nasceu em Sobral a 10 de Março de 1866, sendo seus paes Galdino Gondim e D. Maria Clara Gondim.

Revelou desde tenra edade decidido gosto pelas lettras, não podendo todavia completar sua educação intellectual devido á falta de meios em nossas cidades do centro do Estado. Entretanto, dotada de bastante força de vontade e de intelligencia, tem produzido artigos de valor litterario, assignando-os sob pseudonymos.

Seu nome figura nas paginas de diversos almanaks quer Brasileiros quer de Portugal, de cujas charadas, logogriphos, etc., é emerita decifradora.

Israel Bezerra de Menezes.—Filho do Dr. Manoel Soares Bezerra de Menezes e de D. Maria Thereza Bezerra de Menezes, nasceu a 16 de Março de 1845, sendo portanto irmão de Antonio Bezerra de Menezes, de quem já fallamos.

Fez toda campanha do Paraguay desde 6 de Abril de 1865 a 30 de Abril de 1870.

Foi o 1.º cearense a apresentar-se como voluntario da patria ao presidente de então Dr. Laffayete Rodrigues Pereira logo que ao Ceará chegou a noticia de ter o Paraguay declarado Guerra ao Brasil e de estar o Governo do Paiz appellando para o patriotismo de seus filhos.

Como essa gloria lhe tenha sido disputada por outro bravo cearense, o Snr. José Martiniano Peixoto de Alencar (Veja-se esse nome), resolvemo-nos obter esclarecimentos a respeito e do proprio Israel recebemos a seguinte carta:

«No dia 28 de Janeiro de 1865, por occasião da chegada do paquete do sul, e quando procurava receber na repartição dos Correios a correspondencia do meu pai, um individuo, de cujo nome já não me recordo, recebia

o Jornal do Commercio, e ali mesmo o lia, e com surpresa de todos disse que o Paraguay declarara guerra ao Brasil, e que o governo appellava para o patriotismo de seus filhos.

«Sem mais esperar pela correspondencia que tinha ido receber, e sem mais demora, isto ás 12 horas do dia mais ou menos, apresentei-me em Palacio do Presidente e pedi-lhe que desejava seguir como voluntario da patria para a guerra contra o Paraguay.

«Recebendo-me com a maior satisfação, o Presidente agradeceu o meu offerecimento e pediu-me que procurasse angariar o maior numero possivel de voluntarios, para o que punha á minha disposição o que julgasse necessario.

«A's 2 horas da tarde retirei-me de Palacio na resolução de fazer uma passeiata a qual realisou-se, terminando á 8 horas da noite, sendo n'esta occasião alistados 53 voluntarios.

«Em vista de tão crescido numero de alistados, ordenou o Presidente que fossem estes aquartelados no quartel da G. N., onde ficou sendo o deposito para receber os que se quizessem alistar.

«Poucos dias depois do meu offerecimento fui mandado pelo Presidente em commissão a Mecejana, Soure, Maranguape, Pacatuba e Baturité e outras localidades afim de angariar voluntarios o que fiz com os melhores resultados e satisfação do governo.

«Logo que se alistaram cerca de 500 individuos, o Presidente nos fez seguir para o Rio sob o commando do Coronel José Nunes, a 6 de Abril no vapor Jaguarehy, que por milagre não se perdeu de Pernambuco para o Rio, onde chegamos a 20 do mesmo mez.»

Até aqui o Tenente Coronel Israel.

Chegado ao Rio, o contigente Cearense foi mandado para o Asylo S. Leopoldina, na Praia Grande e sob o commando do Dr. Godefroi, Major de engenheiros, afim de ser organisado e receber a precisa instrucção, e a 22 de Junho embarcou para a campanha sendo a bordo organisado e tomando a numeração de 26.

Por esta occasião foi nomeado Israel Bezerra Tenente

Desembarcaram os voluntarios Cearenses perto da Villa da Concordia da Provincia de Entrerios, Republica Argentina, e d'ahi partiram em direcção a Corrientes tendo que atravessar por terra as duas Provincias e acamparam em frente ao forte de Itapurú, depois de muitos mezes de marcha forçadas e fadigas sem fim.

Poucos dias depois de acampados, por ordem do General em chefe foi Israel Bezerra nomeado instructor dos corpos 46 e 51, honra esta que não coube a nenhum voluntario, e que consta da ordens do dia do Exercito.

Fez a passagem do Paraná a 16 de Abril e tomou parte nos combates de 17 do mesmo mez, nos de 2, 20 e batalha de 27 de Maio, sendo sempre elogiado e por isso agraciado com a condecoração da Ordem de Christo.

Seguiram-se os combates de 16 e 18 de Julho sobre a Linha Negra, sendo por motivo delles condecorado com o Habito da Rosa.

Seguindo para Curusú com o 2.º corpo do exercito ao mando do General Conde de Porto Alegre, tomou parte nos combates de Curusú, Curupaity e 24 de Setembro sendo ainda louvado pelo seu comportamento nos mesmos. Na vespera do combate de Curupaity tinha elle baixado ao hospital, e sabendo que no dia seguinte os Brasileiros atacariam aquella fortificação pediu alta afim de não consentir que sua companhia fosse commandada por outro official.

A 18 de Agosto foi promovido a capitão para o 10.º de voluntarios onde já marchava como tenente.

Regressando o 2.º corpo do exercito para Tuyuty, foi este atacado no dia 3 de Novembro pelos Paraguayos, em numero muito superior, resultando grande perda de nossos poucos soldados, sendo elle neste combate gravemente ferido.

Tomou parte nos combates de 24 de Setembro, tomada do comboi, no combate de 16 de Novembro sobre Humaytá, depois de ter feito diversos reconhecimentos sobre aquelle praça com os melhores resultados.

Tendo o inimigo abandonado Humaytá e se transportado para o outro lado do rio Paraguay, Caxias fez seguir uma força para bater o inimigo que tentava fugir sendo seu batalhão um dos que faziam parte desta força e sendo elle neste combate levemente ferido.

Batido o inimigo no Chaco, seguindo para Santo Antonio, tomou parte no combate de Itororó, batalha de Avahy, combates de Lombas Valentinas e todos os reconhecimentos que se fizeram até Paraguary o que lhe valeu ser louvado em varias Ordens do Dia e ter a Medalha de Merito com os passadores n.os 6, 11 e 21.

A 12 de Setembro de 1868 foi escolhido para commandar os atiradores sobre Peribibuy e foi o 1.º a escalar o forte luctando a arma branca e ficando gravemente lanceado e ferido na cabeça. O Governo recompensou-o por esse feito com a Ordem do Cruzeiro e o General nomeou-o commandande do Posto do Rosario.

Morto Lopes, foi promovido a Major e condecorado com a Cruz de Bronze da campanha pelo governo Brazileiro e com as Medalhas de campanha pelas Republicas Argentina e Oriental.

Por occasião da inauguração da estatua do bravo general Osorio teve a promoção ao posto de Tenente-Coronel.

Voltando ao Ceará, teve como recompensa de seus serviços a serventia vitalicia do Tabellionato de Baturité.

Ivo Francisco Linhares.—Nasceu a 22 de Maio de 1814 em Sobral, sendo seus progenitores o Tenente Coronel Joaquim José Alves Linhares e D. Maria da Purificação e Vasconcellos Linhares, filha do Major Francisco Antonio Linhares e D. Maria Manuela da Conceição Uchoa.

Foi promotor publico, delegado de policia e substituto do juiz municipal no logar do seu nascimento e inspector litterario em S. Quiteria.

Tomou parte activa na reação contra Pinto Madeira em 1832 e contra os Balaios, do Piauhy, em 1840.

Muito contribuiu para a reedificação da Egreja de N. S. do Rosario, no riacho do Guimarães.

Foi com seu irmão Vicente o continuador das *Memorias* do capitão-mór José de Xerez Furna Uchoa.

Jayme Benevolo.—Tenente-Coronel do Exercito, Bacharel em mathematicas, Engenheiro Militar.

Filho do Tenente-coronel Reginaldo Benovolo Ferreira de Pinho e de D. Eugenia Correia de Pinho, esta de nacionalidade portugueza, nasceu a 27 de Agosto de 1854 em Maranguape e sentou praça a 17 de Dezembro de 1872.

Serviu na guerra dos quebra kilos.

São tambem militares seus irmãos Francisco Benevolo nascido a 13 de Dezembro de 1856 e que assentou praça a 17 de Dezembro de 1872, e Odilon Benevolo nascido a 29 de Julho de 1858.

Jeronymo Furtado de Mendonça.—

E' autor do folheto:

—*Contra as seccas* Projecto de estrada de ferro do Quixadá ao S. Francisco com ramaes para o Crato e Iguatú. Rio de Janeiro, Typ. Central, de Evaristo Costa, travessa do Ouvidor 7, 1889.

Jeronymo Macario Figueira de Mello.—Nasceu a 1 de Abril de 1830, sendo seus paes José de Xerez Uchoa, filho do Major Francisco Antonio Linhares e de D. Anna Figueira de Mello, filha do Capitão Jeronymo José Figueira de Mello, natural de Pernambuco, e de sua mulher D. Maria do Livramento, que por sua vez era filha do Tenente Coronel Manoel Ferreira da Costa e de D. Ignez Madeira de Vasconcellos.

Era, portanto, sobrinho do senador Figueira de Mello e do Conselheiro Bandeira de Mello.

Foi promotor publico de S. João do Principe, deputado provincial em diversos biennios, e geral inclusive a legislatura de 1861 que foi dissolvida, juiz municipal e de orphãos de Pirahy, provincia do Rio de Janeiro, fasendeiro e advogado em Parahyba do Sul,

Jeronymo Martiniano Figueira de Mello.—Filho de Jeronymo José Figueira de Mello e de D. Maria do Livramento.

Nasceu em Sobral a 19 de Abril de 1809, e falleceu de uma hemorrhagia cerebral ás 5 1/2 horas da tarde de 20 de Agosto de 1878 na Capital do Imperio.

Figura entre os primeiros a formarem-se na Academia de Direito de Olinda, sendo condiscipulos seus Nabuco, Euzebio de Queiroz e outros vultos proeminentes na politica do Paiz.

Foi promotor publico da côrte, juiz de direito da Comarca de Fortaleza, secretario do presidente de Pernambuco, o Barão de Bôa Vista, presidente do Maranhão (1843), juiz dos feitos da fazenda, chefe de policia de Pernambuco (1848), membro do tribunal da Relação de Pernambuco (1851), chefe de policia da Côrte (1855), membro e presidente do tribunal da Relação da côrte, presidente do Rio Grande do Sul (1871) e finalmente membro do Supremo Tribunal de justiça em o qual se aposentou em 1876. O Decreto que o nomeou para o Supremo Tribunal de justiça tem a data de 6 de Novembro de 1873.

Militou activamente na politica e foi deputado pela provincia de Pernambuco e Ceará e Senador por esta ultima (27 de Abril de 1870).

Era Grã-Cruz de Christo e Dignitario da Rosa, sendo-lhe concedida a 1.ª dessas condecorações por Dec. de 14 de Fevereiro de 1877, e tinha o fôro de Fidalgo cavalleiro da Imperial Casa por Dec. de 7 de Março de 1874.

Foi o 1.º cearense que obteve a Grã Cruz de Christo, titulo que elle preferiu ao de Barão de Sobral sem grandeza, por occasião de ser aposentado.

Deixou varios trabalhos historicos ineditos e publicou as seguintes obras:

-*Dos poderes* e obrigações dos jurys por sir Richard Philips, a que se accrescenta uma taboa analytica das jurisdicções, magistratura, actos judiciarios, delictos, titulos ou qualidades, etc., por Carlos Conte. Traduzido da segunda *edição* da versão franceza. Olinda. 1832, in-8.º

—*Chronica da Rebellião Praieira* em 1848 e 1849 por Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, chefe de policia da Provincia de Pernambuco e por esta deputado á assembléa geral legislativa do Imperio offerecida aos Pernambucanos defensores da ordem. Rio de Janeiro Typ. do Brazil de J. J. da Rocha, rua dos Ciganos n.° 32, 1850.

E' uma resposta á obra intitulada *Apreciação da Revolta Praieira.*

—*Ensaio* sobre a estatistica politica e civil da provincia de Pernambuco. Recife. 1853.

—*Reflexões* sobre a proposição do senado quanto á attribuição do supremo tribunal de justiça de estabelecer a verdadeira intelligencia das disposições duvidosas de nossas leis patrias. Rio de Janeiro, 1873, in 8.°

—*Observações* sobre a consulta da secção dos negocios do Imperio do conselho de estado relativamente ao recurso da irmandade do Santissimo Sacramento da igreja matriz de Santo Antonio do Recife contra o acto, pelo qual o Bispo de Pernambuco a declarou interdicta. Rio de Janeiro, 1873, 162 pags. in-8.°

—*Discurso* pronunciado na sessão de 20 de Fevereiro (no Senado). Discussão do voto de graças. Rio de Janeiro, 1873.

—*Parecer* sobre o Parecer das commissões reunidas da camara dos Srs. deputados opinando que não se approve a proposição do senado, pela qual se confere ao supremo tribunal de justiça a faculdade de tomar assento para a boa intelligencia das leis civis, criminaes e commerciaes, quando se derem questões divergentes nos tribunaes. Transcripto da *Gazeta Juridica.* Rio de Janeiro, 1873, 27 pags. in-8.°

Por occasião da chamada questão religiosa movida pela Maçonaria contra o Episcopado Brasileiro e em que tanto se celebrisaram D. Antonio de Macedo Costa e Frei Vital, collocou-se o Senador Figueira de Mello ao lado dos defensores da Egreja quer no Parlamento quer

na imprensa publicando até mesmo um opusculo sobre essa malfadada questão.

Sabe-se ainda que foi da sua penna uma serie de importantes artigos publicados no Diario Official em defeza da lei do elemento servil.

D. Jeronymo Thomé da Silva.—Successor immediato de D. Antonio de Macedo Costa no Bispado do Pará e actualmente Arcebispo da Bahia e Primaz do Brazil.

Nasceu a 12 de Junho de 1849 na cidade de Sobral, sendo seus progenitores João Thomé da Silva que foi Coronel Commandante da Guarda Nacional em Sobral e commendador da Rosa, e D. Maria da Penha Thomé da Frota, e fez os primeiros estudos sob as vistas do P.e Antonio da Silva Fialho e posteriormente no Collegio Pio Latino Americano em Roma.

Doutor em philosophia em 1869, e em theologia em 1873 pela Universidade Gregoriana em Roma, onde ordenou-se a 21 de Dezembro de 1872; professor de philosophia no Seminario de Fortaleza em 1874; secretario do Bispo D. Luiz Antonjo dos Santos em 1875; lente no Gymnasio Pernambucano da lingua Italiana, cadeira de que foi transferido para a de rhetorica, que regeu até 1890; promotor ecclesiastico do Bispado de Olinda em 1877; governador do Bispado em 1890; nomeado Bispo do Pará a 26 de Junho e sagrado em Roma a 26 de Outubro de 1890; preconisado arcebispo da Bahia a 12 de Setembro de 1893, fez sua entrada triumphal na Archidiocese a 27 de Fevereiro de 1894.

Entre os acontecimentos mais notaveis da passagem de D. Jeronymo pelo solio episcopal de Belem do Pará se conta a feliz conclusão da magestosa cathedral de que se ufana, e justamente, aquella cidade.

Conhecemos do illustre Prelado:

—*Oração funebre*, recitada nas solemnes exequias celebradas na igreja matriz da Boa Vista, na cidade do Recife, a 27 de Julho de 1880, pelas victimas da hecatombe da Victoria. Recife, 1880, in-8.° de 10 pags.

—*Discurso funebre* nas exequias do Visconde do Rio Branco, Recife, 1880, in-4.° de 14 pp.

—*Discurso* em solemne acção de graças, pela auspiciosa chegada do Excm. e Rvm. Snr. Monsenhor D. José Pereira da Silva Barros, preclaro bispo de Olinda, recitado na Egreja do Espirito Santo da Cidade do Recife e dedicado aos venerandos pais do illustre Prelado. Recife 1881. Folheto de 16 pp.

—*Carta Pastoral*, saudando aos seus diocesanos no dia de sua sagração, Roma, 1890.

—*Carta Pastoral* sobre o Jubileu Episcopal de Sua Santidade o Papa Leão XIII. Pará Typ. de Tavares Cardoso & Comp. 53 Travessa de S. Matheus, 1890. 8.° de 30 pp.

—*Carta Pastoral* sobre as obras pias e sagração da cathedral da diocese. Pará, Typ. de Tavares Cardoso & Comp.ª 53, Travessa de S. Matheus, 1892. 8.° de 74 pags.

—*Carta Pastoral* de D. Jeronymo Thomé da Silva por occasião de sua transferencia da Sé Episcopal do Pará para a Sé Metropolitana de S. Salvador da Bahia. Bahia Imprensa Economica, 16 Rua das Princezas, 1894.

—*Carta Pastoral sobre o 4.° Centenario da Descoberta do Brasil e o Primeiro Congresso Catholico Brasileiro*, Bahia 1900, in 8.° de 19 pp.

Consta-nos que quando professor publicara em Recife um *Manual philosophico* e um *Compendio de rhetorica*.

João Adolpho Ribeiro da Silva.—Nasceu em Sobral e falleceu na mesma cidade a 8 de Fevereiro de 1884. Exercia então o cargo de juiz de direito da comarca de S. Benedicto.

Formado na Academia de S. Paulo em 1868, foi juiz municipal da comarca de Sobral, secretario da presidencia do Ceará e juiz de direito da comarca de S. João do Principe.

Publicou :

—*O jesuitismo em Sobral*. Cartas de Origines a Abeillard. Fortaleza. Typ. Brazileira, rua Formosa 23, 1872.

—*Carlos*, romance, Rio de Janeiro, editor A. A. da Cruz Coutinho, rua de S. José, 1874.

O autor no prologo, que tem o titulo «Duas palavras» e é datado de 7 de Setembro de 1873, diz que o livro foi escripto em parte ha 12 annos e concluido pouco depois, quando elle, muito moço então, começava o curso academico.

Esse romance foi publicado em folhetim no *Jornal do Recife*, reprodusido no *Diario de S. Paulo* e depois tirado em vol. de 288 pp.

—*Psyche*, Romance ao luar. Fortaleza. Typ. Brazileira, 23, Rua Formosa. 1875. Com 124 pags. Teve começo de publicação em 1879 no jornal *Cearense*.

—*O Senador Francisco de Paula Pessoa*. (Traços biographicos por um amigo). 1880.

Do A. conhecemos ainda tres artigos publicados nos jornaes de Pernambuco por occasião de discutir-se na camara dos Representantes Brasileiros a pretenção Janrard.

Esses artigos, que tem por titulo *O furor religioso e o Snr. Guermes de Mello*, foram tirados em vol. juntamente com os discursos dos deputados Pedro Luiz Pereira de Souza e Joaquim Manoel de Macedo e um artigo de Milciades Pereira da Silva com uma introducção por Theodoreto C. F. Souto.

Consta-nos que ha delle varios ineditos em poder de pessoas da familia.

João Augusto da Frota. (P.e)—Filho de Antonio da Frota e Vasconcellos. Doutorou-se em Theologia e ordenou-se no Collegio Pio Latino Americano de Roma. Foi director da instrucção publica do Estado e é lente jubilado de mathematicas do Lyceu de Fortaleza, residindo actualmente na Serra de Baturité. E' um dos 12 membros do Instituto do Ceará.

Não acceitou a mitra da Diocese do Pará. Nasceu em Sobral.

MONSENHOR **João Aureliano Correia dos Santos.** —Filho do fazendeiro Tenente Coronel José Correia dos Santos e D. Thereza de Jesus Correia dos Santos, das familias Caminha e Castro, nasceu em Aracaty a 6 de Maio de 1850.

Entrando no Seminario de Fortaleza, ahi recebeu o presbyterato a 30 de Novembro de 1873 e foi mandado parochiar as freguezias da Cachoeira, Aracaty e Jaguaribe-merim.

Embarcou para o Rio de Janeiro em 1877 fixando residencia em S. Domingos de Nictheroy, em companhia de seu tio e cunhado, Dr. Antonio Ferreira dos Santos Caminha, então deputado geral pela Provincia do Ceará.

Em 1883 foi nomeado Vigario da freguezia de S. João Baptista de Nictheroy, tendo merecido annos antes, por Carta Imperial de 15 de Março de 1879, as honras de Conego da Capella Imperial, confirmadas pelo Bispo Pedro de Lacerda.

Em nome do Bispo D. Francisco do Rego Maia e como seu procurador presidiu a installação e tomou posse da diocese a 25 de Fevereiro de 1894, a 27 de Julho de 96 foi nomeado governador do Bispado durante a ausencia do referido Bispo em viagem ad limina apostolon, facto que se reproduziu a 28 de Abril de 1899 por occasião do Concilio Latino Americano em Roma. Taes foram seus serviços que o Bispo Rego Maia para elle obteve as honras de Prelado Domestico de S. Santidade o Papa Leão XIII, podendo usar as insignias prelaticias na mesma Curia Romana, e tendo a faculdade de possuir capella no logar de sua residencia.

Monsenhor João Aureliano foi um dos fundadores do Collegio das Dorotheas em Nictheroy.

Sem ser politico, o 4.º Districto do Estado do Rio acaba de fazel-o seu representante no Congresso Nacional, sendo eleito a 31 de Dezembro de 1899 e reconhecido a 20 de Junho de 1900.

Em Maio de 1900 foi de novo convidado para dirigir o Bispado de Petropolis pelo Exm. Snr. Bispo Diocesano, por occasião de sua ida ao Congresso Catholico

da Bahia e á peregrinação á Roma e outros lugares' mas tendo de tomar parte na Camara dos Deputados, não acceitou o convite, consentindo, porem, em ficar como segundo Governador do Bispado.

A *Rua do Ouvidor* n.° de 3 de Fevereiro de 1900, estampou seu retrato e sua biographia.

Escreveu:

—*Discursos* proferidos pelo Monsenhor João Aureliano Correia dos Santos, deputado Federal pelo Estado do Rio de Janeiro nas sessões de 18 de Agosto e 16 de Novembro de 1900. Rio de Janeiro. Typographia Guimarães, rua Theophilo Ottoni n.° 143, in-8.° de 24 pp.

João Baptista de Castro e Silva. (Cons.)— Nasceu em Fortaleza a 24 de Junho de 1809 sendo seus paes José Xavier de Castro e Silva e D. Anna Ritta Xavier.

Foi nomeado praticante da Contadoria da Junta da Fazenda de Fortaleza por Provisão de 20 de Janeiro de 1823; amanuense da Secretaria da mesma Junta, por Provisão de 3 de Abril de 1823; official da mesma Secretaria, por Provisão de 7 de Abril de 1824; 3.° Escripturario da Contadoria da mesma Junta, por Provisão de 1 de Junho de 1824; 2.° Escripturario, por Provisão de 2 de Novembro de 1824; 2.° Escrivão da Vedoria Geral da Gente de Guerra, para servir conjuntamente com o lugar de 2.° Escripturario, por Provisão de 2 de Novembro de 1824; recebedor das verbas do sello do papel, para servir tambem com o dito lugar de 2.° Escripturario, por Provisão de 2 de Novembro de 1824; Escrivão da Intendencia da Marinha e armazens nacionaes, para servir egualmente com o lugar de 2.° Escripturario, por Provisão de 10 de Novembro de 1824; 2.° Escripturario interino, por Portaria de 29 de Agosto de 1831; official maior da Contadoria da Thesouraria, por Provisão de 9 de Julho de 1833; 1.° Escripturario da dita Contadoria, por Provisão de 14 de Novembro de 1834; official maior da Contadoria da Thesouraria da Provincia do Rio Grande do Norte, por Decreto de 9

de Outubro de 1835; Inspector interino da Thesouraria da Provincia do Ceará, por Portaria de 1 de Outubro de 1838; inspector da Alfandega de Fortaleza, por Decreto de 22 de Dezembro de 1838; contador da Thesouraria de S. Paulo, por Decreto de 28 de Junho de 1839; procurador fiscal interino da Thesouraria, por Portaria de 29 de Agosto de 1840; como collaborador na Contadoria desde 14 de Dezembro de 1840 até 24 de Outubro de 1841; commissario fiscal do Ministerio da Guerra, por Aviso de 15 de Setembro de 1841; Escrivão da Alfandega de Fortaleza, por Decreto de 7 de Janeiro de 1842; Inspector da mesma Alfandega, por Decreto de 28 de Fevereiro de 1842; Thesoureiro da Thesouraria por Decreto de 27 de Dezembro de 1844; Inspector da Alfandega do Maranhão, por Decreto de 18 de Agosto de 1849; Inspector da Thesouraria de Fazenda do Ceará, por Decreto de 24 de Maio de 1854; Inspector da Thesouraria de Pernambuco por Decreto de 7 de Junho de 1856, e nesse posto aposentado pela Regente, Princeza D. Isabel, sendo-lhe concedido nessa occasião o titulo de Conselho.

Em consequencia dos Decretos de 26 de Agosto e 22 de Dezembro de 1843, fez parte da commissão encarregada de inspeccionar e fiscalisar as Alfandegas e Recebedorias do Maranhão e Pará.

Falleceu na noite de 3 de Fevereiro de 1901 em sua residencia á Praça José de Alencar, Fortaleza, contando quasi 92 annos de edade.

A Republica, de 4 de Fevereiro, teceu-lhe um bello e justo necrologio, do qual temos empenho em destacar estas linhas, como um preito á memoria de tão illustre varão:

« Baptista de Castro, filho de um empregado do fisco não menos notavel, começou em 1830 a sua carreira, e transpoz toda a distancia sem uma advertencia de quem quer que fosse, tão impolluto, que serviu sempre de modelo. Ao attingir a invalidez, foi agraciado com o titulo de conselho, mercê extranha a toda acção dos partidos, arrancada ao poder publico, como confissão de

que bem o merecia. Uma gloria presidio a sua vida, e' foi que subiu, na sua carreira, até ás eminencias dos cargos publicos, só porque precisavão delle. Baptista de Castro mais se impunha, do que solicitava.

« Baptista de Castro não foi uma existencia que brilhasse, porque foi mais que isto,—uma modestia, que exemplificou, uma conducta que estimulou, um nome que se inscreveu na sua raça como um rubi se engasta em corôa, que alveja.

« Os cearenses inscrevão mais este nome no livro de ouro da sua nobresa; nobresa pelos sentimentos, que vem a ser, a que faz honra ás familias, e lhes aproveita no attricto da vida. »

João Baptista de Oliveira Guimarães.—Official da marinha Brazileira.

Filho da villa de Imperatriz.

Foi capitão do Capitão do Porto das Provincias de Maranhão e Ceará.

João Baptista Figueira Lima.—Filho de Francisco de Paula Oliveira Lima e D. Maria Thomaz de Oliveira Lima e natural de Sobral.

Morreu em Fortaleza victima de uma aneurysma quando cursava o 3.º anno de direito com grande aproveitamento.

Redigiu com Luiz Perdigão e A. Olympio a *Evolução*, publicada em Fortaleza em 1882. Em varios jornaes de Ceará e Pernambuco andam esparsas bellas poesias de sua lavra.

João Baptista Vital.—Formado em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de S. Paulo em 1891.

João Brigido dos Santos Junior.—Nasceu no Crato a 27 de Julho de 1858, sendo seus paes o Coronel João Brigido dos Santos e D. Maria Joanna Brigido dos Santos, e morreu a 19 de Agosto de 1894 em Morada Nova. Recebeu o titulo de bacharel em sci-

encias juridicas e sociaes pela Academia do Recife em 1884. Foi Procurador Fiscal da Thesouraria e occupou por algum tempo o logar de Director-gerente da Caixa Economica do Ceará.

Conhecemos delle o trabalho:

—*Acção de despejo* entre partes, autores Barão de Aquiraz e seus filhos, réos José Nunes Teixeira de Mello e sua mulher. Ceará. Typ. Universal. Rua Formosa 33, 1889.

Publicou na *Republica*, de Fortaleza, em 1893 uma *Biographia dos homens illustres*.

João Capistrano Bandeira de Mello.—Irmão do Cons.º Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, de quem já nos occupamos.

Do Conselho de S. Magestade o Imperador, Commendador da Ordem da Rosa. Nasceu em Sobral a 23 de Outubro de 1811 e falleceu no Rio de Janeiro a 30 de Maio de 1881.

Formando se na Academia de Olinda em 1833, foi logo chamado a leccionar a cadeira de Direito Natural. Nomeado por Dec. de 10 de Setembro de 1834 juiz de Direito do Icó, recusou esse cargo para então ser nomeado lente substituto e depois cathedratico, jubilando-se em 1863 na cadeira de Direito Commercial e recebendo por essa occasião o titulo de Conselho.

Foi eleito deputado geral pelo Ceará nas legislaturas de 1838 a 1841, de 1842 (dissolvida), de 1850 a 1852, de 1853 a 1856, de 1861 a 1864, na de 1871 em substituição ao Dr. Jaguaribe, que foi escolhido senador, e na de 1873 a 1875.

Presidiu em 1852 a provincia das Alagôas, d'onde foi removido para a da Parahyba, e depois para a de Minas-Geraes.

Após a jubilação o Conselheiro Bandeira mudou-se para o Rio e ahi exerceu o logar de membro do Conselho Naval.

Conhecemos delle:

—*Theses* dedusidas das differentes materias, que se ensinão na Academia das Sciencias Sociaes e Juridicas da Cidade de Olinda e á cuja defeza se propõe para obter o gráo de Doutor o Bacharel formado João Capistrano Bandeira de Mello. Pern. Na Typ. de Pinheiro & Faria rua das Cruzes n.º 5, 1834. Folheto de 8 pags.

—*Concurso* as cadeiras vagas da Academia Juridica da Cidade de Olinda. Theses do candidato Doutor João Capistrano Bandeira de Mello. Pernambuco. Na Typ. de Pinheiro & Faria, 1834. Folheto de 7 pags.

—*Poesias*. Rio de Janeiro, Instituto Typographico do Direito, rua Theophilo Ottoni n.º 52. 1875. Traz um appendice que se compõe de discursos, uma introducção por Cardoso de Menezes e uma carta de José Feliciano de Castilho. Teve 2 edições, sendo a 1.ª publicada em 1867, 55 pp. in 12.º

—*Jocelyn e Laura*. Impressões de leitura do Jocelyn Brazileiro ao meu amigo o Illm. e Exm. Snr. Conselheiro Cardoso de Menezes. Rio de Janeiro. Typ. do *Globo*, rua dos Ourives n.º 51. 1876.

Precede á poesia uma carta de J. F. de Castilho ao autor.

—*Um episodio*, poesia. Rio de Janeiro, Typ. e Lith. do Imperial Instituto Artistico 61, Rua d'Ajuda, Chacara da Floresta. 1876.

O assumpto é um passeio campesino. Tem uma introducção por A. E. Zaluar e algumas linhas de Cardozo de Menezes, que qualifica o autor de Gessner Brasileiro.

—*Falla* que á Assembléa legislativa de Minas Geraes por occasião da installação dos trabalhos da 2.ª sessão da 21.ª legislatura dirigiu, etc., em 17 de Agosto de 1877, Ouro Preto, 1877.

—*Rodolpho*, poesia, Rio de Janeiro, 1879, 7 pp. in-8º.

– *O tumulo*, poesia dedicada á memoria do Senador Jeronymo Martiniano Figueira de Mello. Rio de Janeiro, Typ. a vapor de A. Marques & C.ª Rua nova do Ouvidor n.º 33, 1879.

A proposito escreveu o illustre litterato portuguez Antonio José Viale a Monsenhor Pinto de Campos uma interessante missiva da qual destacamos os seguintes trechos:

«Eu já conhecia por fama o Snr. Conselheiro Dr. Bandeira de Mello, e até havia lido com muito prazer um livro de poesias suas. Não sei quem m'o remetteu e por isso não agradeci. Agora que V. Exc. se dignou mostrar-me os dous recentissimos poemetos do seu illustre compatriota, intitulados, um delles *Rodolpho*, o outro *Tumulo*, cumpro um dever agradecendo a V. Exc. a communicação e ao mesmo tempo manifestando-lhe que a leitura de ambos produziu em mim uma impressão muito agradavel. Seu autor não tem o que Horacio chama —*os magna senatorum* (acaso tem havido muitos Homeros, muitos Virgilios, muitos Tassos, muitos Miltons, muitos Camões?): nem por isso as producções poeticas do Snr. Bandeira de Mello, que encerrão muitas bellezas, deixão de revelar um elevado talento, e um apurado gosto. No meu humilde entender o *Rodolpho* e o *Tumulo* em nada desdizem do merecimento das anteriores composições metricas do distincto poeta cearense, antes lhe levão vantagem no pathetico dos sentimentos. Fazem-me lembrar algumas do inglez Gray e do italiano Foscolo.

«Duas cousas vou pedir a V. Exc.: 1.ª, que me dê a ler quaesquer outras obras do seu nobre amigo que lhe venhão ás mãos; 2.ª, que se sirva transmittir-lhe a sincera significação do grande conceito que me merece o seu bello engenho, de que elle fez tão bom uso, escolhendo assumptos interessantes, moraes, patrioticos, amenos.»

– *A Camões*. Poesia do Conselheiro J. C. Bandeira de Mello por occasião do centenario do grande poeta. Rio de Janeiro. Typ. a vapor de A. Marques & C.ª Rua Nova do Ouvidor n.º 33. 1880. 8.º de 7 pags.

–*A vida e o amor*, poesia publicada no Jornal do Commercio de 11 de Julho de 1881.

João Capistrano de Abreu. – Filho do Major Jeronymo Honorio de Abreu, o proprietario de Culuminjuba,

districto de Maranguape, e D. Antonia de Abreu, nasceu a 23 de Outubro de 1853.

Fez os primeiros estudos no Atheneu Cearense e no Seminario de Fortaleza. Transportando-se para o Rio de Janeiro serviu o cargo de official da Bibliotheca Nacional, que deixou para occupar, após brilhante concurso, a cadeira de professor de chorographia e historia do Brasil no Collegio Pedro II.

E' membro effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e socio correspondente da Academia Cearense.

Publicou:

—*A armada de D Nuno Manuel; A armada de André Gonçalves.* 1501-1502. Rio de Janeiro, 1880, in-4.° de 79 pp.

Esse trabalho sahiu primeiramente nas columnas da *Gazeta de Noticias*, jornal em que Capistrano, que tambem é collaborador festejado do *Jornal do Commercio*, tem levado por muitos annos a derramar com prodigalidade as luzes de seus conhecimentos litterarios e de sua vasta sciencia mormente em assumptos de historia patria em que é considerado hoje a nossa primeira autoridade.

Ainda agora mesmo por occasião da celebração do 4.° Centenario do Deecobrimento do Brazil foi elle o escolhido para escrever na grande obra commemorativa o capitulo referente á historia do paiz, incumbencia de que se desempenhou com a costumada competencia.

—*Descobrimento do Brazil* e seu desenvolvimento no seculo XVI. Rio de Janeiro, 1883, 101 pp. in-4°.

—*A geographia physica* do Brazil refundida, de J. E. Wappœus (Edição condensada). Rio de Janeiro, 1884, 485 pp. in-8.°—E' trabalho de Capistrano de Abreu e A. do Valle Cabral, de collaboração com Luiz F. Saldanha da Gama, Orvilli A. Derby, Homem de Mello, Pimenta Bueno, Alvaro de Oliveira, Martins Costa, Ramiz Galvão, Pizarro e Peixoto.

—*Introducção* a «Principio e origem dos indios do Brazil e seus costumes, adorações e ceremonias por Fernão Cardim», Rio de Janeiro, 1881.

— *Introducção* a «Historia do Brazil, por Fr. Vicente do Salvador», Rio de Janeiro, Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro vol. XIII, fasciculo n.º 1, 1889.

—*Introducção* as «Notas sobre a Parahyba por Irineu Ciciliano Pereira Joffily» Rio de Janeiro, 1891.

—*Os Bacaerys*, estudo publicado na *Revista Brazileira*, anno 1895. Para esse estudo Capistrano teve em sua casa por muito tempo um jovem indio bacaery.

Traduziu e augmentou a *Geographia Geral do Braxil* de A. W. Sellin (1889).

Traduziu egualmente o trabalho do Dr. Paulo Ehrenreich que tem o titulo *Divisão e Distribuição das tribus do Brazil* segundo o estado actual dos nossos conhecimentos. Vem publicada a traducção na *Revista da Sociedade de Geographia* do Rio de Janeiro 1.º Boletim de 1892.

João Carlos Pereira Ibiapina. —Bacharel formado em 1837 na Faculdade de Direito de Olinda

Quarto filho de Francisco Miguel Pereira Ibiapina, uma das victimas da Commissão Militar em 1825, e de D. Thereza Maria de Jesus, veiu a fallecer em Fortaleza, cégo, a 2 de Maio de 1875, sendo juiz de direito aposentado de Principe Imperial.

Foi professor de philospohia do Lyceu de Fortaleza e deputado provincial.

E' o autor das:

—*Notas e Reflexoens* a alguns Artigos do Regulamento das Alfandegas de 22 de Junho de 1836, offerecidas ao Illustrissimo Senhor Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, Commendador da Ordem de Christo, e Inspector d'Alfandega de Pernambuco. Pernambuco na Typographia de M. F. de Faria, 1842.

João Carlos Pereira Ibiapina.—Capitão do 5.º regimento de Artilharia do Exercito, fallecido em

Monte Santo, no interior da Bahia, a 20 de Agosto de 1897, quando voltava de Canudos, onde se batera com bravura. Era filho do precedente.

Assentou praça no exercito a 28 de Fevereiro de 1880, matriculando-se depois na Escola Militar da Praia Vermelha, onde conquistou os galões de Alferes Alumno a 19 de Janeiro de 1889, sendo confirmado no posto de 2.° Tenente de Artilharia a 1 de Janeiro de 1890 e promovido a 1.° Tenente a 17 de Março do mesmo anno. A 9 de Março de 1894 foi promovido ao posto de Capitão.

Tinha o curso de Artilharia e foi secretario da Commissão Technica Militar Consultiva.

Dirigiu a bateria de artilharia da columna commandada pelo General Savaget e como tal tomou parte no combate de Cocorobó, sendo elogiado pela sua bravura e competencia.

João da Cruz Abreu.—Doutor em medicina pela Faculdade da Bahia. Nasceu em Fortaleza a 24 de Novembro de 1866, sendo seus paes José Bonifacio de Abreu, empregado aposentado da Secretaria do Governo e actualmente negociante em Quixadá, e D. Florinda Santos de Abreu, já fallecida.

Estudou as primeiras lettras na escola publica de seu tio por afinidade Raimundo Vieira Perdigão, confronte ao Quartel do 2.° Batalhão e onde foi a Estação Central do Telegrapho Submarino, e depois passou para o Collegio de Humanidades Cearense regido pelos Padres João Cordeiro da Cruz Saldanha e Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo, concluindo os preparatorios no Lyceu Cearense.

Reside hoje em Belem do Descalvado, S. Paulo, tendo clinicado em Agua Vermelha, S. Carlos do Pinhal e Pirassununga onde foi Inspector de Hygiene Publica.

Foi na Bahia interno da clinica medica e cirurgica de crianças do professor Rabello.

Sua these que versou sobre—*Endoscopia vesical*, foi approvada com distincção.

João Dantas Ferreira Lima. (MONSENHOR)— Filho de José Moreira Lima e D. Maria Claudina de Jesus Dantas, naaceu em Baturité a 23 de Janeiro de 1851. Pelo lado materno é neto de João Dantas Rothea Dutra, natural da Parahyba, e de D. Anna de Jesus Dantas Pinheiro, natural do Riacho do Sangue; pelo lado paterno é neto de Timotheo Ferreira Lima, natural do Aracaty.

Fez os estudos preparatorios no Collegio Atheneu Cearense e no Seminario de Fortaleza para o qual entrou em 1867.

A 30 de Novembro de 1870 recebeu a tonsura, a 30 de Novembro de 1871 as ordens menores, a 3 e 7 de Junho de 1873 o subdiaconato e diaconato e a 30 de Novembro do mesmo anno o presbyterato, cantando a sua primeira missa a 18 de Dezembro na Matriz de Baturité.

Em Junho de 1875 a convite dos habitantes do Povoado do Mulungú, hoje matriz, acceitou essa capellania, onde permaneceu 8 annos como capellão provisionado.

Em Maio de 1884 foi nomeado Vigario da nova freguezia de Ipueiras, contigua ao Ipú, da qual tomou posse em começo de Julho do mesmo anno. Alli esteve 2 annos e 6 mezes, deixando um grande cemiterio de pedra, melhoramentos na Matriz, uma capella no Povoado Varsea Formosa, distante 13 leguas da Matriz, sob a invocação de Jesus, Maria, José, e diversos oratorios privados para facilitar a desobriga de sua extensa freguezia.

Em Dezembro de 1886 foi removido para S. João da Uruburetama (Arraial), outra nova freguezia que inaugurou e da qual tomou posse a 16 de ãaneiro de 1887. Parochiou essa freguezia 2 annos e 3 mezes, extendendo sua jurisdicção em 1888 á freguezia de Pentecostes, que lhe foi annexa.

Por Decreto de 23 e Portaria do Ministerio da Guerra de 26 de Março de 1889, sendo nomeado Capellão-Tenente do Corpo Ecclesiastico do Exercito e em 8 de Abril do mesmo anno nomeado para servir na Escola Militar da então Provincia do Ceará, deixou a freguezia e veiu assumir o dito cargo.

Com o advento da Republica, foi em Maio de 1890 desligado da Escola Militar e chamado para o Rio de Janeiro. Alli chegando a 1 de Julho foi no dia 2 nomeado Capellão do Hospital Militar no Morro do Castello, e dahi em Setembro transferido para o Arsenal de Guerra. Vagando nesse tempo a Capellania da Guarnição do Estado do Ceará, 11 Batalhão de Infantaria foi transferido para o Ceará e assumiu este cargo em começo de Novembro do mesmo anno. Em Fevereiro e Março de 1891 foram reformados por Decreto e pela compulsoria todos os capellães do Exercito, e nesse numero foi Monsenhor Dantas, sendo respeitados os soldos de accordo com suas patentes.

Desejando facilitar e propagar a popular devoção de N. S. do Carmo na Diocese do Ceará obteve dos Frades Carmelitas Descalsos em Roma a faculdade de erigir canonicamente na Matriz do Patrocinio esta importante devoção, que foi installada regularmente em Novembro de 1891, sendo elle nomeado Capellão-Director desta mesma confraria por D. Joaquim José Vieira, Bispo da Diocese, a 14 de Novembro do dito anno.

No empenho de dotar a cidade de Fortaleza de um templo, consagrado á Nossa Senhora do Carmo, Monsenhor João Dantas conseguiu do Exm. Bispo Diocesano que lhe fosse concedida a Capella de N. S. do Livramento que estava em completo abandono, e prestes a desabar, e iniciando em Setembro de 1893 os serviços nella precisos, auxiliado pelos donativos da população, vae em breve entregar ao culto publico mais um bello e magestoso templo.

Monsenhor João Dantas é o Promotor do Bispado, cargo para que foi nomeado a 6 de Junho de 1894 e o Parocho da Freguezia de S. Luiz de Gonzaga (N. S. do Patrocinio) de Fortaleza desde 9 de Fevereiro de 1896.

A 30 de Julho de 1900 foi distinguido com o titulo de Monsenhor e Camareiro Secreto Supranumerario de Sua Santidade o Papa Leão 13.

E' de sua penna a descripção feita n'*A Verdade*, jornal de Fortaleza, da Visita Pastoral do Exm. Snr. D.

Joaquim José Vieira a varios pontos do norte do Estado em Agosto de 1891.

João da Rocha Moreira.— Pharmaceutico pela Academia do Rio de Janeiro (1860).

Nasceu em Fortaleza a 17 de Janeiro de 1838 sendo seus paes João da Rocha Moreira, capitão das antigas milicias, vice-presidente da Provincia e deputado no biennio de 38-39, fallecido a 2 de Maio de 1843, e D. Thereza da Rocha Moreira, nascida a 17 de Junho de 1815 e fallecida a 8 de Setembro de 1874, e falleceu a 27 de Janeiro de 1896, victimado por uma syncope cardiaca.

Pelo lado paterno era neto de João da Rocha Moreira e D. Anna Moreira da Rocha, ambos naturaes de Pernambuco e pelo lado materno neto de Manoel Lourenço da Silva, fallecido a 25 de Julho de 1851, natural da Parahyba, 1.º conferente d'alfandega de Fortaleza, coronel da Legião do municipio da capital, conselheiro do governo, deputado provincial, e cavalleiro professo da Ordem de Christo, e de D. Maria do Carmo Sabina nascida a 30 de Junho de 1783 e fallecida a 17 de Agosto de 1851, filha do capitão-mór José de Castro Silva 2.º e de D. Joanna Maria Bezerra.

Prestou relevantes serviços á causa da instrucção fundando com outros distinctos companheiros o Gabinete Cearense de Leitura do qual foi presidente por muitos annos. Foi membro do Conselho de instrucção publica da antiga provincia e commandante superior da Guarda Nacional, vereador da Camara Municipal de Fortaleza, director-secretario da Caixa Economica e Monte de soccorro e por longos annos membro da mesa administrativa da Santa Casa de Misericordia.

Conhecemos delle:

—*Relatorio* apresentado pelo presidente do Gabinete Cearense de Leitura o Pharmaceutico João da Rocha Moreira no dia 2 de Setembro de 1877.

João da Rocha Moreira.—Doutor em medicina pela Faculdade da Bahia.

Nasceu em Fortaleza a 1 de Fevereiro de 1845 sendo seus progenitores o Major Manoel da Rocha Moreira e D. Brazia da Rocha Moreira.

Começou os estudos preparatorios em Fortaleza indo concluil-os na Bahia em cuja Faculdade doutorou-se a 30 de Novembro de 1869.

Chegado á provincia foi nomeado medico da Santa Casa de Misericordia, cargo que até hoje tem exercido sendo presentemente o chefe do serviço sanitario nesse importante estabelecimento de caridade.

Em 1877 foi nomeado lente substituto das cadeiras de Francez e Inglez no Lyceu de Fortaleza e commissario vaccinador, em 1881 medico da cadeia publica, em 1886 Inspector de Hygiene e em 1893 Inspector da saude do Porto em cujas funcções ainda se mantem.

A *A Galeria Cearense*, de Fortaleza, deu a sua biographia e retrato no dia 30 de Novembro de 1895, 25.º anniversario de sua formatura.

A dissertação de sua these apresentada á Faculdade de medicina da Bahia e sustentada em Novembro de 1869 para obter o gráo de doutor em medicina versou sobre—*Fistula lacrymal e seu tratamento*, e sahiu da Typ. do Diario, rua das Vassouras n.º 13, 1869.

João de Albuquerque Rodrigues.--Filho do Capitão Antonio Joaquim Rodrigues e D. Anna Amelia d'Albuquerque Rodrigues.

Nasceu em Sobral a 8 de Dezembro de 1839 e falleceu em sua fazenda Pé da Serra, Santa Quiteria, a 27 de Julho de 1901 como juiz de direito aposentado.

Tendo cursado a Faculdade de Direito do Recife nella recebeu o grau de bacharel em 1867.

Exerceu cargos de magistratura em S. Francisco de Uruburetama, Lavras, Tamboril, Gurgeia, Viçosa e S. Quiteria.

João de Andrade Pessoa Anta.—Filho do Capitão de ordenanças Thomaz Antonio Pessoa de Andrade e de D. Francisca Maria de Jesus, nasceu em Granja a 23 de Dezembro de 1787. Negociante e criador.

A seus esforços e poderoso concurso mallogrou-se a tentativa de Fidié para apoderar-se da villa de Parnahyba que se declarara pela independencia. Esses e outros importantes serviços á causa publica valeram a João de Andrade a nomeação de coronel de milicias e o officialato do Cruzeiro.

Opposicionista a Pedro José da Costa Barros e adheso ás ideias da Republica do Equador, que aliás desconfessou logo que teve noticia do bloqueio de Fortaleza por Cockrane e da completa transformação de José Feliz, o substituto de Tristão no governo da republica, o Coronel Pessoa Anta foi por denuncia e traição dos seus escravos José e Francisco entregue a Conrado de Niemeyer a quem insuflava Marcos Antonio Bricio, seu inimigo pessoal, e, depois de condemnado pela celebre Commissão Militar, espingardeado ao lado do P.e Gonçalo Mororó a 30 de Abril de 1825.

A 15 de Julho o ministro da guerra João Vieira de Carvalho ordenava a Conrado que informasse uma petição que a 12 de Fevereiro Pessoa Anta dirigira á Imperatriz!

Dando conta do assassinato dos dous infelizes patriotas cearenses escrevia Conrado Jacob de Niemeyer ao ministro da guerra:

«Hontem pelas 9 horas da manhã forão fuzilados, por sentença da commissão militar, os rebeldes, padre Gonçalo Ignacio Loyola e o coronel João de Andrade Pessoa Anta, ficando recommendado á piedade de S. M. I. e C. o tenente-coronel Antonio Bezerra de Souza, que nesta provincia serviu por algum tempo de commandante d'armas. *Nã posso deixar de aproveitar com prazer este delicioso momento* para novamente fazer patente a S. M. I. a disciplina e subordinação de toda a tropa de meu commando, a firmeza, o silencio, a obediencia, o respeito que patenteou no acto da execução dos réos, e o enthusiasmo, com que derão os vivas e entoaram o hymno nacional, me encheu de maior confiança a seu respeito.»

Sobre Pessoa Anta leam-se João Brigido (Miscellanea Historica e Revista do Instituto do Ceará, 2.º tri-

mestre de 1889) e Paulino Nogueira (Revista do Instituto 3.º e 4.º trimestres de 1889 e 1.º e 2.º trimestres de 1894).

João de Carvalho Fernandes Vieira.—Nasceu em Maranguape em 1823.

Graduando-se em 1845 na Faculdade de direito de Olinda, entregou-se á carreira da magistratura, foi promotor publico de Fortaleza, juiz municipal de Caxias, chefe de Policia do Pará, juiz de direito nas provincias de Maranhão, Piauhy, Alagoas e Rio Grande do Sul, desembargador da Relação do Maranhão em 1872 e da do Ceará em 1874.

Falleceu em Maranguape a 23 de Setembro de 1885.

Dando noticia de sua morte assim se expressou a *Gazeta do Norte*, orgam liberal e portanto insuspeito, sendo o Desembargador João de Carvalho conservador intransigente :

«Depois de longos padecimentos, falleceu, hontem, no seu sitio da serra de Maranguape, o desembargador João de Carvalho Fernandes Vieira, membro dos mais illustres da magistratura brazileira.

Homem de temperamento ardente, e de modos que lhe correspondiam, era entretanto um coração accessivel á piedade, e mui bemfasejo.

Estudioso, intelligente, com largas noções de direito; parecendo violento, mas não sendo, em verdade, sinão resoluto, independente e consciente do seu dever; de uma probidade immaculada, amigo do seu paiz, dedicado a seus amigos, e de um amor acrisolado a seus parentes carecidos de protecção; o magistrado cearense era um dos filhos mais notaveis do Ceará.

Foi de espinhos a sua carreira em começo. Lutou contra os amigos politicos, contra os poderosos, e nos sertões contra os senhores de couto, verdadeiro terror das populações.

Incumbido, como delegado de policia e juiz municipal, de fazer entrar no dominio da lei o termo de Caxias, que se achava completamente sequestrado da

communhão social por assassinos poderosos, que dominavam, portou-se com uma audacia desusada, e fez baixar a serviz aos mais arrogantes.

Nomeado juiz de direito, serviu em muitas provincias, sempre com honra e altivez, estimado dos pequenos, e respeitado dos poderosos. Por ultimo veio servir na Relação d'este districto.

Alguns julgados, em que tomou parte, não resistem á critica, mas ha decisões suas, que lhe faziam muita honra, e em nenhum seu caracter foi suspeitado de afrouxar ante considerações indignas.

Como homem privado, era de um trato delicadissimo e de uma extrema officiosidade. Economico, e cavalheiro, sempre estava prompto a liberalisar os seus recursos, e a se excusar ás generosidades dos amigos. Nunca teve credores, e se mostrou sempre bondoso aos que lhe deviam. Era impetuoso e susceptivel; mas bom ao mesmo tempo. Rompia a qualquer signal de imposição, cedia a qualquer pedido justificado.

Sua morte foi emfim uma perda sentida para o Ceará, da qual lhe damos os pesames.»

João de Deus Vianna.—Nasceu em Aquiraz a 8 de Março de 1868. São seus paes José Antonio Vianna e D. Anna Anatolia Maria da Silveira.

Fez seus estudos de humanidades no Lyceu Cearense, matriculando-se na Faculdade de Direito do Recife em 1892, e recebendo o gráo de bacharel em sciencias juridicas a 7 de Dezembro de 1896.

Redigiu com outros a *Idéa*, jornal da classe estudantal do Ceará, publicado nos annos de 1887 a 1888; fez parte tambem da redacção do *Congresso Academico* orgão dos estudantes da Faculdade de direito do Recife no anno de 1895.

Exerceu successivamente os cargos de escripturario da Extincta Thesouraria de Fazenda do Ceará, da Alfandega de Pernambuco e do Tribunal de Contas Federal pedindo exoneração deste ultimo cargo para seguir a magistratura.

Exerce actualmente as funcções de juiz substituto da 2.ª vara de Fortaleza, tendo occupado identico cargo nas comarcas de Jaguaribe-merim e São Benedicto neste Estado.

Tem em preparo para ser publicado um trabalho intitulado *A Psychiatria nos Tribunaes*.

João Delfino Furtado de Mendonça.—Falleceu em Junho de 1897 na cidade de Valença, onde exercia a profissão de advogado.

Foi deputado ao primeiro Congresso Constituinte e Legislativo do Estado do Rio de Janeiro.

Foi o fundador da imprensa em Valença, publicando em 1862 o *Merrimac*, a cujos esforços se deve a estrada de ferro Valenciana. Mais tarde publicou *O Valenciano* (1864) e a *Phenix*.

João Dias da Silva.—Nasceu a 14 de Agosto de 1848 e falleceu a 6 de Dezembro de 1878 em Fortaleza.

Tendo cursado por algum tempo as aulas do Lyceu, dedicou-se á arte typographica até 1867, quando oppoz-se ao concurso da cadeira de 1.as lettras do Mocuripe, em que foi provido e da qual em 1873 foi removido para a da povoação da Assumpção da Imperatriz, o que levou-o a abandonar o magisterio e a entregar-se de novo á vida de typographo.

João Dias tem varias de suas producções transcriptas na *Illustração Luso-Brasileira* e no *Correio do Recife*.

João Edmundo de Oliveira Gondim.—Formado em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de S. Paulo em 1888.

João Ernesto Viriato de Medeiros.—Filho do C.el Antonio Viriato de Medeiros, natural da Parahyba, e de D. Maria Jeronyma Figueira de Mello, viuva em 1.as nupcias de Vicente de Castro Silva, filho do Capitão-mór Antonio José da Silva Castro e de sua mulher D. Francisca Cordeiro de Castro; era irmão do Major José Pe-

regrino, Dr. José Gonçalves e Dr. Trajano Viriato de Medeiros e meio irmão do Coronel Francisco Frederico.

Natural de Sobral. Doutor em mathematicas pela antiga Academia Militar e formado em Engenharia. Deputado e Senador pela antiga Provincia. Falleceu aos 76 annos na Capital Federal a 27 de Junho de 1900. Era cavalleiro da Ordem de S. Bento de Aviz.

A seus esforços e do Dr. José Julio (posteriormente Barão de Sobral) perante o Ministerio Sinimbú se deve a construcção da Estrada de ferro de Sobral.

Conhecemos delle:

—*Dissertação* sobre o methodo dos limites e dos infinitamente pequenos, apresentada para obter o gráo de doutor em mathematicas e sustentada perante S. M. o Imperador em 27 de Fevereiro de 1850. Rio de Janeiro, 1850, in-4.°

—*Estradas de ferro* para Minas Geraes. Aos Exms. Snrs. Senador Theophilo Benedicto Ottoni e conselheiro Christiano Benedicto Ottoni. Rio de Janeiro 1865, in-8°.

—*Estrada de ferro* de Porto Alegre á Uruguayana. O Ministerio da Agricultura e o engenheiro Viriato de Medeiros. Rio de Janeiro, 1877, 80 pags. in-8°.

—*Estudos sobre as seccas do norte*. Sob a assignatura de *Serrano*, o autor publicou esses Estudos em 1860 no *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, e os reimprimiu na *Reforma* nos ultimos dias de Maio e principios de Junho de 1877.

Em refutação aos *Estudos* publicou o Senador Thomaz Pompeu varios artigos na mesma *Reforma* em Junho e Julho de 1877.

—*Ponderações* sobro a memoria do Dr. Rebouças «A secca nas provincias do norte». Referem-se ás seccas de que soffre o norte do Brazil, nomeadamente o Ceará e foram publicadas no *Globo* e *Jornal do Commercio*, em 1878 sob o pseudonymo de Serrano.

—*Limites* entre o Ceará e o Piauhy. Discurso pronunciado na Camara dos Deputados na sessão de 18 de Agosto de 1880. Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1880, em 8.° de 23 pags.

—*Discurso* pronunciado pelo Snr. Senador Viriato de Medeiros na sessão de 21 de Julho de 1884. Rio de Janeiro. Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & C.ª 61 Rua do Ouvidor 1884.

O *Jornal do Brazil*, do Rio de Janeiro, de 27 do Junho, assim se exprimiu por occasião do seu fallecimento:

«Acaba de fallecer hoje, ás 6 horas e meia da manhã, em sua residencia da rua Senador Candido Mendes, antiga D. Luiza, o Dr. João Ernesto Viriato de Medeiros, engenheiro.

Nasceu na antiga provincia do Ceará, fez estudos regulares matriculando-se na antiga escola de engenharia, onde se formou engenheiro civil. O Dr. Viriato exerceu a sua profissão sempre notado pela sua competencia e intelligente actividade.

Mereceu do governo imperial uma confiança que o honrava, porque era derivada da rectidão do seu caracter honrado e independente.

Foi encarregado de diversas commissões na Europa e nos Estados-Unidos da America do Norte, concernentes á estrada ferrea de D. Pedro II, que tambem dirigiu com applauso do publico e plena satisfação do governo.

Nestes assumptos da viação ferrea o Dr. Viriato de Medeiros sempre foi considerado um dos engenheiros brasileiros mais competentes pelos seus talentos, saber e experiencia.

Militou em politica activamente no partido liberal.

Eleito deputado, representou o Ceará na camara temporaria e depois representou a mesma provincia como senador durante os ultimos annos do regimen monarchico.

Recolheu-se á vida privada por longo tempo, como que viveu inclausurado pelos continuos soffrimentos de saúde.

Com a morte do Dr. Viriato rarеam-se as fileiras dos antigos lutadores da causa augusta da liberdade constitucional e parlamentar.

O senador Viriato de Medeiros era no antigo senado respeitado pela nobreza de seu caracter e a competencia nas materias de sua profissão.

O paiz perde nelle um brasileiro distincto e o Ceará um dos filhos que soube ennobrecel-o.»

João Evangelista Alves da Costa.—Filho de Miguel Alves da Costa, ordenou-se no Seminario de Belem, do Pará, e é vigario nesse Estado. E' natural de Sant'-Anna.

João Evangelista Baptista Carneiro (P.º).—Natural da cidade do Icó, e filho de Francisco de Paula Baptista Carneiro e D. Leopoldina Carolina Baptista Carneiro.

Tendo feito seus estudos de humanidades em Fortaleza, recebeu as sagradas ordens de presbytero a 6 de Dezembro de 1868, sendo o conferente das mesmas S. Exc. o Snr. Arcebispo D. Luiz Antonio dos Santos.

Em 1869 foi nomeado coadjuctor da freguezia do Icó, d'onde foi retirado a 2 de Janeiro de 1878 para exercer as funcções parochiaes na freguezia da Telha (Iguatú), cargo em que a morte o surprehendeu em 1884.

João Facundo de Castro Menezes.—Foi a influencia politica mais legitima e real que teve a Provincia do Ceará.

Nasceu no Aracaty a 12 de Julho de 1787, sendo seus paes o capitão-mór José de Castro Silva 2.º, nascido em Aracaty a 22 de Junho de 1749 e fallecido a 27 de Janeiro de 1807, e D. Joanna Maria Bezerra, filha do Pernambucano coronel Francisco Barboza Bezerra de Menezes. nascida a 29 de Maio de 1751 e fallecida a 30 de Maio de 1818.

Neto pelo lado paterno de José de Castro Silva 1.º, nascido a 20 de Setembro de 1709, natural de S. Miguel e de D. Anna Clara da Silva, natural de Itamaracá e pelo materno do coronel Francisco Barboza Bezerra de Me-

nezes e D. Helena Nunes Barbosa, natural de S. Bernardo de Russas; bisneto pelo lado paterno de Manoel Dias da Ponte, nascido a 10 de Agosto de 1679 e casado a 22 de Abril de 1722 com D. Maria Lopes, naturaes um e outro da ilha de S. Miguel, freguezia do Apostolo S. Pedro da Ribeira Secca e de Antonio da Cruz Silva, natural da freguezia do Espirito Santo em Lisboa e de D. Thereza Maria José, natural de Itamaracá, e pelo materno do Sargento-mór João de Souza Pereira, nascido a 14 de Outubro de 1714 e de sua mulher D. Joanna Bezerra de Menezes e do coronel Antonio Nunes Ferreira e D. Catharina Barboza; terceiro neto de Manoel Dias da Ponte e de sua mulher D. Victoria da Ponte, nascida a 26 de Novembro de 1651 e de Antonio Lopes e de sua mulher D. Maria Dias; quarto neto de Francisco Dias da Ponte e de sua mulher D. Anna Fernandes, naturaes um e outro da freguezia do Senhor Bom Jesus, do Rabo do Peixe, e de Miguel da Rocha casado a 29 de Janeiro de 1640 com D. Barbara Reis, nascida a 12 de Julho de 1609, naturaes um e outro da freguezia do Apostolo S. Pedro da Villa de Ribeira Grande; quinto neto de Manoel da Rocha casado a 3 de Dezembro de 1613 com D. Anna da Ponte e de Manuel de Farias e D. Maria Luiza Farias; sexto neto de Domingos da Rocha e de D. Maria Jacome, naturaes da Villa Franca do Campo, e de Pedro Reis da Ponte e D. Anna Gonçalves da Ponte.

Esses apontamentos nos foram fornecidos em 1884 pelo Rvd. Jacyntho Pereira de Medeiros, digno Vigario da freguezia da Ribeira Secca, Villa da Ribeira Grande.

Os primeiros annos de Facundo, occupados na vida de commercio em Aracaty e depois em Fortaleza para onde mudou-se em 1818, nada offerecem de notavel, mas acontecendo envolver-se por muitos lustros nas luctas travadas na provincia por motivo de partido e de nacionalidade, sua passagem por ellas deixou vestigios inapagaveis.

Quando de Pernambuco se estenderam ao Ceará as ideias da Confederação do Equador e a nova comarca do Crato hasteou em Outubro de 1822 o estandarte da revolta, foi Facundo mettido em arbitraria e despotica prisão

e deportado para uma fortaleza no Rio donde o fez sahir um honroso mandado Imperial.

Esses vexames, de que tambem partilhou seu primo e conterraneo capitão-mór Barboza, eram consequencia logica das idéas que commungavam em materia de politica, a familia Castro oppondo-se ao reconhecimento do governo de que se constituiram chefes Tristão Gonçalves d'Alencar Araripe, José Pereira Filgueiras e padre Gonçalo Ignacio d'Albuquerque Mororó.

Em data de 14 de Abril de 1824, Barboza assignou com seus companheiros do senado da camara, Marcellino de Brito, Manoel José Martins Ribeiro Junior, Ignacio Ferreira Gomes e José Antonio Machado um protesto contra os manejos de Tristão e conjurou-o a que se demittisse do posto, que illegitimamente assumira e concluiu lançando-lhe sobre os hombros a responsabilidade de toda e qualquer desgraça, que em Fortaleza acontecesse por motivo de não acquiescencia ao convite do senado.

Em resposta a esse officio, a municipalidade recebeu obstinada e formal recusa assignada por Francisco Pinheiro Ladim, José Pereira Filgueiras, Tristão Gonçalves d'Alencar Araripe e Miguel Antonio da Rocha Lima (secretario), recusa cuja minuta fôra feita pelo padre Mororó.

Convencidos os Castros e seus amigos que os revoltosos não cederiam de seu proposito, nem reconheceriam o tenente-coronel Pedro José da Costa Barros, presidente nomeado pelo Governo Central desde 25 de Novembro de 1823, e que então ja estava no porto prompto a desembarcar da corveta «Gentil Americana», reuniu-se de novo o Senado da Camara á cuja sessão compareceu o commandante do batalhão de 1.ª linha sargento-mór José Narcizo Xavier Torres e passou a instituir um governo grovisorio, cuja Presidencia foi assumida pelo 2.º veriador, pois o 1.º, Joaquim Antunes d'Oliveira, temendo comprometter-se, dera parte de doente.

Estando as coisas assim, Tristão, Landim e seus amigos retiraram-se apressadamente, mesmo sem cavalgaduras, para a villa de Arronches onde estabeleceram quartel general e d'onde peijaram a cidade da Fortaleza de suas

proclamações e de taes meios se serviram, não sendo o de menor importancia a divulgação da noticia de ter sido Filgueiras elevado ao posto de brigadeiro e feito Governador das Armas, que conseguiram a suspensão de Facundo do commando do Batalhão dos Nobres e a prisão de Barbosa.

Isto se passava no dia 15, quinta-feira santa, e nesse mesmo dia tinha logar o desembarque de Costa Barros. Chegada no dia seguinte a nova do bloqueio do Recife e da critica posição de Paes de Andrade, Tristão apressou-se em convidar Costa Barros a assumir a presidencia da Provincia, o que realisou-se a 17 com satisfação de todos os cearenses, que viram restituidos ás suas familias Facundo, Barbosa e companheiros.

Não tinha, porem, ainda soado a hora do exterminio completo da Republica do Equador no Ceará; rios de lagrimas deviam ainda derramar-se e sangue precioso tingir o solo da patria, pois com a chegada de Pernambuco a 21 dos emissarios Diogo Gomes Parente e Francisco Alves Pontes, que vinham trazer palavras de animação e assegurar a esperança de decisiva victoria, seguiu Filgueiras a 23 para o Aquiraz, donde voltou a Mecejana e desta ultima Villa (25 de Abril) expediu ordem a Luiz Rodrigues Chaves, já então feito commandante do batalhão da capital, para que prendesse e remettesse para bordo da fragata ingleza «Jubile» João Facundo, Joaquim Barbosa, Marcelino de Brito. Manoel Martins, José Narciso Xavier Torres, Manoel Antonio Diniz, Francisco Xavier Torres, João da Silva Pedreira, sargento-mór Jeronymo Delgado Esteves e o tenente José de Abreu.

Postos na impossibilidade de luctar os inimigos mais salientes dos planos de Tristão, Filgueiras officiou ao Presidente Costa Barros para demittir-se do lugar que occupava e deu-lhe por substituto Tristão de Alencar, que entrou em exercicio a 29.

No Rio de Janeiro, para onde foram desterrados sem forma alguma de processo, João Facundo e Joaquim Barbosa publicaram a 20 de Julho de 1824 um manifesto-protesto, em que vem narradas com minuciosidade essas

luctas de partido e voltaram pouco depois para a provincia, que tanto carecia de seus desinteressados serviços e avisados conselhos.

O manifesto foi impresso na typographia de Plancher, impressor de S. M. Imperial, rua do Ouvidor n.° 203.

Abundando nas mesmas ideias do manifesto os dous cearenses dirigiram ao Imperador uma representação, em que narravam os successos occorridos, sendo suas asserções appoiadas por valiosas certidões da Secretaria do Governo, extrahidas por Manoel do Nascimento Castro e Silva.

Até aqui temos visto em Facundo o amigo dedicado ás instituições da monarchia.

Mais adiante vamos encontral-o ao lado do presidente Belfort luctando com o governador das armas da provincia, Conrado de Niemeyer, o condecorado com a ordem do Cruzeiro por pedir o anniquilamento da carta constitucional, e mais tarde ainda partilhando das ideias para cuja victoria Manoel do Nascimento e Vicente de Castro tanto concorreram com Evaristo e Vergueiro, Odorico Mendes e Limpo de Abreu, e cujo desfecho chamou-se o 7 de Abril de 1831.

A 25 de Novembro de 1837 com a retirada do senador Martiniano de Alencar para o Rio, Facundo assumiu as redeas do governo e administrou a provincia até a ascenção dos conservadores.

Era a 2.ª vez que tomava sobre os hombros esse pezado e honroso encargo, pois substituira na qualidade de 2.° vice-presidente a seu mano, capitão-mór José de Castro, a 7 de Outubro de 1831.

Havendo-se retirado do poder o padre Diogo Antonio Feijó e com elle o partido liberal, Manoel do Nascimento, Vicente de Castro e mais amigos no Rio escreveram a Facundo para que apoiasse com seu prestigio a candidatura do regente interino Pedro de Araujo Lima, depois marquez de Olinda, e tanto mais instantes se faziam essas recommendações, quando surgiam pre-

tenções por parte de Hollanda Cavalcanti e não havia candidato liberal áquelle posto.

Governava então a provincia, como delegado dos homens de 19 de Setembro de 1837, Manoel Felizardo de Souza e Mello, cuja posse teve logar a 16 de Dezembro, mas apezar de adversario não recusava satisfazer ás exigencias do chefe liberal, cujos amigos continuavam a occupar a maior parte das posições officiaes.

Alencar, porem, que não era o chefe real do partido na provincia, mas era aquelle que mais sobresahia pela posição de Senador, não desejando concorrer para a grandeza de quem lavrara-lhe a demissão de Presidente ao verificar-se a queda do 1.º regente, conseguiu vencer a repugnancia de Facundo em prol de uma candidatura qualquer que não fosse a do regente interino e fazel-o abraçar a do General Lima e Silva.

Era natural que Manoel Felizardo rompesse em lucta desabrida contra aquelles que no começo de sua administração mostraram-se quasi propensos a abraçar a candidatura do regente; mas o que causa surpreza é que o politico por amor de quem e por cuja causa a palavra de Manoel do Nascimento e Vicente de Castro ficara mal vista dos homens do poder, continuasse a privar com o presidente e obter delle todas as concessões, emquanto os liberaes estavam sob o guante de ferro da perseguição a mais violenta, quando os actos da administração conservadora mereciam por toda parte serios reparos e até mesmo no recinto do Senado, onde, todavia, nunca se fez ouvir a esse respeito a voz do representante Cearense.

Contra o proceder desse Presidente, que levou seu espirito partidario ao ponto de conservar-se na administração da provincia oito dias depois da chegada de seu legitimo successor, foi que Facundo, então Presidente da Assembléa, endereçou em data de 12 de Fevereiro de 1839 a conhecida mensagem, tambem subscripta pelos companheiros de representação residentes na capital, capitão-mór Joaquim José Barboza, Dr. José Lourenço de Castro e Silva, desembargador João Paulo de Miranda, José

Raymundo Pessoa, João Franklim de Lima, Angelo José da Expectação Mendonça e José Joaquim da Silva Braga.

A Manoel Felizardo, que pedira demissão e fôra removido para o Maranhão, succedeu o Dr. João Antonio de Miranda, que desembarcou a 8 e assumiu as redeas do governo a 15 de Fevereiro de 1839.

Sua presidencia assignalou-se tão somente pelo addiamento da Assembléa faltando apenas 12 dias para findar a sessão, e pela continuação da guerra feita aos politicos da parcialidade adversa, sendo uma nova face de perseguição por elle posta em pratica o amordaçamento da imprensa, que lhe era desaffecta.

Exonerado o Dr. João de Miranda, o governo imperial houve por bem dar-lhe substituto na pessoa do bacharel Francisco de Souza Martins.

Pode dizer-se que a vida administrativa dessa autoridade entre nós quasi limitou-se a luctas de eleição, em que soube sempre sophismar a vontade do eleitorado da provincia nos diversos pleitos por que elle teve de passar, mormente no que deu uma cadeira no senado a Miguel Calmon du Pin e Almeida.

A exoneração, dada a Souza Martins e dada de modo acintoso, por quanto lhe era ordenado passasse *immediatamente* as redeas do governo ao 1.° vice-presidente, foi consequencia obrigada do grande acto da Maioridade, realisado a 23 de Julho e tão saudado do norte a sul do imperio.

Coube, portanto, ao major João Facundo de Castro Menezes a honra de ser o primeiro a governar o Ceará depois que o Snr. D. Pedro II foi declarado maior.

Era justo. Nenhum cearense trabalhara mais do que elle para esse resultado. Si em casa de Alencar reuniam-se clubs como ao regente declarou em 1837 o presidente Souza Martins, os passos de Facundo eram vigiados e até suas cartas interceptadas como as de perigoso e autorisado adversario.

Em correspondencia travada com seu tio o barão de Parnahyba, dizia Souza Martins:

«Accresce ter sido a dias surprehendida outra carta de João Facundo de Castro Menezes, inspector d'alfan-

dega desta cidade e irmão do deputado Manoel do Nascimento, a qual depois de declarar o seu grande descontentamento da minha administração e do governo do regente, encerrava um bilhete escripto em cifras para não ser entendido e por elle parece colligir-se a existencia de uma sociedade, que tem por fim proclamar a Maioridade de S. M. o Imperador.

«A vista disto comprehenderá V. Exc. se he delicada e assustadora a minha posição sem forças nem armas na provincia. Eu tenho tudo participado para a Côrte e algumas providencias espero, mas virão ellas?

Podel-as-ha o governo dar! Conservo em segredo os meus sustos e receios.»

Havendo tomado posse a 9, Facundo expediu a 11 uma portaria addiando a Assembléa *por assim convir ao bem da provincia*, substituiu por amigos a *alguns* officiaes da guarda nacional, que alem de outros motivos offereciam o de não ter titulos legalisados e tratou de restabelecer em seus empregos e logares a liberaes de respeitaveis serviços ao paiz e aos quaes a intolerancia das 3 passadas administrações havia perseguido.

Comprehende-se que esses actos de Facundo, filhos inteiramente das circumstancias em que a politica o collocava, deviam trazer a explosão das iras de seus adversarios, que chegavam a açular bellicosamente os animos dos cidadãos pacificos e em clubs e reuniões quotidianas buscavam implantar nas massas o germen da desobediencia ao Ministerio da Maioridade e a seu delegado na provincia.

E' publico e notorio, e o demonstra por demais o officio da camara municipal de Baturité em sessão extraordinaria de 2 de Outubro de 1840, que Souza Martins em viagem para sua comarca animava em todos os pontos da provincia, por onde ia passando, o espirito de rebellião á nova ordem de cousas, não admira, portanto, que o governo provincial lançasse mão de meios de coerção e tratasse de se cercar de empregados e auxiliares de sua plena confiança.

Subia ao poder o partido liberal; os seus amigos tinham sido cuidadosamente excluidos dos empregos, que occupavam, por Manoel Felizardo, que lavrou 156 demissões, e por seus dous successores, não admira que Facundo quizesse administrar a provincia sem o concurso dos que não lhe mereciam confiança e antes oppunham serios tropeços á sua administração.

A 20 de Outubro de 1840 assumiu a presidencia do Ceará o senador José Martiniano de Alencar, nomeado por carta imperial de 10 de Setembro do mesmo anno.

Como era natural, os actos de seu antecessor mereceram-lhe inteira approvação, e pois os conservadores, longe de se acalmar, foram de dia em dia se exaltando mais, e afinal concluiram por fazer manifestações hostis ao illustre delegado do ministerio da Maioridade.

A 2.ª administração do novo presidente, pode-se quasi dizer, foi occupada em suffocar revoltas promovidas pela parcialidade, que abandonara o poder com a elevação de D. Pedro II, e encontrara em Alencar e Facundo valente paradeiro á sua influencia.

Icó, Aracaty, S. Bernardo e Sobral sobretudo foram os fócos dessas loucas sedições, que os actos dos dous liberaes tinham provocado e ás quaes emprestavam o concurso de decidido apoio alguns vultos como o major Francisco Xavier Torres, Dr. Miguel Vieira e outros.

Subindo a 23 de Março de 1841 o Gabinete Villela Barbosa, Alencar foi exonerado, passando a Facundo a 6 de Abril a administração.

Foi a ultima vez, que nesse cargo o politico liberal prestou á patria serviços eminentes.

Bala assassina desfechada ás $7\,^1/_2$ horas da noite de 8 de Dezembro libertou os conservadores de poderoso adversario e roubou aos liberaes seu chefe prestimoso.

Era então presidente da Provincia o brigadeiro José Joaquim Coelho, depois Barão da Victoria, juiz de direito e chefe de policia da comarca da capital o bacharel Miguel Fernandes Vieira e commandante da policia Franklim do Amaral.

Procederam ao corpo de delicto e exame cadaverico com assistencia do juiz de paz Capitão-mór Barbosa e do escrivão Antonio Lopes Benevides o Cirurgião-mór da provincia Joaquim da Silva Santiago e o Cirurgião Francisco José de Mattos.

Sobre o assassinato de Facundo são dignos de leitura os *Discursos* que na presença de S. M. o Imperador recitaram a 5 de Janeiro de 1842 o Senador Alencar, o deputado P.e Carlos de Alencar e o Dr. José Lourenço, presidente da camara de Fortaleza, os quaes foram publicados no *Maiorista*, do Rio de Janeiro (Janeiro de 1842).

O illustre cearense, pode-se dizer, suicidara-se: como a Cezar, não lhe fallaram avisos de que sua vida corria enormissimo perigo, risco eminente; como a Pellegrino Rossi chegaram-lhe nefandas traições; mas taes eram os sentimentos que em sua alma aninhavam-se que nunca se arreceou de ser victima do bacamarte assassino por motivo politico, por odio partidario.

Disto temos prova em carta sua.

Um dia, era festa do Espirito Santo, a familia Castro reunia-se no Meirelles em casa de Manoel Lourenço, residencia hoje de Lourenço da Silva Porto, e Facundo para lá se dirige pelo caminho, que fica a direita do palacio episcopal: os assassinos emboscaram-se neste ponto, mas frustrou-se o plano tenebroso, porque a victima voltara por caminho differente, pela beira-mar; n'outra occasião achava-se elle em casa do capitão-mór Barbosa onde foi o Hotel das Quatro Nações e hoje tem consultorio o cirurgião dentista Guilherme Sombra. Os assassinos, postados na Praça Carolina bem em frente da actual assembléa, retiram d'entre feixes de capim as espingardas carregadas, fazem por vezes pontaria para as janellas do sobrado, que lhes fora designado, mas ainda desta feita frustra-se o assassinato por não ter havido occasião propicia á perpretação do horrendo crime.

A 8, porem, de Dezembro, tinha execução o tenaz e deliberado proposito e em hora infeliz realisavam-se

as previsões e os temores dos amigos e dos parentes do infeliz cidadão.

Comprehende-se o que acontecia então nas ruas da cidade, no seio da familia em sobresalto. Por toda parte surgiam gritos de vingança, protestos de energia indescriptivel.

A policia, essa não permittia que se fizessem ajuntamentos de mais de 3 pessoas e trazia á vista os membros mais conspicuos da familia perseguida e seus mais dedicados amigos, e si em altas vozes os homens do governo promettiam premios a quem descobrisse os matadores, cerravam ouvidos aos nomes, que o clamor publico apontava e mais tarde protegiam abertamente os mandantes do atroz delicto, os que haviam armado o braço inconsciente de Chagas e de Abrahão pela mesquinha somma de poucos patacões.

A rua mais bella da capital do Ceará, antiga rua da Palma, aquella onde se acha situada a casa, que o vio cahir ferido mortalmente, honra-se hoje com o nome do Major Facundo.

Seus restos repousam na egreja do Rosario, corredor á mão esquerda, junto ao tumulo de seu primo e amigo, capitão-mór Barbosa, fallecido de lesão cardiaca a 23 de Outubro de 1847 em sua fazenda Tauhape, martyr tamtambem de infrene perseguição dos satellites de Coelho.

Para ahi foram trasladados os restos de Facundo a 9 de Setembro de 1848, depois de pomposas exequias em que tomou parte todo o partido liberal e em que foi orador sagrado o Rvd. Carlos Augusto Peixoto de Alencar.

No mesmo dia em varios pontos da provincia, e nomeadamente em Sobral, era suffragada a alma da victima dos conservadores.

Um anno e cinco mezes depois do assassinato, a 19 de Maio de 1843, voltava para casa pelo braço de Elesbão Bittencourt, filho do presidente Silva Bittencourt e accompanhada de todos os seus juizes a esposa de Facundo, accusada de conspirações e mettida em monstruoso processo. Os jurados, que por unanimidade absolveram a D. Florencia de Andrade foram Manoel Joaquim

de Almeida, Manoel José Ladislau, Antonio Pereira Martins, Vicente Ferreira M. Pereira, Vicente da Costa dos Anjos, Valerio Raulino de Souza Uchôa, Constancio Dias Martins, Joaquim de Macedo Pimentel, José Gervasio de Amorim Garcia, João Pacheco Ferreira, Luiz V. da Costa Delgado Perdigão e Francisco Manoel Gafanhoto.

Dous mezes e cinco dias antes, ás 8 horas da manhã de 14 de Março de 1843 havia largado do porto da Fortaleza o vapor «S. Sebastião», commandante J. Maria Falcão, levando a seu bordo o brigadeiro Coelho.

Facundo foi commandante do batalhão dos Nobres de Fortaleza, e condecorado com o habito de Christo.

O *Ceará Illustrado* n.° 3, anno 1.° deu o retrato e a biographia do Major Facundo.

Alem do *Manifesto* acima referido conhecemos delle:

—*Regulamento* da Policia Fiscal do Porto do Ceará a cargo da Alfandega, que foi approvado pelo presidente Alencar a 22 de Novembro de 1837 e pelo presidente do Tribunal do Thesouro Nacional a 17 de Março de 1838.

Por esse Regulamento devia haver no Porto do Ceará 4 ancoradouros, o de Quarentena, o de Franquia, o de Descarga e o de Carga.

O Regulamento compõe-se de 46 artigos.

João de Araujo Chaves (SARGENTO-MÓR).— Irmão de Manuel Martins Chaves, o prisioneiro de João Carlos, e filho de José Araujo Chaves, bahiano, e D. Luzia de Mattos e Vasconcellos.

Casando com D. Nasaira Ferreira Mimosa, filha de João Ferreira Chaves e de D. Anna Glz. Vieira, teve os seguintes filhos:

João de Araujo Chaves, que tambem foi sargento-mór e morador em Carrapateira e que casou com D. Josepha de Barros Galvão, filha de Luciano de Barros Galvão e de D. Eleutheria de Mattos e Vasconcellos, irmã de João de Araujo Chaves e moradora com o marido na fazenda Cacimba do Meio, termo de Tamboril, 8 leguas a N. O. margem do Acaracú.

Manuel Martins, casado com D. Maria de Barros, irmã de Josepha de Barros.

José de Araujo, conhecido pelo da Varzea do boi, casado com D. Luzia, tambem irmã de Josepha de Barros.

D. Maria Saraiva, casada com o Capitão Francisco de Barros Galvão, moradores em S. Anna de Cratehus.

Leonardo Ferreira Chaves, casado com D. Rita Alves Feitosa, filha do capitão-mór Eufrasio Alves Feitosa, do Estreito.

Alem desses foram suas filhas a mulher de Belchior de Barros Galvão, morador na fazenda Negro 1 legua acima de Vertentes, e a mulher de José de Araujo, do logar S. Amaro em Cratehus.

João de Araujo Chaves era morador e proprietario da fazenda Carrapateira, riacho do mesmo nome, termo dos Inhamuns.

D. Nasaira Ferreira Mimosa teve as seguintes irmãs: D. Ursula Gonçalves Vieira, mulher de Manuel Martins Chaves, D. Anna Gonçalves Vieira casada com o capitão-mór Antonio de Barros Galvão, filho de Victor de Barros Galvão, que figurou na historia do Piauhy, e D. Polucena Gonçalves Vieira mulher de Estevão do Prado Galvão.

João de Araujo Chaves, do Estreito. (CORONEL). —Filho do precedente. Casou com D. Josepha Alves Feitosa e era portanto concunhado de seu tio Leonardo.

De seu consorcio teve os seguintes filhos:

Manuel Jacome de Araujo Chaves, casado com D. Maria;

Jacome de Araujo Feitosa, que morreu solteiro. Foi o commandante do Batalhão dos Inhamuns na guerra de Pinto Madeira;

D. Anna, que casou com o primo Leonardo Martins Veras, filho de Manoel Martins Veras, do Morcego;

João Leopoldo de Araujo Chaves, que casou com uma irmã do seu cunhado Leonardo, em 2.ª nupcias com D. Mariana e em 3.ª com D. Anna L. Alves Feitosa filha do capitão Pedro Alves Feitosa, do Cococá e de D. Euphrasia Alves Feitosa. Desse ultimo leito teve o actual

Cura da Sé de Fortaleza Rvd. P.e Pedro Leopoldo de Araujo Feitosa, de quem adeante falaremos;

Dr. Antonio Leopoldino de Araujo Chaves, casado com D. Josepha, o qual foi juiz de Direito de Inhamuns, dahi removido para a Cidade de Areia, donde conseguiu permutar com o juiz de Direito de Quixeramobim Dr. Assis e finalmente juiz de Direito de Alcantara;

Dr. Fortunato de Araujo Chaves, que morreu solteiro;

Coronel Joaquim Leopoldino Chaves, commandante Superior do Inhamuns. Depois do fallecimento de sua 1.ª esposa D. Rita casou com a viuva do seu mano Dr. Leopoldino e em 3.ª nupcias com a viuva de seu irmão Manoel Jacome.

O Coronel João de Araujo, do Estreito, tomou parte na lucta de Fidié e foi um dos Membros da Commissão Matuta.

Pereira

João Felippe ~~Ribeiro~~.—Nasceu em Inhamuns. E' o actual Prefeito do Districto Federal.

Desempenhou as funcções de Secretario dos Negocios do Exterior e depois dos da Agricultura, Viação e Obras Publicas no governo do Marechal Floriano Peixoto.

Escreveu:

—*Esgotos* continuos do systema mixto. These de concurso a vaga de lente substituto da segunda secção do curso de Engenharia Civil da Escola Polytechnica, Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio, 1898.

João Firmino Dantas Ribeiro.—Nasceu a 9 de Julho de 1855 em Baturité sendo seus progenitores Raymundo Francisco Ribeiro e D. Maria Florinda Bezerra de Albuquerque. Fez os estudos preparatorios no Seminario e no Lyceu do Ceará e partindo para Pernambuco em Abril de 1878 matriculou-se no anno seguinte na Faculdade de Direito e recebeu o diploma de bacharel em sciencias juridicas e sociaes a 17 de Novembro de 1883.

De volta á Provincia e abraçando a carreira da magistratura, foi nomeado promotor do Crato, de Imperatriz, juiz municipal de Quixeramobim, director da As-

sembléa Provincial, promotor e juiz substituto de Baturité, procurador fiscal dos feitos da antiga provincia, juiz municipal de Pacatuba, juiz substituto de Fortaleza, juiz de direito de Viçosa donde foi removido para Aracaty e depois para Fortaleza onde se mantem.

João Firmino de Hollanda Cavalcante. – Nasceu a 18 de Setembro de 1841 na fazenda Olho d'Agua dos Gadelhas, fralda da serra dos Cocos a leste da actual povoação Varzea Formosa, local em que nasceu tambem monsenhor João Tolentino Gadelha Mourão, seu irmão colaço e seu primo legitimo.

Creou-se e recebeu a sua primeira educação em Sobral, onde eram residentes seus paes o Major João Antonio de Hollanda Cavalcante e D. Maria Sancha Cavalcante.

Recebeu na Faculdade de Recife o gráo de Bacharel em sciencias sociaes e juridicas a 9 de Dezembro de 1867.

Exerceu o cargo de Promotor Publico da Comarca do Acarahú, e o de juiz Municipal dos Termos de Saboeiro, Sobral, Cratehus e Ipú onde completou o quatriennio de sua nomeação para este ultimo Termo.

Recolhendo se a Sobral em 1878, dedicou-se á advogacia até 1886, quando foi nomeado para o cargo de Juiz Substituto de Fortaleza, em cujo exercicio entrou a 11 de Dezembro daquelle anno.

Proclamada a Republica em 1889, foi conservado, e apenas completou o seu quatriennio foi recondusido no seu logar pelo Coronel Ferraz, então Governador.

Por decreto de 19 de Janeiro de 1891 foi nomeado Juiz de direito da comarca da Barbalha, pelo governo Provisorio, assumindo o respectivo cargo em Março.

Na organisação da magistratura do Estado, realisada em 1892, foi aproveitado para o cargo de juiz de direito da 2.ª vara da comarca de Fortaleza e designado para servir de juiz dos casamentos.

Por acto do governo de 27 de Setembro de 1897 teve a nomeação de Dezembargador da Relação do Estado

Foi deputado da antiga Provincia para o biennio de 1870 a 1871.

João Francisco Pereira.—Nasceu em Fortaleza a 2 de Novembro de 1854. Filho de Antonio Francisco Pereira e D. Josepha Maria Pereira.

Quando estudante do 4.º anno apresentou-se ao concurso á cadeira de historia, geographia e cosmographia do Imperial Collegio Pedro II, versando sua these sobre:

—*Sistema* de Ptolomeu, Copernico e Tycho-Brahe; Leis de Kepler; Attracção e repulsão: these para o concurso da cadeira de substituto de historia, geographia e cosmographia do imperial collegio de Pedro II. Rio de Janeiro, 1879. 26 pags. in-8º.

Doutorou-se em medicina, para o que escreveu o trabalho:

—*Da influencia dos climas sobre o desenvolvimento e marcha da phthisica pulmonar.* Quaes as medidas hygienicas mais favoraveis ao tratamento desta molestia? These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a 30 de Setembro de 1881 e perante ella sustentada a 13 de Dezembro. Rio de Janeiro, Typ. de Queirazza e Landi, rua do Senado 31.

E' um grande amador de musica sendo que o violino, seu instrumento predilecto, muito o auxiliou na labuta da vida.

João Francisco Ramos Filho (P.e).—Nasceu no Aracaty a 30 de Setembro de 1846, sendo seus progenitores João Francisco Ramos e D. Maria Candida da Graça Ramos. Estudou e ordenou-se no Seminario de Fortaleza em 1869.

Dedicando-se com amor á litteratura e mormente á poesia lyrica, deixou exparsas nos jornaes da Provincia, do Rio de Janeiro e Maranhão innumeras producções reveladoras de seu grande talento, que muito promettia.

Foi redactor do *Sobralense*, quando coadjuctor na cidade de Sobral, e por sua conta correu por algum tempo (1870) a parte litteraria da *Tribuna do Povo*, de Aracaty.

Foi vigario das freguezias da Palma, no Ceará, e de Caxias e Codó, no Maranhão, onde falleceu em 1885.

João Francisco Sampaio. —Nasceu em Aracaty a 27 de Maio de 1847, sendo seus paes João Francisco Sampaio e D. Joanna Marcolina Sampaio, formou-se em Pharmacia na Faculdade do Rio de Janeiro a 4 de Dezembro de 1868 e falleceu em Fortaleza a 1 de Fevereiro de 1897.

Deputado nos biennios de 79-79, 80-81, 86-87.

Pertenceu ao corpo docente do Lyceu do Ceará apoz concurso para o qual apresentou o trabalho:

—*Phenicios e sua civilisação*. Israelitas atá o Captiveiro de Babilonia. These de concurso. Ceará, Typ. do Estado do Ceará. 1891. 8.º de 150 pags.

Foi por algum tempo o pharmaceutico do nosso Hospital de Misericordia e occupou o logar de Director da Secretaria da Assembléa Provincial.

Redigiu em Fortaleza o *Estado do Ceará*.

João Franklin da Silveira Tavora.— Bacharel em direito pela Academia do Recife, director da instrucção publica e membro da assembléa provincial de Pernambuco, membro do Instituto Historico e Geographico Brazileiro e correspondente do Instituto Archeologico Pernambucano em cujo seio fez seu necrologio o Dr. M. Lopes Machado (Revista n.º 36)

Não é do Piauhy como o suppoz Valentin Magalhães na sua *Litteratura Brasileira*, mas nasceu em Baturité a 13 de Janeiro de 1842 sendo seus paes Camillo Henrique da Silveira Tavora e D. Maria de Santa Anna da Silveira, e falleceu no Rio de Janeiro a 12 de Agosto de 1888 occupando as funcções de 1.º official da 3.ª Directoria do Ministerio do Imperio.

Publicou:

—*Um mysterio de familia*, drama, com 1.ª e 2.ª edic., 1861 e 1877.

—*A trindade maldita*, contos no botequim. Recife, 1861.

—*Os indios do Jaguaribe*, romance historico, 1862.

—*A casa de palha*, romance, Recife, 1866

—*Um casamento no arrabalde*, historia do tempo em estylo de casa, 1869, com 1.ª e 2.ª edic.

—*Tres lagrimas*, drama. Recife, 1870.

—*Cartas a Cincinato* por Sempronio, estudos criticos, com 1.ª e 2.ª edic., 1870 e 1872.

Nesse livro, que mereceu as melhores referencias de Alexandre Herculano e Castilho, Tavora submette á critica as producções litterarias de José de Alencar.

—*Notas Bibliographicas*.

—*O Cabelleira*, narrativa Pernambucana. Rio, 1876.

—*O matuto*, chronica Pernambucana. Rio, 1878.

– *Lendas e tradições populares*, publicadas em 1878 na *Illustração Brazileira*.

—*Sacrificio*, romance, publicado na Revista Brazileira, 1879.

—*Os patriotas de 1817*. Uma sessão do Governo provisorio. Revista Brazileira, 1880, pag. 37.

—*Lourenço*, chronica Pernambucana publicada na Revista Brazileira (1881).

—*Quem muito abarca pouco abraça*.

—*Os escriptores do Norte do Brazil*, publicado na *Semana* do Rio de Janeiro.

Com José Baptista de Castro e Silva redigiu *A Consciencia livre*, Recife, 1869 e 1870, com Ayres Gama redigiu *A Verdade*, semanario consagrado á causa da humanidade, Recife, 1872-73 e no Rio de Janeiro foi um dos fundadores da *Revista Brazileira*.

Como secretario e orador do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, Franklin Tavora deixou varios discursos e orações funebres.

Sobre esse patricio lea-se o Discurso do Senador Taunay professado perante o Instituto Historico e Geographico Brazileiro em commemoração do seu passamento.

João Franklin de Alencar Nogueira.—Nasceu em Fortaleza a 27 de Outubro de 1867, sendo seus progenitores o Dezembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca e D. Anna Franklin de Alencar Nogueira.

Estudou as 1.as lettras com D. Maria Teixeira, Directora do Collegio dos Remedios em 1875, e no anno seguinte passou a cursar o Collegio de S. José, sob a direcção do Rvd. Conego Ananias Corrêa do Amaral.

Extincto esse Collegio, passou a cursar em 1879 o Instituto de Humanidades dos Monsenhores Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo (actual Vigario Geral do Bispado) e João Cordeiro da Cruz Saldanha.

Em 1885, concluidos os preparatorios exigidos para a carreira de engenharia para que se destinava, alem do de latim, que tambem concluiu, seguiu nesse mesmo anno para o Rio de Janeiro, e matriculou-se na Escola Polytechnica; mas incommodos de saúde fizeram-no voltar no mesmo anno aos patrios lares, donde, fortalecido, voltou, em 1889, a continuar seus estudos de engenharia.

Por Dec., n.° 986, de 4 de Novembro de 1890, firmado pelo Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, e referendado pelo ministro General Francisco Glicerio, foi-lhe concedida Patente de Invenção de um seu apparelho denominado—*Turbina Cearense*. O Relatorio explicativo do invento foi publicado no Supplemento do *Diario Official*, da Capital Federal, n.° 314 de 22 de Novembro de 1890.

A 8 de Agosto de 1896 recebeu o gráu de engenheiro e voltou a Fortaleza.

Por Acto do Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, Dr. Severino Vieira, sob proposta do Dr. Bernardo Carneiro Piquet, de 26 de Janeiro de 1900, foi nomeado Engenheiro Ajudante do Açude e Irrigação do Quixadá, entrando logo no exercicio do cargo.

Em Novembro do mesmo anno, foi commissionado pelo seu digno Chefe para levantar a barragem do projectado Açude do *Papára*, em Maranguape. As obras já se achavam em grande adiantamento quando febres palustres, de que foi atacado, privaram-no de proseguir em ditas obras.

Restabelecido em Fortaleza, voltou ao exercicio do seu cargo no Quixadá em Fevereiro seguinte e nelle se mantem.

E' o autor do escripto:

—*Letreiros Antigos*, Noticia sobre os caracteres do Serrote da Rola, publicado na Revista do Instituto do Ceará de 1901 já o tendo sido antes na do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

João Gonçalves Dias Sobreira.—Filho de Joaquim Gonçalves Sobreira e D. Josepha Maria de Jesus. Nasceu no Crato a 1 de Setembro de 1847. Com trez mezes de nascido foi confiado a uma familia visinha por ficar sua mãe gravemente doente. Deixou a casa dessa familia na idade de 10 annos para frequentar a escola primaria.

Começou seus estudos secundarios em 1866. Entrou para o Seminario episcopal da Fortaleza em 1870, mas tendo concluido os estudos de preparatorios e não querendo ordenar-se deixou o Seminario ao começar o curso theologico.

Em 1873 publicou um *Tratado de pronuncia franceza*. Nesse mesmo anno foi nomeado professor publico para uma povoação do interior onde se conservou dez annos.

Em 1882 pediu demissão do emprego e em 1884 passou-se para a Fortaleza, onde se apresentando ao concurso de uma cadeira, que acabava de vagar, tirou o primeiro logar, sendo para ella nomeado a 18 de Setembro.

Quando professor ainda no interior publicou uma *Simplificação da Grammatica Portuguexa*, que se acha em a 7.ª edição, uma *Arte de Musica*, um *Systema Metrico* para as Escolas primarias. Em 1887 publicou uma *Geographia Especial do Ceará* e em 1888 um pequeno *Mappa* que juntou á 2.ª edição do mesmo compendio.

Em 1892 ainda publicou um grande mappa avulso do Ceará.

Em 1894 tirou a 3.ª edição de seu compendio de *Geographia Especial do Ceará* a que addicionou a descripção physica da America e Europa.

Desgostoso do magisterio primario, fez em Dezembro de 1893 concurso para applicar-se á telegraphia nacional. Requerendo, foi mandado admittir como praticante em Janeiro seguinte. Feito em Julho de 1893 o exame de pratica e theoria, foi em Setembro seguinte diplomado e habilitado a exercer, como exerce, o lugar de telegraphista, tendo sido ha poucos dias transferido da Estação de Sobral para a de Fortaleza.

João Gualberto Pereira e Souza.—Filho de José Pereira de Vasconcellos. Bacharelou-se em sciencias sociaes e juridicas na Faculdade de Direito do Recife. Foi juiz municipal do Ipú neste Estado e de direito em diversas comarcas do Estado do Rio de Janeiro, onde falleceu. E' natural de Sant'Anna.

João Gualberto Ribeiro Pessoa.—Filho do Capitão José Tavares Pessoa, irmão do Vigario João Ribeiro Pessoa, e de D. Luiza Palhano, natural da Serra dos Cocos.

Nasceu na fazenda Marrecas, distante uma legua de Sobral em 1782.

Foi vigario de Pombal, em Parahyba, onde falleceu.

D. Luiza Palhano era sobrinha do Coronel Manuel Martins Chaves visto como foram seus paes o sargento-mór Bernardino Gomes Franco natural de Cascaes, Patriarchado de Lisboa, e D. Francisca de Mattos e Vasconcellos, e irmã de Bernardino Gomes implicado com Manuel Martins Chaves e Francisco Xavier no processo pelo assassinio do juiz Barbosa.

Avisado por um sacerdote, proprietario do sitio Barriga, dos verdadeiros intuitos do governador João Carlos, Bernardino Gomes conseguiu não ser colhido ás mãos com os outros dois e dando sciencia dos factos á familia esta muniu-o de grande cabedal e fel-o seguir para Portugal afim de tratar do seu livramento e dos seus parentes;

Restabelecido em Fortaleza, voltou ao exercicio do seu cargo no Quixadá em Fevereiro seguinte e nelle se mantem.

E' o autor do escripto:

—*Letreiros Antigos*, Noticia sobre os caracteres do Serrote da Rola, publicado na Revista do Instituto do Ceará de 1901 já o tendo sido antes na do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

João Gonçalves Dias Sobreira.—Filho de Joaquim Gonçalves Sobreira e D. Josepha Maria de Jesus. Nasceu no Crato a 1 de Setembro de 1847. Com trez mezes de nascido foi confiado a uma familia visinha por ficar sua mãe gravemente doente. Deixou a casa dessa familia na idade de 10 annos para frequentar a escola primaria.

Começou seus estudos secundarios em 1866. Entrou para o Seminario episcopal da Fortaleza em 1870, mas tendo concluido os estudos de preparatorios e não querendo ordenar-se deixou o Seminario ao começar o curso theologico.

Em 1873 publicou um *Tratado de pronuncia franceza*. Nesse mesmo anno foi nomeado professor publico para uma povoação do interior onde se conservou dez annos.

Em 1882 pediu demissão do emprego e em 1884 passou-se para a Fortaleza, onde se apresentando ao concurso de uma cadeira, que acabava de vagar, tirou o primeiro logar, sendo para ella nomeado a 18 de Setembro.

Quando professor ainda no interior publicou uma *Simplificação da Grammatica Fortuguexa*, que se acha em a 7.ª edição, uma *Arte de Musica*, um *Systema Metrico* para as Escolas primarias. Em 1887 publicou uma *Geographia Especial do Ceará* e em 1888 um pequeno *Mappa* que juntou á 2.ª edição do mesmo compendio.

Em 1892 ainda publicou um grande mappa avulso do Ceará.

Em 1894 tirou a 3.ª edição de seu compendio de *Geographia Especial do Ceará* a que addicionou a descripção physica da America e Europa.

Desgostoso do magisterio primario, fez em Dezembro de 1893 concurso para applicar-se á telegraphia nacional. Requerendo, foi mandado admittir como praticante em Janeiro seguinte. Feito em Julho de 1893 o exame de pratica e theoria, foi em Setembro seguinte diplomado e habilitado a exercer, como exerce, o lugar de telegraphista, tendo sido ha poucos dias transferido da Estação de Sobral para a de Fortaleza.

João Gualberto Pereira e Souza.—Filho de José Pereira de Vasconcellos. Bacharelou-se em sciencias sociaes e juridicas na Faculdade de Direito do Recife. Foi juiz municipal do Ipú neste Estado e de direito em diversas comarcas do Estado do Rio de Janeiro, onde falleceu. E' natural de Sant'Anna.

João Gualberto Ribeiro Pessoa.—Filho do Capitão José Tavares Pessoa, irmão do Vigario João Ribeiro Pessoa, e de D. Luiza Palhano, natural da Serra dos Cocos.

Nasceu na fazenda Marrecas, distante uma legua de Sobral em 1782.

Foi vigario de Pombal, em Parahyba, onde falleceu.

D. Luiza Palhano era sobrinha do Coronel Manuel Martins Chaves visto como foram seus paes o sargento-mór Bernardino Gomes Franco natural de Cascaes, Patriarchado de Lisboa, e D. Francisca de Mattos e Vasconcellos, e irmã de Bernardino Gomes implicado com Manuel Martins Chaves e Francisco Xavier no processo pelo assassinio do juiz Barbosa.

Avisado por um sacerdote, proprietario do sitio Barriga, dos verdadeiros intuitos do governador João Carlos, Bernardino Gomes conseguiu não ser colhido ás mãos com os outros dois e dando sciencia dos factos á familia esta muniu-o de grande cabedal e fel-o seguir para Portugal afim de tratar do seu livramento e dos seus parentes;

mais tarde voltou para o Brazil tendo-lhe sido imposta somente a pena de não pisar em terras de Cratehus e Serra dos Cocos; vindo pelo Rio Grande do Norte, ahi namorou-se da irmã do Ajudante Victorino da Silveira Gadelha, fez familia e representou papel saliente.

O ajudante Victorino Gadelha é avô paterno de Monsenhor Tolentino Mourão e avô materno do Dezembargador João Firmino, de quem ha pouco tratamos.

Seguindo com o tio para Portugal, conseguiu Francisco Xavier obter livramento sob a mesma pena de Bernardino e ficou-se por Pernambuco.

João Guilherme Studart.—Nasceu em Fortaleza a 13 de Setembro de 1858.

Filho de John William Studart e D. Leonisia de Castro Studart. Fez seu curso de humanidades no Atheneu Cearense e Collegio S. José, da Bahia, matriculou-se na Faculdade de Medicina a 24 de Março de 1876, e doutorou-se a 18 de Dezembro de 1881. *Da Carie* foi o assumpto da sua these inaugural sustentada perante a Faculdade a 4 de Dezembro de 1881 e publicada na Bahia, Litho.-Typ. de João Gonçalves Tourinho, Arcos de Santa Barbara n.º 83, 1881, 46 pags.

Esse trabalho foi approvado com distincção pela Academia.

E' medico da Santa Casa de Misericordia de Fortaleza desde 16 de Março de 1882 e faz parte do Corpo de Saúde da Armada para cujo quadro entrou a 15 de Julho do dito anno, já sendo medico contractado da Companhia de Aprendizes Marinheiros do Ceará por Aviso de 19 de Janeiro.

João Lopes de Abreu Lage (LOPES FILHO). Nasceu a 7 de Abril de 1868 em Fortaleza. Fazia parte da Padaria Espiritual a cuja bibliotheca pertence o seu livro intitulado:

—*Phantasias* 1892-1893. Fortaleza. Padaria Espiritual editora. Typ. Universal, Rua Formosa 33, Cunha, Ferro

& C.ª 1893.—Esse livro de versos, que é de 68 pags., traz uma carta-prefacio de Antonio Salles.

Fazia parte tambem do Centro Litterario de Fortaleza tendo servido de titulo de admissão um seu poema sob o titulo *O Eremita*.

Falleceu em Fortaleza a 19 de Julho de 1900 como empregado da Alfandega.

Sobre a sua morte assim se expressou *A Republica*, de Fortaleza:

«João Lopes Filho, hontem, ás 9 1/2 horas da noute, em sua residencia, á rua S. José, n'esta cidade, succumbiu a um ataque de beri-beri galopante, bruscamente, aos 35 annos, transformando um sonho de amor e de vida em sonho lethargico de morte.

Ao pervagar a noticia pela cidade, todos que conheciam o poéta humedeceram os olhos, acabrunhados e tristes pela perda do adoravel, do bom e generoso rapaz, que guardava no coração joias reaes de affectos, sentimentos purissimos, caricias extremas de bondade.

Em sua alma nunca houve fél para os outros e nos amargores da vida tinha a piedosa e melancholica resignação dos crentes, ar de monge, aureola de santo em fronte de poéta.

Soffria satisfeito as maiores injustiças, sem modificar o *rictus* do rosto e a expressão do olhar, como quem estava seguro de justiça superior, fóra do mundo. Nas divagações de seu espirito distrahia-se e ficava, muitas vezes, a contemplar uma paysagem, uma nesga de céo, enlevado e taciturno.

Lopes Filho é autor de muitos bons versos e a collecção publicada, denominada—*Phantos*, foi recebida com applausos por todos os criticos. Raymundo Correia, Clovis Bevilaqua e Araripe teceram ao jovem poeta os mais justos encomios. *Phantos*, como toda obra litteraria de Lopes Filho, pertence á bibliotheca da «Padaria Espiritual», que se sente desfalcada de mais um precioso obreiro.

A morte do poéta cearense produziu geral consternação, e funda saudade deixará no coração d'aquelles que elle amou como irmão.

A Republica, que se orgulhava de ter entre seus collaboradores o talentoso poéta, abeirando-se do seu tumulo; verte sincero e sentido pranto de saudade e gratidão.

Publicamos, honrando as nossas columnas, o ultimo trabalho do poéta, já no leito da morte:

DOLORES

No silencio da noite erma
Soltei dorida canção:
—Suspiros d'um'alma enferma,
Gemidos d'um coração...

E a briza que ia passando
Mais perfumada que a flôr,
Leva á ella suspirando
As maguas do trovador...

Foi-se a tristonha canção,
Foi se extinguir lá nos céos...
—Como a sentida oração
Que sóbe do homem a Deus...

João Lopes Ferreira Filho.—Nasceu a 10 de Agosto de 1852.

Empregado publico na Repartição dos Correios e na Secretaria do governo do Ceará, e professor de portuguez no Lyceu Provincial.

Foi secretario do governo do Amazonas na administração Theodoreto Souto e ali, como no Ceará, prestou relevantes serviços á causa da libertação dos escravos.

Proclamada a Republica, foi escolhido pelo Tenente Coronel Luiz Antonio Ferraz chefe do poder executivo

para exercer as funcções de encarregado dos Negocios do Interior (16 de Novembro) e desde então até hoje tem representado o Ceará na Camara dos Deputados Federaes chegando a occupar a presidencia no tempo do Generalissimo Deodoro.

Como politico no Ceará pertenceu ás redacções do *Cearense*, *Gazeta do Norte*, *Libertad r* e *Republica* e no Rio de Janeiro ás do *Tempo*, *Tribuna* e *Dia*.

—Publicou :

—*Discurso* pronunciado perante o Gabinete Cearense de Leitura, na sessão solemne de seu 2.º anniversario, a 2 de Dezembro de 1877 pelo Snr. João Lopes Ferreira Filho, representante da redacção do *Cearense*. Encontra-se publicado com o relatorio do respectivo presidente Pharmaceutico João da Rocha Moreira.

João Lourenço de Castro Silva.—Filho do Commendador Dr. José Lourenço de Castro Silva e D. Maria Amalia de Brito e Castro. Nasceu a 17 de Maio de 1841.

Formado em pharmacia em 1866, condecorado com o habito da Rosa e a Medalha de campanha por serviços prestados na campanha do Paraguay onde esteve durante quatro annos e meio.

Occupou o logar de juiz municipal, e juiz da 1.ª vara de Fortaleza.

Era tenente honorario do exercito.

Succumbiu a uma lesão cardiaca a 29 de Setembro de 1887.

Seu irmão José Lourenço de Castro Silva, medico e philantropo, nascido a 11 de Setembro de 1844 e fallecido em Fortaleza a 14 de Dezembro de 1881, era natural de Pesqueira em Pernambuco.

João Marinho de Andrade.—Nasceu a 26 de Junho de 1860 na cidade de Sobral. Filho de Manoel Marinho Lopes de Andrade e D. Maria Carolina da Silva Andrade. Doutorou-se em 1883 na mesma occasião em que outros cinco Cearenses: Leonel Nogueira Jagua-

ribe, Joaquim Anselmo Nogueira, José Wellington Cabral de Mello, Antonio Ferreira da Costa Lima e Francisco Maria de Mello Oliveira.

Representou o Estado na Camara dos Deputados Federaes, eleito em 1896.

Conhecemos delle:

—*Funcções do figado*. These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 4 de Julho de 1883 e perante ella sustentada em 10 de Dezembro do mesmo anno. Rio de Janeiro Typ. e Lith. a vapor, encadernação e Livraria Lombaerts & Comp. 7 Rua dos Ourives, 1883.

—*Relatorio* que ao presidente do Estado do Ceará Exm. Snr. Coronel José Freire Bezerril Fontenelle apresentou o Dr. João Marinho de Andrade, inspector de Hygiene do mesmo Estado. Maio 1895. Ceará Typ. Economica, 43 Praça do Ferreira. 8.° de 13 pags.

João Manoel de Almendra (P.e). -Nasceu no Icó em 1827, sendo seus paes João Manuel de Almendra e D Sebastiana de Almendra.

Começou seus estudos ecclesiasticos no Seminario de Olinda, mas devido á falta de recursos e á perda de seus possuidos na secca de 45 teve de os abandonar. Mais tarde achando um protector na pessoa do seu parente Coronel Jacob de Almendra por intervenção do Rvd. P.e Ambrosio Rodrigues Machado, que tinha sido vigario interino de Campo-maior e conhecia estreitamente o jovem João Manoel, seguiu para o Maranhão onde ordenou-se em 1851 recebendo as ordens das mãos do Bispo resignatario D. frei Joaquim de N. S. de Nazareth, o traductor e annotador da Biblia.

O P.e João Manuel, homem de um physico elegante e robusto, fez figura em seu tempo como pregador sacro.

Morreu sendo Vigario de Humildes ou Alto Longá a 6 de Dezembro de 1894.

João Nogueira Borges.—Pharmaceutico. Filho do Major Raymundo Xavier Nogueira e de D. Anna Ame-

rica Florencia Nogueira, nasceu a 26 de Novembro de 1853 em Sant'Anna.

Aos 11 annos veiu para Fortaleza empregar-se na Pharmacia de seu tio Pedro Nogueira, permanecendo ahi até 1873 e neste anno seguiu para o Rio de Janeiro onde collocou-se na antiga Pharmacia de Porphyrio Dias dos Santos, no Cattete, sob a condição de ser-lhe permettido estudar ao mesmo tempo.

Depois de fazer todos os preparatorios exigidos, matriculou-se no curso de Pharmacia da Faculdade de Medicina, e recebeu no fim dos tres annos do curso o diploma de pharmaceutico no dia 26 de Novembro de 1878.

No anno seguinte estabeleceu-se com Pharmacia na rua das Larangeiras, conseguindo com trabalho assiduo e economia fortuna regular.

A nota mais saliente de sua vida de empregado e de estudante é que só durante a noite lhe era permettido estudar, e que do seu pequeno ordenado retirava boa parte para a subsistencia de seus paes e para occorrer ás despezas de estudos de seus irmãos Dr. Manoel Nogueira Borges e Dr. Joaquim Anselmo Nogueira.

Essas circumstancias concorreram grandemente para a formação de seu caracter e tornaram-no objecto da maior consideração e justa estima da familia.

João Paulino de Barros Leal Filho.—Ex-interno da brigada policial, ex-interno da clinica dermatologica e syphiligraphica, ex-socio do gremio dos internos dos hospitaes do Rio e ex-commissionado na epidemia da febre amarella em Limeira e Mogy-mirim no Estado de S. Paulo em 1892.

E' natural da cidade de Quixeramobim e filho do coronel João Paulino de Barros Leal e D. Jacintha Leal Pimentel.

Apresentou a sua these de doutorando perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e defendeu-a

de Campos e a de Lançador da Recebedoria, e por esses serviços foi condecorado com o habito da Rosa. Serviu tambem na Contadoria da Marinha e fez parte da commissão que esteve no Ceará de 1880 a 1881 em exame de contas das despezas feitas durante a secca de 1877-79.

E' major reformado da Guarda Nacional.

João Pedro Figueira de Saboia.- Nasceu em Sobral em Novembro de 1860 e foram seus paes o Dezembargador Antonio Firmo Figueira de Saboia e D. Maria do Livramento Figueira de Saboia.

Clinica actualmente na cidade de Limeira, sul da Republica.

Doutorou-se em medicina para o que apresentou as theses:

—*Da tuberculose* considerada como molestia infectuosa. Das ptomainas. Da occlusão intestinal. Qual o tratamento que mais aproveita nos casos de aneurisma da aorta?—These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 30 de Setembro de 1884 e perante ella sustentada em 18 de Dezembro do mesmo anno na augusta presença de S. M. o Imperador. Rio de Janeiro Typ. Nacional, 1885.

A Academia approvou com distincção esse trabalho.

João Raulino de Souza Uchoa.—Filho do desembargador Felippe Raulino de Souza Uchoa, nasceu em Fortaleza a 23 de Junho de 1841.

Doutorou-se em medicina na Faculdade de Paris em 1870 e fez clinica na cidade de Belem do Pará, até sua morte.

Escreveu:

—*Des abcès de la cuisse.* These pour le doctorat en medécine, presentée et soutenue le 2 mai 1870 á la Faculté de medécine de Paris. Paris, 1870, 96 pp. in-4.° gr.

—*Da retenção de urina* durante a prenhez e depois do parto. These apresentada e sustentada para verificação de titulo perante a Faculdade de medicina da Bahia em Julho de 1870. Bahia, 1870, in-4.° gr.

O Dr. Uchoa publicou varios artigos sobre medicina e cirurgia na *Gazeta Medica da Bahia* e na *Gazeta Medica de Paris*.

João Scaligero Augusto Maravalho.—Nasceu em Sobral em 1844, filho de Rufino Alves Maravalho e de D. Francisca Carolina Maravalho.

Estudou e ordenou-se no Seminario de Fortaleza em 1869, tendo começado os estudos em Sobral, onde, como estudante, ensinava a outros.

Ordenado, foi professor no mesmo Seminario. Sahiu para ser Parocho no Quixadá em 1873 em substituição ao Vigario P.e Claudio Pereira de Farias e, indo para o Sul, foi professor em diversos collegios no Rio e tambem no Seminario de Porto Alegre.

Entregando-se á imprensa fundou a *Estrella* no Rio de Janeiro durante a revolta contra o Marechal Floriano Peixoto.

E' redactor chefe do *Apostolo* ha 14 annos. Esta folha foi queimada com todo o material typographico a 7 de Março de 1897. Sendo perseguido e ameaçado de morte pelos jacobinos, foi obrigado a fugir para a Europa. Voltou e restaurou a folha.

Entrou na campanha abolicionista e da qual viu com prazer o triumpho. Ainda não adheriu á republica.

Tem escripto em varios jornaes e publicou:

—*O Companheiro Fiel do Christão* ou repertorio de orações uteis ao christão, 8.º de 420 pp. 1872.

—*O Seculo actual* e o Dogma da Infalibilidade, publicado na *Constituição*, Fortaleza, em Março de 1872, e traduziu:

– *O Christianismo*, seus dogmas e suas provas pelo P.e Verger.

Tem ineditos alguns trabalhos entre elles—*Verdades sobre a republica.*

João Severiano Ribeiro. – Nasceu em Cascavel 22 de Maio de 1817.

Empregado publico, occupou, sempre com proficiencia e vantagem para o governo, os seguintes cargos :

Inspector da Thesouraria de fazenda do Ceará e de Alagoas, chefe de secção da Thesouraria de fazenda de Pernambuco, Bibliothecarip publico, Thesoureiro e Inspector do Thesouro provincial do Ceará, Guarda-livros da Estrada de Ferro de Baturité, Vice-provedor e installador da Santa Casa de Misericordia do Ceará, reconduzido por tres vezes.

Pertencente á politica conservadora, foi eleito deputado á Assembléa Provincial por seis legislaturas.

Era cavalleiro das Ordens de Christo e da Rosa. Falleceu a 16 de Novembro de 1899 em Fortaleza.

Escreveu :

—*Ao Publico* por João Severiano Ribeiro em seguida do acto do governo que o exonerou da commissão de Inspector da Thesouraria de Fazenda do Ceará, e demittip do logar de Chefe de Secção da de Pernambuco. Ceará, 1868, Typ. Constitucional, 33 pp.

João Thomé da Silva.—Filho do Commendador João Thomé da Silva e D. Maria da Penha e Silva, nasceu em Sobral a 25 de Janeiro de 1843.

Formado na Faculdade de Direito do Recife em 1864, defendeu theses no anno seguinte e propondo-se a uma cadeira de professor da Faculdade para ella foi nomeado.

Seus serviços á patria não se limitaram aos que prestou na cathedra de mestre, pois administrou como presidente as provincias de Santa Catharina, Espirito-Santo e Alagôas. O Governo Imperial os galardoou dando-lhe o officialato e depois a commenda da Ordem da Rosa.

Falleceu em Recife a 4 de Abril de 1884.

Conhecemos do Dr. João Thomé os seguintes trabalhos :

—*O direito deriva-se da obrigação?* Recife, 1865.

—*O recurso á corôa* é offensivo da liberdade e independencia da igreja? Recife, 1870.

—*Faculdade de Direito do Recife*. Memoria historico dos acontecimentos mais notaveis no anno de 1871, apresentada, etc. Rio de Janeiro, 1872.

—*Falla* dirigida á assembléa das Alagoas em 28 de Março de 1876, Maceió, 1876, in-4º.

—*Relatorio* com que ao Exm. Snr. desembargador Caetano Estellita Cavalcanti Pessoa passou a administração da provincia das Alagoas no dia 7 de Junho de 1876, Maceió, 1876, in-4º.

Tratando do desapparecimento desse illustre sobralense escreveu a *Aurora*, do Recife, as sentidissimas palavras:

«Talento de primeira ordem; illustração pouco vulgar n'aquella idade; palavra facilima e seductora; amigo dedicado até ao sacrificio; filho, esposo e pae estremecido, elle tinha o segredo de attrahir e captivar, pondo sempre em contribuição as peregrinas qualidades de um coração generoso e de um espirito elevado.

Nós, que muito de perto o conheciamos e admiravamos, tivemos nos seus longos dias de agonia as mais exhuberantes provas da subida comprehensão, criterio e docilidade d'aquelle espirito previlegiado, quando o viamos, no stertor de cruciantes soffrimentos, soltar expressões de consolo á familia, e de animação aos amigos; d'aquelle espirito lucido, que, sentindo-se fatalmente arrastado para os umbraes da eternidade, soube, na serena tranquillidade da fé catholica, entregar a sorte de seus eternos destinos á Victima Propiciatoria do Calvario e á Immaculada Virgem, Maria Santissima.

Tendo-se confessado com invejavel contricção e recebido os santos bentos do Carmo elle procurava acalmar a afflicção e as lagrimas dos que o cercavam, mandando que rezassem alli mesmo em sua presença o Officio de Nossa Senhora da Conceição; e as suas ultimas palavras foram estas, apontando para o céo—A vida é alli. —Minha mãi.»

João Tolentino Gadelha Mourão.—Monsenhor e Doutor em Canones pela Universidade de Roma,

Nasceu em 1842 na fazenda Olho d'Agua dos Gadelhas, riacho da Carnahuba, confluente do riacho do Matto, aguas do Poty, a sueste da antiga matriz de S. Gonçalo dos Côcos, termo do Ipú. Foram seus paes João da Silveira Gadelha e D. Euphrosina Mourão.

Aos 5 annos de edade a familia levou-o para Pastos Bons no Maranhão, em cujo seminario iniciou seus estudos ecclesiasticos, que concluiu em Roma.

De volta ao Brazil tornou-se notavel na chamada questão religiosa, cabendo-lhe a honra de ficar como governador do Bispado do Pará durante a prisão de D. Antonio de Macedo Costa. Ahi no Pará redigiu a *Boa Nova*. Anteriormente prestara em Maranhão relevantes serviços á Egreja, cujos direitos advogou como redactor chefe do jornal *Civilisação*.

Hoje Monsenhor Mourão occupa mais uma vez uma das cadeiras da Assembléa dos Deputados Federaes como representante do Maranhão.

Lingua Indigena

O NOME—CEARA'

O Dr. Theodoro Sampaio, no seu bellissimo artigo publicado no *Estado de S. Paulo* de 30 de Maio ultimo, relativamente a origem do nome Ceará, diz no 6.º periodo: O Snr. Antonio Bezerra de Menezes opina pela identidade de Ceará com Sahara, alludindo ao grande deserto africano com o qual, diz elle, os primeiros exploradores teriam achado assemelharem-se as terras do Ceará.

Peço mui respeitosamente licença ao illustre engenheiro para dizer que das palavras do meu pequeno trabalho *O Ceará e os Cearenses*, impresso no tomo V da *Revista da Academia Cearense*, que áquelle nome se referem, não se conclue que eu tenha definitivamente dado tal interpretação, quando ao contrario penso de modo diverso.

Eu disse á pagina 147 da referida *Revista* : As vezes levamos a pensar si os primeiros povoadores, Pedro Coelho de Sousa ou os Missionarios Francisco Pinto e Luis Figueira, estes principalmente que eram homens de talento e instruidos, não influiram para que se denominasse a nova terra de Sahara em vista das dunas que orlavam as praias e grande extensão á similhança do desolado

deserto. As duas palavras quasi que se confundem na pronunciação, e a muita gente temos ouvido chamar Sahará. Esta questão de origem da palavra Ceará ainda não foi decidida. Ha de ser mais tarde.

Como se vê, levantei apenas uma hypothese. Tratei a questão de um modo condicional, e conclui dizendo que não havia ella sido até então resolvida.

Agora, porem, que o Snr. Cunha Mendes tomou a peito determinar positivamente a verdadeira origem do referido nome, vou dar tambem a minha opinião.

Primeiro que tudo, cumpre-me declarar que nem sempre aceito as explicações etymologicas que dão ás palavras indigenas os traductores ou melhor os indianistas, como são conhecidos hoje os mais aptos no estudo comparativo das linguas com a dos tupis, por julga-las falseadas relativamente a verdadeira origem do vocabulo, que se alterou ao contacto de povos que possuiam phonetica muito differente.

Os Hollandêses, os Inglêses e até os Francêses nunca puderam graphar de modo similhante, em seus livros, as palavras dos indigenas, e dahi vem que os primeiros escreveram o nome do rio Upanema, actualmente Apody, Iwyponin, pagina 84 da *Revista do Instituto do Ceará*, de 1896, Iwipanin pagina 85, Ywipanin pagina 88. Iwipanema pagina 93, Ipanema pagina 290, Wipanim pagina 295.

Os mesmos chamaram a Nhandui ou Yandui ou Jandui, o celebre morubichaba da Parahyba, João Wy, que na verdade não deixa conhecer sinão por adivinhação o seu verdadeiro nome. No livro de Roulox Baro vem escripto Jean Dory, e em Barleus muito claramente Jandovius.

João de Lery, na sua *Historia de uma viagem feita a terra do Brazil*, traduzida pelo Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, escreveu Tououpinambaults por Tupinambás, pag. 41, Quoniam por cunhan, pag. 78, boure por boré, pag. 80, boucan e boucaner por moquem e moquear, pag. 84, touous por teus, pag. 100, Ian-ou-are por Jaguára, pag. 102, toucou por tucano, pag. 110, gonam-

brich por guainambi, pag. 111, Oouetacas por Goitacazes, pag. 172. etc.

A pagina 1.ª do seu livro *Historia dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*, publicada em Paris no anno de 1616, o P.e Claudio d'Abbeville chama o Indio Pau-secco, o amigo do capitão Riffault, quando visitava a capitania da Parahyba Ouyrapine, aquelle mesmo que o Dr. Cesar Augusto Marques suppõe que a ouvidos portuguêses era Ibiaraypi.

Nada mais arbitrario.

Vejamos um exemplo dos proprios portuguêses.

O P.e Fernão Guerreiro, que escreveu á respeito do Brazil a parte extrahida do livro 4.º da *Relação annual das cousas que fizeram os P.es da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental*, no anno de 1606 a 1607, publicada em Lisbôa no anno de 1609, chama Ibigapaba a serra actual da Ibiapaba; nas Instrucções do Governador geral Gaspar de Sousa para o Sargento-mór Diogo de Campos Moreno, em 22 de Junho de 1614, lê-se alli Buapaua; na *Jornada do Maranhão* escreve o mesmo Sargento-mór Buapava á pag. 166 e Buapavá á pag, 186; o P.e Claudio d'Abbeville, á pag. 85 da obra acima citada, Ibuygapap; na *Relação sumaria das coisas do Maranhão*, o capitão Simão Estacio da Silveira, Goapava, á pag. 6; o P.e José de Moraes, á pag. 6, da *Historia da Companhia de Jesus na vice-provincia do Maranhão e Pará* Ibyapaba, etc.

Qual a verdadeira origem do nome?

O etymologista decompõe a palavra a seu geito, inventa radicaes e os colloca como bem lhe parece sem se importar si esse arranjo era o seguido na lingua indigena, sendo ainda de notar que os mais impavidos para estas inventivas são homens do merito do Visconde de Porto Seguro, de Von Martius, de E. Liais e de Barbosa Rodrigues, diz em tom de queixume, á pag. 64 das *Notas* sobre o precioso livro *Do principio e origem dos Indios do Brazil* de Fernão Cardin, o illustrado Dr. Baptista Caetano.

E' pura verdade, e agora imagine-se o que não teriam feito os menos aptos.

Segundo o Dr. Paulino Nogueira no seu *Vocabulario indigena em uso no Ceará*, Von Martius e Gonçalves Dias traduzem Porangaba por belleza, quando em todos os documentos antigos que se occupam dos primeiros tempos da colonização da nossa capitania aquelle termo vem sempre escripto Parangaua até 1739, epoca mais ou menos em que se alterou para Parangava e depois para Porangaba; e nem podia deixar de assim ser, visto como não se distinguindo até então as letras i e j, u e v no alphabeto, os portuguêses se serviram de preferencia do i e do u, e só depois se fez a conveniente applicação, que teve começo no seculo XVI, e não se assentou definitivamente siuão no fim do seculo XVIII.

Ora, os colonos desembarcados do norte de Portugal, que costumavam trocar o v pelo b, acabaram por transformar a palavra Parangava em Porangaba, Jaguarive em Jaguaribe, Buapava em Ibiapaba, Prayva em Parahyba, guaiava em goiaba, etc.

Como teria sido decomposta aquella palavra pelo etymologista? Parangaua ou Parangava ou Parangaba ou Porangaua ou Porangava ou Porangaba?

Domingos Correia e outros companheiros obtiveram, em 29 de Maio de 1684, uma sesmaria no logar Maragucape; Thomé Dias, principal da Aldeia Parangava, obtem outra em 25 de Fevereiro de 1707 no mesmo logar sob o nome Maragoape, e na planta do forte de Schoonenborch, levantada em 1649 acha-se Maragoa, que é a mesma serra de Maranguape.

Qual deve ser o mais correcto? Naturalmente o de Maragoape com que o pediu Thomé Dias, Indio petiguar da raça tupi.

Parece que os colonos alteravam os nomes para torna-los mais brandos e comprehensiveis.

O rio Banabuyu, por exemplo, foi pedido em 5 de Janeiro de 1685 por Domingos Rodrigues Correia sob o nome Boneboiu; em 4 de Junho do mesmo anno por Manuel de Góes e outros sob o de Bernabeu, e em 18

de Abril de 1687 por Domingos Alves Gama sob o nome de Benabeu, e dahi por deante foi-se modificando esta palavra até que por fim tornou-se mais facil de pronunciar-se.

No *Vocabulario* citado do Dr. Paulino Nogueira vem escripto Banabuihu, e a sua etymologia segundo Von Martius é explicada da corruptéla Panamby borbolêta, e hu agua.

Esta explicação satisfaz ?

A data do Acarahu, adquerida por Manoel de Góes e outros em 23 de Setembro de 1683 sob o nome de Caracu, e a da lagôa Caracusinho pedida pelo capitão-mór Felippe Coelho de Moraes, em 15 de Julho de 1682, acham-se no *Vocabulario* com esse mesmo nome, mas com o prefixo A, e é assim explicada a sua etymologia: —acara peixe, aca corno e hy agua.

E no emtanto não ha um só documento dos primeiros tempos da capitania em que se encontrem estas palavras, que não estejam escriptas Caracu e Caracusinho.

Desconheço até hoje a razão por que o Araré na data conseguida por Manoel Lourenço de Mattos e outros, em 4 de Junho de 1685, e a serra do mesmo nome que foi cedida ao sargento-mór João da Costa Silva, em 22 de Oitubro de 1708, cujo nome foi ainda dado a Aldeia dos Payacus, fundada pelo P.e João da Costa, perto do Aracati, e vem repetidas vezes este nome daquella forma em diversos documentos, se traduza em Areré, pequena marreca—corruptéla de éreré, por causa do seu canto que parece exprimir é-re-ré; e do mesmo modo o riacho Araibu, que constitue a sesmaria de Christovão Soares de Carvalho e outros, passada em 1.º de Dezembro de 1695, e vem assim graphado em varias escripturas de vendas de terras da mesma, se transforme em Areribu para ter a seguinte etymologia: areré e pu estrondo: grito da areré.

Tudo isso para dizer mais uma vez que nem sempre me conformo com as interpretações dos indianistas, e nesta materia estou de accordo com o sabio Hovelacque

que diz: A etymologia em si não pássa de adivinhação. Esta é que é a verdade.

Entremos agora na grande questão do nome Ceará.

Os Indios petiguares batidos na Parahyba e Rio Grande pelos conquistadores, e enfraquecidos pelas adhesões que aos mesmos faziam alguns chefes da sua tribu, passaram alem das raias da sua situação, que se suppõe chegava somente até o Apody, e se espalharam pelas terras proximas ao mar da futura capitania do Ceará, escolhendo de preferencia a barra do pequeno rio a que deram este nome.

Sem duvida, foi composta esta palavra de çôo, sôo ou sûu caça, e ara passaro, ave em geral, que traduzia perfeitamente a prodigiosa quantidade de caça que por alli havia, e os surprehendera, visto como não a encontravam em tanta abundancia em seu territorio.

Penso com o Dr. Paulino Nogueira, quanto a composição da palavra, mas entendo que ella significa passaros em quantidade de caça ou para a caça ou outra variação que a isso corresponda.

Povoado já então o norte do Brazil até o Rio Grande, permanecia a região do Ceará deshabitada, parecendo que as aves para ahi se recolhiam evitando a perseguição dos colonos e selvagens, como mais tarde enchendo-se de povoadores a capitania se refugiaram na serra da Ibiapaba e no Piauhy.

Vivendo os Indios exclusivamente da caça e da pesca, e chegando a logar tão apropriado ás suas exigencias, longe de inimigos e onde superabundavam os meios faceis de vida, deviam ter ficado impressionados com tal prosperidade e nelle se estabeleceram muito antes que por alli passasse Pedro Coelho de Sousa ou outro qualquer explorador, como o dá a entender Diogo de Campos Moreno, á pag. 160 da *Jornada do Maranhão*, quando diz: *que o capitão-mór marchou até o Jaguaribe, donde no Ceará ajuntou a si todos aquelles Indios moradores.*

Logo os Indios petiguares eram já moradores naquelle local.

Pode-se bem avaliar da quantidade de passaros que então viviam nesta região, pelo que escreve o mesmo capitão-mór, que conheceu bem o territorio, e por alli passou se demorando em 1614, á pag. 183 da referida *Jornada:* «No dia 25 de Setembro o sargento-mór do Estado foi pelo rio Curú acima em um batel armado mais de cinco leguas por reconhecer aquellas terras e aguas, nas quaes não achou coisa de consideração, ao longo do rio, mas achou *infinita* caça e pescaria de que tudo aquillo abunda maravilhosamente, e assim neste logar se pode dizer que aquella gente não teve fome.»

Note-se bem, infinita caça! e a pessôa que o diz é digna de toda confiança e criterio.

Della alimentou-se o povo que ia na armada com destino á conquista do Maranhão.

O P.e Claudio d'Abbeville, no livro já mencionado, escreve á pag. 53, quando se refere a demora que teve no Cabo das Tartarugas, hoje Jericoácoára: «Este logar é muito bonito e maravilhosamente agradavel, abundante de fructos e de caça; e a pag. 85, tratando da chegada do P.e Francisco Pinto á Ibiapaba, diz ainda: Ahi existem bôas fontes e rios de agua doce (coisa admiravel) abundante de diversas especies de peixe por ahi desconhecidas; grandes campos e muitas florestas repletas de muitas quantidades de passaros e outros animaes optimos para se comer: é uma verdadeira maravilha.»

Sempre foi o Ceará muito farto de caça. e era tal o estrago que faziam os passaros a lavoira, que as camaras municipaes obrigavam os moradores a matar annualmente um certo numero sob pena de multa e cadeia.

De prompto, encontrei entre as disposições deixadas pelo corregedor Alexandre de Proença Lemos, na audiença geral de 14 de Setembro de 1750, na villa do Aquiraz, a seguinte: «que os lavradores seriam obrigados a dar doze cabeças todos os annos a camara de periquitos e outros passaros que fazem damno, e não dando as ditas cabeças dentro no anno seriam condemnados em doze mil reis.»

A quantidade desses destruidores de plantas devia ser extraordinaria para impor-se tão excessiva obrigação que devia pesar sobremodo na bolça dos lavradores daquelle tempo.

Todas as demais camaras impunham multas identicas, mas não me foi possivel achar de momento taes disposições, cabendo-me garantir que as tenho encontrado em todas, e tanto é verdade que ainda no anno de 1804, cento e quatro annos depois da primeira villa nesta capitania, a camara de Fortaleza fez publicar um edital para que todos os lavradores do termo da villa fossem obrigados a apresentar ao escrivão trinta cabeças de passaros de bico redondo.

Apesar dessas ordens de exterminio, não foi possivel extingui-los, e ainda em nossos dias, alguem que atravessa o sertão, ouve continuamente, á longa distancia, a algazarra infernal que fazem os periquitos em bandos immensos á sombra das arvores, sobretudo das oiticicas, nas horas quentes do sol.

Não se pode descrever o numero das pombas de bando, a que o povo chama avoantes, que percorrem o Estado de um a outro extremo, parando ora num municipio, ora noutro, onde são colhidas em fôjos armados á beira dos poços dos rios ou açudes em numero de vinte, trinta, quarenta mil e mais por dia.

E' impossivel fazer idéa aproximada da fabulosa quantidade dessas aves da familia *Columbidæ* aquelle que não as viu em sua constante perigrinação, na qual são perseguidas de modo barbaro pelos caçadores e pelos animaes carnivoros, e que apesar de toda a destruição augmentam o numero surgindo os filhos aos milhares dos ovos incubados pelo calor do sol.

São ellas só encontradas no Ceará, e quando muito transpõem os limites da Parahyba e Rio Grande, na zona sertaneja.

Si o notavel engenheiro inglês Patrick O' Meara pasmou de admiração ao vê-las no municipio de Lavras quando por alli estudava o terreno para o reservatorio

do Boqueirão da Serra, em 1893, imagine-se a impressão que não teriam ellas causado aos indigenas.

Foi sem duvida a caça o motivo que tiveram os petiguares para compor o nome do logar, onde primeiro se estabeleceram nesta capitania.

Ainda este anno o Barão de Capanema, no seu folheto *A Secca do Norte*, referindo-se ao Ceará, diz a pag. 3 do mesmo, periodo 3.°: «Um terreno pedregoso, secco, coberto de arvoredo, com troncos denegridos, sem uma folha, produziria a impressão de uma natureza morta —mas uma atordoadora algazarra de papagaios, periquitos, jacus, quéro-quéros, chechéos, corrupiões e bandos de pombas revelam a existencia de vida, de uma natureza animada, etc.»

No começo da colonização, quando eram virgens as mattas e o Jaguaribe corria até o oceano, muito mais rica devia ser a terra desses pequenos seres em tempos de plena liberdade.

Deu-se mui naturalmente a corruptéla de çôo, sôo ou sûuara para Ceará ou Seará, e entre nós mesmos temos exemplos que explicam sem difficuldade esse transvio dos principios estabelecidos.

Examinemos.

Gregorio de Figueiredo Barbalho com 13 companheiros conseguiu, em 22 de Oitubro de 1695, a sesmaria do riacho, a que deu nome, no municipio do Pereiro, e sendo o primeiro, tirada a legua da largura do provido do Jaguaribe, fundou o seu sitio á margem direita do dito riacho, denominando-o Utuva, cujo nome consta do requerimento de Manoel Ribeiro Figueiredo, em que pedia uma sesmaria no riacho da Varzea-grande, na qual se lê que esse riacho corre do nascente a poente, e faz barra no sitio chamado Utuva, pertencente ao capitão-mór Gregorio de Figueiredo Barbalho.

Foi-lhe concedida em 11 de Março de 1734, o que quer dizer, que ainda nessa data conservava o tal sitio aquelle nome.

Como se vê, Utuva corrompeu-se em Viuva, e hoje ninguem será capaz de pensar que este foi o mesmo do

capitão-mór Barbalho, que passou ao Coronel Theodosio Pereira de Mello, e a sua viuva Thereza Gomes de Jesus o vendeu por escriptura de 23 de Janeiro de 1775 ao capitão Antonio de Olanda Cavalcante, suppondo algumas pessôas que assim veiu a chamar-se por causa dessa viuva, que o possuiu por muitos annos. Em bem pouco tempo fez-se a alteração.

Hoje constitue elle o povoado do Alto-Santo, pertencente ao municipio do Limoeiro.

Li algures nos autos de uma demanda entre confinantes do sitio Caixa-só, actualmente Iracema, que se denominava então Quixoaçu, e, não podendo achar este documento, descobri outro que embora já esteja corrompido, dá todavia a prova do que acabo de affirmar.

E' a escriptura de venda que, em 9 de Setembro de 1763, faz Manoel Pereira Souto, como testamenteiro do commissario Pedro de Sousa, ao Rvd José Lopes Santiago, de 3 leguas em o sitio Quixoaçó, no riacho Figueiredo, a qual houve por data, e confrontam da parte do nascente com as terras da fazenda Pilar e Cachoeira, e do poente com a serra e sitio do Amoré, e da parte do norte com terras de Antonio Dias Parente, e da parte do sul com terras da fazenda dos Remedios e Caiçara, etc.

Note-se bem que esta fazenda pertenceu ao 2.º donatario na data do Figueiredo, commissario Pedro de Sousa, e que, portanto, foi elle quem situou-a com aquelle nome que nessa data vende o seu testamenteiro, o qual devia ter a perfeita significação da palavra em sua origem.

Mais tarde passou a chamar-se Quixosó, como da escriptura de composição entre o capitão Felippe Ignacio de Moura e João José de Moura, do modo seguinte: Em 4 de Setembro de 1797 o capitão Felix Ignacio de Moura e sua mulher Maria Ferreira da Costa, e seu irmão José de Moura e sua mulher Isabel Maria de Couto declaram que entre si haviam comprado uma sorte de terras de 3 leguas, no riacho Figueiredo, sitio chamado Quixosó, como consta da mesma data e escriptura, e porque entre elles resolveram por esta escriptura partir a dita sorte de terras, ficando o capitão Felix

Ignacio de Moura, da banda de baixo da parte do nascentè, e o Tenente João José de Moura, pela outra parte do riacho, onde já está situado, que é o poente. ficando assim todos divididos para não haver questão entre elles, etc.

Não ficou aqui. Mudaram-no para Caixa-só, e ainda hoje ha quem sustente com certa convicção que este nome veiu de uma caixa-só que se encontrou abandonada naquelle logar.

Ora, si não fossem os documentos acima referidos, como se adivinharia a etymologia desse vocabulo?

Quixoaçu para Caixa-só! nunca mais que se havia de achar a explicação, si por ventura tivessem desapparecido os registos da villa do Icó.

Ha tempos discutiu-se longamente nesta capital sobre ser Aguanambi e não Eguanambi o nome do sitio, que se encontra no começo da estrada de Mecejana. Exacerbaram-se os dois contendores e ficou decidido que seria Aguanambi, das palavras de um português que, pretendendo arrendar o sitio para plantações, e afiançando-lhe o proprietario ser abundante de agua, respondeu ao voltar a cidade: agua não bi; e por isso se ficou chamando o dito sitio Aguanambi.

O outro reclamava a preferencia para Eguanambi, allegando que nambi segundo a etymologia vinha de naambi orelha, e como tal era synonimo de troncho, e que por tanto aquella palavra significava egua que só tinha uma orelha.

Valeu a opinião do primeiro talvez por mais *decente*.

Entretanto em 1895 verifiquei que o verdadeiro nome era Jaguarnambi, em vista do requerimento do Missionario geral das Missões do Norte, P.e Domingos Ferreira Chaves, que em 17 de Junho de 1718, pedia ao capitão-mór Manoel da Fonseca Jaime, a terra que se achasse devoluta de Jaguarnambi para a fortaleza, testada da data do alferes Felippe Coelho de Moraes, e a que se achasse devoluta de Domingos de Azevedo, do rio Cocó, e a de Domingos Lopes e João Coelho, pretos forros, buscando a fortaleza.

A vista, pois, do exposto a corruptéla de Ceará ou Seará é menos sensivel que as das palavras acima.

Os colonos aportuguezavam as palavras indigenas, si assim me posso exprimir, tornando-as pouco a pouco mais harmoniosas ao ouvido; e dessa influencia fala Baptista Caetano, á pag. LXXI da carta ao Dr. Ramis Galvão, que precede a *Arte da Grammatica da lingua brazilica da nação Kiriri*, em que diz: «Limitando-nos a fazer apenas o confronto do Kiriri com a lingua geral vimos tambem que elle está mais ou menos eivado de vozes do portuguez, e talvez ainda de vozes africanas.

A lingua geral devia ter soffrido mais, pois que desde 1589 ou antes mesmo, já os petiguares estavam em contacto com os conquistadores.

O cabo das Tartarugas, hoje Jericoácoára, no principio da exploração do Ceará, vem denominado Jaracoara na carta que o Governador geral Gaspar de Sousa, em 20 de Agosto de 1614, dirigiu ao rei de Portugal, communicando que os inimigos tinham vindo destruir os presidios do Seara e Jaracoara; em Diogo de Campos Moreno, *Jornada do Maranhão*, livro escripto pouco depois de sua saída do Maranhão, em 4 de Janeiro de 1615, á pag. 166, vem Peruquaquará e á pag. 181 Jeruguaguara; no Memorial que acompanhou a Petição de Bento Maciel Parente ao rei Pelippe III, em 1626, á pag. 39 do 2.º volume das *Memorias do Maranhão* de Candido Mendes, lê-se Jurucoaquara; na carta de Hendrick Vam Ham, de 19 de Abril de 1638, ao Conselho Supremo de Pernambuco, transcripta á pag. 80 da *Revista do Instituto do Ceará*, relativa ao anno de 1896, vem ainda Juryquagua, etc.

Com estes termos nunca absolutamente se poderá traduzir pela etymologia Buraco das Tartarugas, como hoje se pretende.

Não menos irregular é o nome Camocim.

Diogo de Campos Moreno, autor contemporaneo da fundação desta capitania, na obra acima citada á pag. 166, chama-o Camori, e repete o mesmo nome á pag. 184; Gedeon Morris, na carta de 4 de Agosto de 1641 aos

membros do Conselho Supremo, á pag. 94 da *Revista* de 1896, Commeci, e em outra de 8 de Oitubro daquelle mesmo anno aos mesmos magistrados, á pag. 287, Commeni; na carta de Lichthart, van Koin e Bas, de 3 de Dezembro do referido anno ao Conselho do forte de S. Luis, á pag 288 da *Revista*, Commestry e o repete mais abaixo; na carta do Conselho aos directores da Companhia, de 18 de Fevereiro de 1642, á pag. 289, Cammuci; e nos *Excerptos* da obra *Historia de Portugal Restaurado*, por D. Luis de Menezes, Conde de Ericeira, que se referem a factos de 1642, e vem no 2.º volume das *Memorias do Maranhão*, á pag. 432, Camozins.

São estas e aquellas palavras as primeiras que se escreveram em papeis publicos acerca daquellas localidades

Si bem que a carta do P.e Luis Figueira (*), datada de 26 de Março de 1608, seja o documento mais antigo em que se acha graphado em mais de um logar o nome Ceará, tenho contudo notado nas minhas pesquisas, á respeito da origem do nosso territorio, que predominou ao principio a corruptéla Seará, do outro modo de composição da palavra.

Lê-se Searáá nos seguintes documentos, os quaes têem todos referencia com os actos primitivos da sua colonização:—na carta de Gaspar de Sousa, de 12 de Abril de 1614, ao rei de Portugal sobre o povoamento e defeza da capitania do Searáá; no Regimento do mesmo Governador, de 22 de Junho do dito anno, a Jeronimo de Albuquerque, para a conquista do Maranhão passando pelo Searáá; na carta do mesmo a El-rei, de 20 de Agosto desse anno, remettendo duas de Martim Soares Moreno, avisando que os inimigos tinham vindo desfazer os presidios do Searáá; na carta do Governador D. Luis de Sousa, de 31 de Janeiro de 1619 ao rei, aconselhando

---

(*) O Barão de Studart fez-me a graça especial de mostrar este precioso documento, que acaba de ser-lhe presenteado pelos Jesuitas hollandêses. E' de um valor inextimavel.

que mandasse Martim Soares ao Seará, donde faria embarcar nos navios que dalli fossem 50 ou 60 casaes e o mais que podesse do Seará para o Paraa; na Patente com que El-rei faz mercê ao mesmo Martim Soares, em 26 de Maio daquelle anno, da fortaleza do Seará por tempo de dez annos, em consequencia de ter sido o primeiro fundador da fortaleza do Seará; no parecer do Conselho da Fazenda, de 22 de Agosto de 1620, a respeito do pedido do mesmo Martim Soares, de paramentos para o Seará; no parecer do Conselho da Fazenda, de 4 de Janeiro de 1621, opinando que se desse ao mesmo 400 cruzados de ordenado como capitão do Seará; no parecer do mesmo Conselho de 26 de Março do dito anno, informando a sesmaria que pediu o mesmo, que foi o primeiro povoador do sitio do Seará; no Alvará de 16 de Julho daquelle anno, marcando o ordenado de Martim Soares provido na capitania do Seará; nos *Apontamentos* addicionados aos Annaes de D. João III, relativamente ao anno de 1628, e publicados no 2.º volume das *Memorias do Maranhão*, á pag. 416, onde se diz: Terceira é a capitania do Seará, ruim porto com baixos; no parecer do Conselho de Ultramar de 10 de Março de 1629, sobre uma carta em que Martim Soares se queixa do Governador geral, entendendo que se devia ordenar ao governador mandasse logo ao Seará todos os soldos que são devidos aos soldados, etc.; na *Chronica da Companhia de Jesus* do P.e Simão de Vasconcellos, á pag. CLXIII, da primeira impressão de 1663: No Seará acha-se o ambar por arrobas.

Encontra-se a palavra Ceará na *Relação sumaria das coisas do Maranhão* de Simão Estacio da Silveira, escripta em 1624, e vem publicada nas *Memorias do Maranhão*, de Candido Mendes, na primeira pagina do volume 2.º Tratando das aves, diz elle, á pag. 26, que ha muitos passaros vermelhos e outros amarellos, papagaios, aráras, coricas, garçolas, etc., e não fala na especie Ciará da familia dos Pionides.

No Memorial que Bento Maciel Parente, em 1625, dirige a Felippe III para o fim de conservar e augmentar

a conquista do Maranhão, á pag. 38 do 2.º volume das *Memorias do Maranhão*, lê-se: E siendo V. Mag.ᵉ servido repartir este Estado en capitanias, deve empeçar la del Ceará en el Rio de Jaguaribe, que dista mais de cien legoas del Rio Grande, etc.

Nos *Excerptos* da obra *Portugal Restaurado*, pelo Conde de Ericeira, á pag. 421 das referidas *Memorias do Maranhão*, volume 2.º, vem: A ilha do Maranhão fica na costa do Brazil; corre para o Ceará de oeste a leste e para o Pará a oesnoroeste en dois graos e meio da banda do sul.

Na *Relação da Missão da Serra da Ibiapaba*, do P.ᵉ Antonio Vieira, que se refere ao tempo decorrido de 1655 a 1660, todas as vezes que o autor se occupa desta capitania, dá-lhe o nome de Ceará.

Na *Historia da Companhia de Jesus na extincta provincia do Maranhão e Pará*, emprega o P.ᵉ José de Moraes, que a escreveu em 1759, continuamente o nome de Ceará, quando trata de factos relativos á conquista do Maranhão, sobretudo da entrada no nosso territorio dos Padres Jesuitas Francisco Pinto e Luis Figueira.

O P.ᵉ Antonio de Santa Maria Jaboatam, no seu *Novo Orbe Serafico Brazilico*, impresso em 1761, dando na Estancia XIII a descripção da capitania do Ceará, escreve sempre Ceará.

A primeira destas formas de escripta está mais proxima das origens. Depois da carta do P.ᵉ Luis Figueira só em 1624 se vai ver aquelle nome em Simão Estacio.

Ao contrario das duas já conhecidas, na *Jornada do Maranhão*, do sargento-mór Diogo de Campos Moreno, escripta depois de 4 de Janeiro de 1615, quando deixou o Brazil, ás pags. 160, 162, 164, 169, 171, 172, 180, 181, 187 e 189, lê-se invariavelmente Siará, e do mesmo modo Gaspar Barleus (Van Baerle) no corpo da obra *Res Braziliæ*, onde trata desta capitania, e nas duas cartas topographicas da barra do rio Ceará, vêem-se, de modo diverso do que diz o Dr. Theodoro Sampaio, graphadas em uma as palavras *Ars in Siará*, e na outra no

meio de um emblema ou enfeite no alto da pagina *Siará*.

No *Exame de Pilotos* composto pelo Cosmographo-Mór Manoel de Figueredo e impresso por Vicente Aluares em 1614 se escreve Siará segundo colheu e copiou da Sala dos Reservados da Bibliotheca Nacional de Lisboa o Barão de Studart.

Não me foi possivel ver o livro de George Margraff, e si elle escreveu Ciará, foi sem duvida o unico que adoptou similhante ortographia, pois que nos demais se observa o contrario.

A sua *Historia natural do Brazil* foi publicada em 1648, ao tempo do dominio hollandês.

Nos trabalhos dos seus contemporaneos, traduzidos pelo Dr. José Hygino, e que se referem ao tempo em que por aqui se demoraram, transcriptos do *Jornal do Commercio* para a *Revista do Instituto do Ceará* do anno de 1896, é empregado continuamente o vocabulo Ceará, mas á pag. 72 da mesma *Revista* vê-se a nota de que os Hollandêses escreviam Syará.

No *Regimento de Pilotos e Roteiro da Navegaçãm e Conquistas do Brazil*, etc., pelo Dezembargador Antonio de Mariz Carneiro, publicado por Manoel da Silva em 1655, o qual é conhecido entre nós por uma copia tirada pelo Barão de Studart da Sala dos Reservados da Bibliotheca Nacional de Lisboa, o nome é graphado ora Seará ora Siará.

A favor do Dr. Theodoro Sampaio, que entende Ciará significa ou designa simplesmente uma casta de papagaios, só resta Fr. Vicente do Salvador, na sua *Historia do Braxil*, escripta em 1627; mas este autor graphando o nome ora Ciará, Syará, ora Ceará, provou de sobejo que não tinha convicção firme sobre a verdadeira etymologia do termo em questão.

Creio mesmo que aquelle autor, cujo trabalho na parte que nos tóca está transcripto na *Revista do Instituto*, era pouco versado em lingua tupi; pois que do contrario teria admittido uma só forma para o emprego da palavra que estava sujeita a regras da etymologia

indigena, e os tres modos de escripta de que se serviu só fazem deixar duvidas sobre a verdadeira palavra.

Pode acontecer que seja a obra de Fr. Vicente do Salvador o documento historico mais antigo em que vem o nome Ciará, e de feito o é, quanto a ter elle empregado o tal vocabulo escripto desse modo, mas antes delle com certeza todos escreveram Ceara, Seará e Siará, como ficou demonstrado, e que pouco devia alterar a primeira corruptéla.

A segurança com que o illustrado engenheiro ampara a sua opinião baseando-se em Pisarro e Ayres de Casal, acho que não o garante de cair em falta; pois que ambos publicaram os seus livros mais de 200 annos depois da fundação do Ceará, onde os Indios já eram moradores desde a conquista da Parahyba e Rio Grande, no ultimo quartel do seculo XV, e por conseguinte estes historiadores se acham muito distantes da verdadeira origem do nome tupi.

Demais, Ayres de Casal, na sua *Corographia Brasilica*, descreve esta antiga provincia sob o nome Ceará, á pag. 195 do 2.º volume, e apenas em uma nota abaixo da mesma pagina dá noticia em duvida sobre o papagaio em questão nestes termos: Dizem que Ciará, no idioma indigena, significava canto da jandaia, que é uma casta de papagaio pequeno e grasnador.

E elle nada disse nem affirmou.

Tenho lido muitos autores que se occuparam do Brazil, desde Gabriel Soares, que nada podia escrever sobre o nosso territorio, porquanto publicou a sua *Noticia do Brazil* em 1587, desaseis annos antes que Pedro Coelho de Sousa fizesse a primeira entrada em terras cearenses, e não encontrei em nenhum que tratasse desses passaros com aquelle nome á excepção dos dois acima mencionados, sendo ainda de notar quanto a Pizarro, que nas *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, tomo 8.º, á pag. 221, nota 1, sustenta vir o nome da capitania do alludido papagaio Ciará, opina, no emtanto, que a sua significação vem da palavra Suiá, que quer dizer caça e que os Portuguêses converteram-na em Ceará.

A perplexidade do autor sobre a verdadeira palavra prova bem a falta de convicção relativamente ao que escreveu.

E' inadmissivel qualquer das interpretações.

Não ha, pois, duvida que o termo Ceará ou Seará tantas vezes repetidos nos antigos documentos, proveiu da *infinita* caça, que havia neste Estado, e foi causa de fixarem os Indios por aqui a sua nova residencia.

Não ha outra explicação mais de harmonia com a critica historica, e quanto a mim as variantes da palavra Ceará não passam de simples questão de ortographia. Uns escreveram de um modo, outros de outro.

Ao concluir este artigo, aproveito a opportunidade para expender um pensamento que me assaltou o espirito depois da leitura dos diversos documentos, que consultei.

E' que o nosso Rio Ceará teve este nome primeiro que o do Rio Grande, e a razão está em que não ha uma só prova em contrario, quer escripta, quer tradicional; e tanto assim é que o nosso chamou-se Ceará-grande e o outro Ceará-mirim, muito embora tenha este dez leguas mais de curso do que aquelle

Naturalmente passou aquella denominação ao territorio, e por ser este maior que o da capitania vizinha, ficou o nosso com a classificação de superioridade de accordo tão somente com a extensão do terreno.

O rio deu nome ao primeiro povoado proximo que depois passou ao local onde está hoje a Capital, de sorte que ainda hoje perguntando-se a alguem que venha para esta cidade, qual o seu destino, elle responde mui indifferentemente: vou para o Ceará, e do mesmo modo todas as cartas enviadas do exterior para a Fortaleza são sobrescriptas com o endereço Ceará.

Da leitura das cartas dos Hollandêses que se assenhorearam desta capitania, verifica-se que os Indios viviam em continuas viagens da Parahyba e Rio Grande para aqui, e daqui para aquelles pontos; e na carta de Hendrick Vam Ham, datada de 19 de Abril de 1738, diz elle, á pag. 79 da *Revista do Instituto*, de 1896, que:

«Não são poucos os Indios que chegam da Parahyba e Rio Grande, que fazem esta viagem para levarem o ambargris. E mais adeante: Pode-se levar daqui uns cem ou tresentos para reforçarem as aldeias do Rio Grande, donde se conclue que nesse tempo, 1638, já o Ceará enviava Indios para a defeza do Rio Grande.

Si, como se sabe, teve começo a conquista da capitania vizinha em 19 de Dezembro de 1597. gastando-se muitos annos em domar os Indios, que em grande quantidade infestavam aquella região, e Pedro Coelho de Souza, em 1603, seis annos depois, conduz a Ibiapaba os petiguares, moradores na barra do rio naturalmente já denominado Ceará, como escreve o mesmo capitão-mór, e se vê da carta já citada do P.e Luis Figueira, datada de 26 de Março de 1608, é fora de duvida que foi dado este nome primeiramente ao rio da nossa capitania.

Não é que a denominação de Ceará-grande queira dizer que a povoação fosse maior, mas sim que lhe foi dada antes que a do Rio Grande.

Vê-se, entre nós, que uma localidade qualquer que já tenha nome, toda a vez que se funda outra com o mesmo, dá-se-lhe este na forma diminuitiva, muito embora distante della, no que regula invariavelmente a precedencia do primeiro.

Assim, o sitio Caracu, na comarca de Sobral, foi povoado primeiro que a lagôa Caracusinho, no municipio da Porangaba; o sitio Piauhysinho, no Icó teve seu nome já existindo o Piauhy grande; o sitio Ipusinho foi povoado depois do Ipu grande; dos dois rios Aracaty, ao norte do Estado, chamou-se o primeiro Aracaty-assu, por ter sido descoberto antes do outro que fica mais alem, ao qual denominou-se Aracaty-mirim; a fazenda Caiçára, no municipio do Riacho do Sangue, já existia quando fundou-se a Caiçárinha; a fazenda Cerca, no municipio de Varzea-alegre, foi fundada ao tempo do donatario Agostinho Duarte Pinheiro, e mais tarde fundou-se a Cerquinha; a fazenda Dançinhas, no municipio do Limoeiro, appareceu muito depois de Danças, sitio do tempo do

donatario Fr. Manoel de S. Gonçalo, do convento de Goyana, que lhe deu esse nome, como da sesmaria.

A prova é indestructivel, e não a levo mais adeante por desnecessaria.

Até o anno de 1603, o Rio Grande do Norte era muito pouco conhecido alem da capital, devido a desesperada resistencia dos indigenas, e, portanto, predomina a minha opinião.

Continuo a pensar que a corruptéla do nome Ceará veiu de çôo, sôo, sûu, e Siará, Syará ou Ciará são outras tantas inversões commettidas por escriptores, que não conheciam a verdadeira origem daquella palavra, como entre nós ainda hoje se chama Iguatu por Igatu, Mecejana por Messejana, Aguanambi por Jaguarnambi, Cratheus por Carateus, Acaracu por Caracu, Maurity por Murity ou Burity, Mudubim por Mendobi, Precapara por Pecapara, Carnahubeira por Carnahuba, etc., e só cederei a provas mais fortes do que as que apresentou o Dr. Theodoro Sampaio.

Si não expliquei satisfactoriamente a palavra, fica-me a convicção de que tenho o mesmo direito que os que arranjam radicaes, e os collocam como muito bem lhes parece, sem se importarem com o que era seguido na lingua indigena, como faziam o Barão de Porto Seguro, Von Martius, E. Liais e Barboza Rodrigues.

ANTONIO BEZERRA.

Barro Vermelho, 29 de Setembro de 1901.

DIREITO COMMERCIAL

Cheque visado

Illustre advogado agita pelas columnas da *Revista de Jurisprudencia* (fasciculos de Fevereiro e Abril deste anno) uma questão de direito, e mais de praxes commerciaes, sobre «cheques visados», que muito interessa estudar, attenta a circumstancia de não cogitar a legislação patria claramente da especie.

«*a)* O visto posto em um cheque, pelo sacado, constitue ou não confissão expressa da existencia de fundos?»

«*b)* E quando assim não seja, pelo *visto* houve ou não novação de contracto em virtude de substituição do devedor?»

«*c)* O portador de um cheque visado é ou não credor reivindincante do sacado?»

Elucida o distincto escriptor o assumpto pela forma seguinte:

«E' obvio que, no caso que estudamos, pelo *visto* o sacado substitue-se ao sacador, ficando este desobrigado para com o portador, etc., etc.

Isto posto, ou por confissão expressa da existencia de fundos ou por novação, o portador de um cheque visado é incontestavelmente devedor do sacado.»

§

O cheque, admittido em nossa legislação desde 1860, é regulado pelo Dec. 1083 de 22 de Agosto d'aquelle anno; pelo de n.º 3323 de 22 de Outubro de 1864 e ainda pelo de n.º 177 A de 15 de Setembro de 1893.

Deve ser passado á vista, apresentado dentro de tres dias da data da emissão, e ser pelo menos no valor de cincoenta mil reis.

Profunda alteração fez o Dec. 603 de 20 de Outubro de 1891 (art. 334), permittindo que os cheques tirados por sociedades anonymas, ou sobre ellas, fossem apresentados dentro de 10 dias, quando para ser pago na mesma praça em que fôra emittido, e de 30 dias, quando em lugar differente. Este Dec., porém, foi fulminado por uma revogação accintosa (Dec. 698 de 22 de Dezembro do mesmo anno), taes eram as liberdades introduzidas no regimen do anonymato.

Pela funcção do cheque nas relações commerciaes; pela analogia deste com o cheque estrangeiro; pela nossa legislação; a natureza juridica deste titulo é a de simples «mandato de pagamento ou ordem de pagamento.»

O costume que se começa a adoptar de se visar cheques para terem livre curso é um abuso que desvirtua a natureza do titulo.

O cheque para satisfazer o fim para que foi creado, e para estar de harmonia com a lei, tem como condição essencial o ser á vista; ora, um mandato de pagamento, mesmo um saque ou ordem á vista, não é passivel de acceite: ou paga-se ou recusa-se o pagamento. O facto de se permittir o acceite ou visto induz novo contracto sobre o titulo, e neste caso, dá-se uma transacção estranha á natureza do mesmo titulo.

Isto é: A é portador de um «mandato de pagamento» (á vista já se vê), apresenta-o; o sacado acceita-o ou visa-o; aqui se estabelece promessa e obrigação de pagamento; deve haver, portanto, um praso determinado para se realisar o embolso; e credor de obrigação já não

será somente o passador, mas tambem a pessôa individualisada, que annuiu ao procedimento do sacado.

Desapparece radicalmente a natureza do cheque que passou por semelhante operação: o sello será proporcional, transfere-se por endosso, pratica-se, emfim, tudo quanto fôr compativel ás lettras ou notas promissorias.

O cheque desappareceu, substituido por uma obrigação ou titulo de divida de outra natureza.

«Considerando que taes cheques são apenas mandatos de pagamento da mesma natureza juridica da *ordem*, que só depois de acceita se confunde com a lettra de cambio ou da terra.» (Accordam do Supremo T. Federal de 13 de Outubro de 1900 - *Direito*, fasciculo de 15 de Janeiro de 1901).

Pode-se, pois affirmar: o visto. como ordinariamente se vai praticando, posto em um cheque pelo sacado para ter livre curso, é um abuso que as bôas normas de direito repellem. Em caso algum desapparece a responsabilidade contrahida pelo passador para com o portador; este em hypothese alguma tem direito contra o sacado, salvo o caso figurado em que A deixou transformar-se o cheque em lettra da terra ou de cambio.

A theoria do illustre advogado, permitta-se-me dizel-o, parece erronea; si contra ella não existisse a opinião dos nossos melhores commercialistas, bastariam os seguintes argumentos para destruil-a.

§

O cheque é o instrumento economico por meio do qual alguem que tem fundos ou credito aberto em uma casa bancaria, ou simplesmente commercial, retira as quantias dentro do limite de seu deposito ou de seu credito.

E o nosso Cod. Com., se não consagrou disposições taxativas sobre essa instituição, genericamente traçou-as no seu art. 153, quando regula o mandato de pagamento.

E' um meio de movimentar a conta-corrente, segundo Vidari, citado por Inglez de Souza.

Ha, portanto, digo eu, duas especies de cheques a differençar: na 1.ª hypothese são chamados de «conta corrente de movimento; na 2.ª de «conta corrente garantida»

Não pode haver exoneração da responsabilidade do passador para com o portador, ainda mesmo verificada a abusiva hypothese do *visto*.

Quem lida com os negocios bancarios não ignora que são clausulas essenciaes dos contractos de deposito ou emprestimo:

a) ser facultado ao depositario o direito de recusar o immediato pagamento de um cheque, dentro de limitado praso, quando haja falta de numerario;

b) ser praxe constar dos instrumentos pelos quaes se estabelece um contracto de emprestimo, seja por hypotheca, penhor ou caução:

I recusar cheques quando lhe falte numerario;

II pedir reforço de garantia quando entender achar-se a primitiva depreciada.

Alem destas circumstancias, é corrente em direito, «que a morte ou a fallencia do passador annulla o cheque: se ainda não foi pago; o banqueiro não pode mais satisfazel-o, e, se paga, está obrigado a repetir. O portador do cheque nenhum direito tem sobre a provisão de fundos, e o banqueiro até a occasião de receber o cheque não contrahe para com o portador nenhuma obrigação de pagal-o.» (SUPINO, citado por Carvalho de Mendonça, *Das Fallencias*).

Ora, um cheque passado sobre um credito aberto sujeito áquellas clausulas (de recusar o sacado o pagamento allegando falta de numerario; ou pedir reforço de garantia), ainda mesmo visado, não é titulo liquido e certo, extreme de condições restrictivas, que induza um vinculo obrigatorio entre o portador e o sacado.

O *visto* é simplesmente um meio de evidenciar a terceiro que o passador está habilitado a retirar a quantia do poder do sacado. Imagine-se que trata-se de um cheque emittido sobre credito aberto (em regra geral com

as clausulas restrictivas já alludidas); pelo facto de ter sido visado o mesmo cheque, segue-se que o sacado perdeu o direito de invocar aquellas clausulas, caso considere necessario exigil-as?

Tambem não ha novação como affirma o illustre advogado.

E aventarei outro argumento:

Pode por direito o sacado que visou um cheque, debital-o definitivamente na conta do passador e contar juros sobre o respectivo valor, antes de ter sido pago?

Não. Muitas vezes o proprio passador apresenta um cheque com o fim de habilitar-se a fazer tal ou qual transacção; não a realisou, porém, e annullou o cheque porque não lhe convinha mais retirar a quantia; pelo simples facto do *visto* deve ficar debitado, a pagar juros, perder o direito, emfim, sobre a quantia?

E' extravagante responder pela affirmativa.

N'este caso a providencia a tomar é declarar por escripto ao sacado o cancellamento do cheque em questão.

A nossa legislação, regulando escrupulosamente os titulos que circulam pela tradição manual, excluiu d'esta especie os cheques, que devem ser apresentados dentro de 3 dias da emissão (Lei de 1860). Isto é, ninguem, pela lei, pode deter aquelle mandato de pagamento por mais de 3 dias; a conclusão é obvia: para que não circulasse de mão em mão, o legislador impoz o praso taxativo de 3 dias, durante o qual é obrigatoria a apresentação.

§

Si invocarmos a natureza historica do cheque (palavra ingleza, derivada do verbo *to chek*, que significa *verificar, conferir)*, evidenciaremos que o nosso primitivo legislador incluiu-o na cathegoria de *recibo*, sujeitando-o a sello fixo, copiando assim a formula do cheque francez, que até 1865 tinha todos os caracteristicos de um recibo («Souza Pinto — Dic. da Leg. Com. Brasileira»).

Em synthese podemos concluir:

1.°—O visto posto em um cheque, pelo sacado, constitue confissão expressa da existencia de fundos ou de credito aberto, sem, entretanto, dirimir o direito que tinha o sacado de recusar o pagamento estipulado nos termos do contracto de deposito ou emprestimo.

2.°—Não dá-se novação pelo *visto*, porque esta opera-se:

a) quando o devedor contrahe nova obrigação com o credor, alterando a natureza da primitiva;

b) Pela substituição de devedor, estipulando-se desobrigação do primitivo;

c) Pela substituição de novo devedor, assumindo a primitiva obrigação para com o seu substituto.

Comquanto em materia commercial a *novação* tenha verdadeiras subtilezas, muito differentes das condições precisas e taxativas do Direito Civil; é preciso, entretanto, respeitar a bôa razão e a equidade, que estão acima de todas as facilidades das praxes commerciaes.

(...«Porém, se o «Devedor Delegado», em vez de pagar, promette somente o pagamento ao mesmo «Credor Delegatario», fica obrigado todavia ao primeiro credor; porque teve o *mandato* de *pagar*, e não de prometter, e o mandato é irrevogavel.» (Teixeira de Freitas—Vocab. Juridico).

Isto demonstra que o *visto* não desobriga o passador como sustenta o illustre collaborador da *Revista*.

Para que se dê a novação é preciso preceder accordo expresso entre as partes; e como ella «só se opera entre pessoas habeis para contractar», perguntarei:—como avaliar da capacidade do novo credor (portador do cheque) se é uma entidade vaga, sem determinação precisa de pessôa?

Só se opera novação quando o cheque é tranformado em obrigação com determinação de credor e praso certos como fiz figurar em outra parte deste artigo; e neste caso o titulo confunde-se com a letra de terra ou de cambio.

3.°—O portador do cheque visado não é credor rei-

vindicante do sacado porque, nos termos do Dec. 917 de 24 de Outubro de 1890, além das condições inapplicaveis ao caso, são credores d'essa natureza:

a) «O dono de cousa em poder do fallido por titulo de deposito, penhor, anti-chrese, administração, arrendamento, commodato, usufructo, uso e habitação.»

b) «O dono de titulos ao portador, que forem perdidos, furtados. roubados, extorquidos, etc., etc.»

c) «Os que fizerem remessa para um fim determinado.»

Não se poderá, dada a translação manual, ainda mesmo confessada a provisão de fundos pelo *visto*, considerar a quantia do cheque visado amparada por aquellas circumstancias.

§

Resta equiparar o cheque a deposito; mas a hypothese é fulminada pelo § 1.º do art. 68 do Dec supra (Lei das fallencias).

Ouçamos agora um erudito commercialista:

«Cheques, visados ou não, conservam o seu caracter de instrumento de pagamento, e a provisão que representam, no caso de fallencia do devedor, não pode ser considerada como credito reivindicante, porque não é deposito regular.» (Carvalho de Mendonça, obra citada).

Raciocinemos ainda sobre os fundamentos que excluem o cheque visado dentre os creditos reivindicantes.

F. tinha um credito aberto no banco G., e, de má fé, percebendo que este estabelecimento propendia á insolvencia apressou-se em emittir cheques, que foram visados.

E' declarada a liquidação forçada do banco; F. declara-se fallido, occorrendo a circumstancia de se ter depreciado o objecto que garantia o credito aberto, pelo que o banco vê desgarantida a divida de F.; pergunta-se: o portador de taes cheques emittidos de ma fé, porém, visados pelo banco, propositalmente conservados em circulação, póde ser considerado credor reivindicante do mesmo banco?

E se o detentor desses titulos era o proprio passador, que os mandou agora cobrar sobrepticiamente?

A doutrina do illustre advogado, collaborador da *Revista de Jurisprudencia*, cai ao mais fraco raciocinio.

Neste sentido existe um julgado que exclue qualquer sophisma ou argumentos do espirito mais recalcitrante (Vide *Direito*, vol. 61, pags. 557 e seguintes).

§

Releva observar uma palpavel confusão da parte do digno publicista, quanto ao conceito juridico que hoje se dá ao contracto de conta-corrente, nas praxes do direito commercial brazileiro.

S. S., copiando expositores estrangeiros, admittiu apenas o contracto de conta-corrente nas relações mais restrictas: contracto pelo qual duas pessôas ajustam entrar em relações commerciaes, entregando valores reciprocamente; e que se termina, ou pelo encontro das duas contas, quando a totalidade das importancias é a mesma de parte a parte, ou pelo balanço de uma conta sobre a outra, accuzando um saldo a que uma das partes fica obrigada.

Em se tratando, porém, da conta que alimenta o cheque, o contracto de conta-corrente toma outro caracter desdobrando-se em mais dous aspectos.

Obedecendo á verdadeira comprehensão juridica, compenetrando-se perfeitamente do espirto das praxes, foi que a camara Commercial e a Côrte de Appellação firmaram a doutrina de que «em hypothese alguma poderá o portador de um cheque tornar-se credor do sacado» e muito menos reivindicante.

A conclusão dos egregios Tribunaes é a mais consentanea com a boa razão:

«*a)* deve-se conhecer da natureza da conta-corrente;

b) da disponibilidade e existencia real da provisão de fundos.»

As decisões assim elaboradas veem em apoio da subdivisão que fiz das contas correntes:

1.ª conta-corrente de movimento, ou de retirada livre;

2.ª contra-corrente garantida (emprestimo).

Pela natureza da conta-corrente, portanto, é que se pode julgar da garantia intrinseca do titulo, que, entretanto, em hypothese alguma póde ser elevado á cathegoria de reivindicante. (Vid. *Direito* vol. e pags. citadas).

Um periodo do segundo artigo do illustre advogado merece especial reparo.

«Não procede contra a doutrina que sustentamos a obrigação que tem o portador de apresentar o cheque dentro de tres dias de sua data. (Lei 1083 de 22 de Agosto de 1860 artigo 1.º § 10); essa obrigação serve apenas para assegurar o direito regressivo do portador contra o sacador.»

Não, o intuito do legislador de 1860, como de seus successores, foi obrigar que nenhum cheque tenha curso por mais de tres dias. Pela doutrina do digno advogado parece que o cheque visado pode correr livremente, o que desvirtua o escrupulo da lei que prohibe a particulares a emissão de titulo ao portador para correrem como instrumento de permuta.

«Que o *visto* no cheque, fazendo presumir a existencia da provisão, não lhe dá, entretanto, o privilegio que pretende a auctora, só attribuido pela lei ás notas dos bancos de emissão.» *[Direito* Idem, Idem).

«O cheque visado ou não conserva o seu caracteristico do mandato ou ordem de pagamento, etc., etc » *[Direito* Idem, Idem).

E' para notar que o Sup. T. Federal já decidiu confundir-se o cheque visado com lettra de terra ou de cambio conforme se vê no começo deste artigo; para ser assim equiparado, porém, é indispensavel que o cheque encerre o nome do portador e o praso do vencimento; ao contrario incide na classificação do julgado de 1892

(Vol. citado, pags. citadas), anterior á mencionada decisão do Sup. Tribunal Federal.

Na impossibilidade de outra pena a comminar contra o portador do cheque não apresentado ao sacado dentro dos tres dias (lei citada), o legislador fulmina essa ordem de pagamento com a severissima e excepcional disposição, annullando-a em favor do passador.

Não houvesse tal providencia, que sorte de abusos não se praticariam, maxime com o apoio de erroneos theoristas que teem em seu favor o poder magico de robusta intelligencia?

Ceará, 1900.

RODRIGUES DE CARVALHO.

Flora Cearense

(*Continuação da Revista do anno anterior*).

A

AMARELLÃO

Arvore, segundo estou informado, da mesma especie que aquella que segue logo abaixo, com a denominação de *Amarello*.

AMARELLO—Arvore conhecida, dos carpenteiros, por este nome. E' da mesma especie que a precedente, apresentando apenas a seguinte differença: a madeira do *Amarello*, de que nos occupamos aqui, é de côr amarella-de-flôr-d'algodão; a do *Amarellão* é de côr amarella-carregada ou escura. Presumo pertencerem, uma e outra, a Fam. das Leguminosas. Não as conhecendo, porém, *de visu*, não me é possivel indicar as differenças existentes entre ellas e o individuo denominado, tambem, *Amarello* ou *Vinhatico* (Echyrospermum Balthazarü — Fr. All.), que vegeta em outros Estados do Norte. As respectivas madeiras encontram emprego na carpentaria; com ellas se manufacturam soalhos, portas, etc., etc.

AMARELLINHO-DA-SERRA

(*Galipea*)

FAM. DAS RUTACEAS

Esta arvore, a que dão tambem o nome de *Amarello*, fornece pranchões de 6 metros e mais de comprimento sobre 22 a 33 centimetros de largura.

Sua madeira, de gran mui fina, apresenta a côr amarella-clára; quando exposta ao tempo, perde ella esta côr que readquire toda vez que é submettida, de novo, á acção da plaina.

E' empregada, de preferencia, em obras de marcenaria e *de torno;* sendo susceptivel de adquirir um bello polido.

AMARIO

(*Convolvuli sp.*)

FAM. DAS CONVOLVULACEAS

Planta *tuberculosa* ou *amyllifera;* d'ella existem, no solo cearense, duas variedades: o *Amario branco*, e o *rôxo.*

AMBAÚVA, IMBAÚBA, ou TORÉ

[Arvore da preguiça.]

(*Cecropia palmata.* WILLDEN.—*Cecropia peltata.* VELL.)

FAM. DAS ARTOCARPEAS

(Vide *Imbaúba*).

ALMEIXA BRABA, ou DA TERRA

(*Ximenia Americana*. L.)

Fam. das Olaceas ou Olacineas

Arbusto espinhoso, mui commum nos *taboleiros* e *catingas* d'este Estado. Suas folhas são pequenas, quasi redondas, com espinhos na base; suas flôres em fórma de roseta, pelludas e amarelladas; o seu fructo, de fórma redonda, mais ou menos oblonga, apresenta, quando maduro, a côr amarella; mede de 15 a 20 millimetros, na sua maior extensão; é, em sua parte externa, pelliculoso e lustroso; internamente, contém uma massa molle, aquosa, de gosto acre-dôce, que se come, e um só carôço. Este fructo offerece ao olfacto um arôma muito agradavel.

Almeida Pinto diz, ainda, que «uma variedade que se encontra no Estado de Minas Geraes differe um pouco nas folhas e na floração; sendo a amendoa do caroço comestivel.»

Sua madeira, de cérne branco, muito elastica e resistente, não encontra emprego na carpentaria, em consequencia de suas mediocres dimensões. Póde, entretanto, prestar-se á confecção de pequenas obras de marcenaria.

As respectivas cascas são *adstringentes*. São empregadas, na med. popular, redusidas a pó mui fino, para cicatrisação de ulceras.

Seus caroços são *venenosos*, segundo o conselheiro Dr. Francisco Freire Allemão (Fr. Allm.). O Dr. Manoel Freire Allemão, sobrinho, discipulo e coadjuvante do precedente, tratando, em suas *notas*, dos *simplices* da materia medica vegetal brasileira, que se encontram no Ceará — collocou a *Ameixa braba*, ou da *Terra*, na Ordem dos *convulsivos-estuporantes*—Classe dos *cephalo-myeloscantes* ou *cerebro-espinantes*.

Diz elle que «as amendoas do fructo, *venenosas* parecem conter *acido-prussico* ou os elementos productores d'elle.»

Este mesmo arbusto recebe, em outros Estados, os nomes de: *Ameixa-do-Brasil*, *Ameixa-do-Pará*, *Ameixa-da-Bahia*, *Ameixa-de-espinho*, e de *Espinheiro-de-ameixa*.

A MENDOA BRABA, ou MERINDIBA

(*Terminalia*. Esp. de *Pygeum*).—*Terminalia anomala*, segundo Alm. Pinto e Mello Moraes—*Term. Brasiliensis. Cambess?* *Term. Merindiba*. All.)

Fam. das Combretaceas

(Vide *Merindiba*].

AMENDOIM, MENDOBIM, ou MONDUBIM

(*Arachis hypogœa*. L.—*Arachis Americana*. Tenor).

Fam das Leguminosas

Sub-Fam. das Papilionaceas

(Vide *Mondubim*).

AMOR DOS HOMENS

(*Ketmia mutabilis*. L.—*Hibiscus mutabilis*. Cav.)

Fam. das Malvaceas

«E' originaria da India esta planta, cultivada no Brasil como ornamento.

E' um arbustosinho, cujo caule sóbe até dous ou tres centimetros; esgalha pouco, é nodoso, e o tronco é es-

branquiçado; folhas alternas, sub-cordiformis, angulosas e de um verde desmaiado; flôres grandes, sem cheiro, de corolla rosacea simples, com os estames formando uma columna no centro.

Depois de meio dia esta flôr de côr de rosa passa a ficar vermelha, sendo demanhã branca; ao meio dia torna á côr de rosa, e a tarde vermelha; d'esta volubilidade é que lhe deram o nome que tem; mas não sabe-se de que sexo foi quem a baptisou.» (Descrip. Almeida Pinto).

Caminhoá diz «que esta planta é tambem denominada, no Brasil e em outros paizes: *Inconstante*, *Rosa-cambiante-de-Cayenna*, *Papoila-de-duas-côres*, na Bahia; e que tanto as suas folhas, como as suas flôres são *emollientes;* fornecendo o *liber* bellas fibras para cordoaria.»

AMOR-PERFEITO

(*Viola tricolor.* L.)

Fam. das Violaceas, ou Violeas

Planta florifera que, em consequencia da belleza de suas flôres, é cultivada para ornamentação dos jardins.

Estas flôres são um pouco grandes; sua *corolla* consta de cinco petalas: as duas *superiores* apresentam a côr arroxeada ou violacea; as duas *intermedias* a côr violacea-esbranquiçada, e a *inferior* a branca-amarella, cada uma d'ellas com cinco ou sete estrias anegradas, com *esporão* (*) purpureo.

Esta planta apresenta muitos *caules* procedentes de uma só raiz, prostrados; e folhas alternas, de peciolos longos, ovados, obtusos, recortadas e crenadas.

(*) Esporão. Nome que se dá a uma especie de prolongamento que se observa na base da reunião das petalas de certas flôres.

A raiz tem cheiro e sabôr agradaveis; a flôr tem o cheiro da raiz, porem, mais fraco. Esta flôr é empregada como a da *violêta cheirosa*, a saber: como *peitoral*. Prepara-se com ella uma infusão, que, adoçada com assucar, administra-se com vantagem nos *defluxos* e *bronchites*. Um pugillo de flôres para uma chicara d'agua fervendo. (*Chernoviz.*—Dicc. de Med. Pop.).

Alm. Pinto assevera que «*O amôr-perfeito* é usado como *depurativo*; e que a respectiva raiz é *emética* na dóse de duas grammas para 180 grammas de agua; que tambem é *peitoral*.»

Caminhoá, por sua vez, affirma «que estas raizes são ligeiramente *eméticas*.»

Esta planta, geralmente tão apreciada, recebe tambem as seguintes denominações: *Herva da-Trindade*, *Flôr-da-Trindade*, e *Violêta-de-tres-côres*.

AMOREIRA

(*Gen. Morus.*)

Fam. das Urticaceas

Sub-Fam. das Moraceas

Esta sub-fam. «contém arvores lactescentes, de folhas alternas, simples e frequentemente recortadas; flôres dispostas em ramalhêtes solitarios ou reunidos na *axilla* das folhas. Depois da florescencia, os calices incham, tornam-se pulposos, e convertem-se em outras tantas bagas *monospermas*, reunidas em um receptaculo commum; e parecem não formar senão uma só baga; fructo de gosto agradavel, que tem o nome de *amora*.»

«As principaes especies de amoreira são as duas seguintes:»

AMOREIRA-BRANCA

(*Morus mala.—Morus alba.* L.)

FAM. E SUB-FAM. ACIMA INDICADAS

«Esta arvore é originaria da China; póde ser cultivada em toda a parte onde a bella estação dura bastante tempo para lhe permittir que refaça sua folhagem que se tira para a alimentação do bicho de seda. Esta arvore tem 8 a 10 metros de altura nos climas temperados, e 17 no sul da Europa. Seu tronco divide-se em ramos numerosos que formam uma cabeça arredondada. Suas folhas são pecioladas, ovaes, um tanto cortadas em fórma de coração, agudas na ponta, denteadas nas margens; fructos esbranquiçados; ás vezes roseos e mesmo vermelhos; têm o mesmo sabor e o mesmo uso que as amoras negras. Ha muitas variedades de amoreira branca, que se cultivam para a criação do bicho de sêda.»

Consigno este individuo como fazendo parte da FLORA CEARENSE, visto Pompeu (Ens. Estat., Tomo I, Pag. 207), mencionar entre as plantas fructiferas exoticas, existentes no Ceará, a AMOREIRA, sem declaração alguma de especie; e, ainda, asseverar-me o meo illustre amigo e confrade, na Academia Cearense, Barão de Studart, haver comido n'esta Capital fructos da *amoreira branca*, colhidos em terrenos d'este Estado; não se recordando, entretanto, da procedencia dos mesmos.

AMOREIRA NEGRA ou PRETA

(*Morus nigra.* L.)

FAM. E SUB-FAM. SUPRA

«Arvore originaria da Asia, cultivada no Brasil e em Portugal. E' uma arvore de 8 a 10 metros de alto, de

tronco espesso, casca rude, ramos compridos, formando uma cabeça arredondada e copada; suas folhas são alternas, pecioladas, cordiformes, denteadas, agudas, um tanto espessas. Seu fructo é oval, espêsso, de côr purpurea-nêgra, sabôr agradavel e fresco. Estas *amoras* são *refrigerantes*, *laxativas*, de cheiro agradavel; prepara-se com ellas um xarope, que se emprega em bebida, e para gargarejar nas *equinencias*.

Seo succo ennegrece as mãos e deixa na roupa nodoas difficeis de tirar; este succo serve para dar côr ao vinho, aos xaropes e aos licôres; evaporado ao fôgo lento até a consistencia competente, é conhecido debaixo do nome de *arrobe de amoras*, e usa-se como *adstringente* nas *esquinencias*, em gargarejos, na dóse de 30 a 60 grammas dissolvidas em 360 grammas d'agua morna; ou puro para tocar as *aphtas*. As folhas da amoreira negra (ou prêta), se bem que inferiores em qualidade ás da amoreira branca, pódem, em caso de necessidade, ser substituidas a estas para alimentação do bicho de sêda.» (*Chern.* Dicc. de Med. Pop.)

Paulo Salles, em sua obra intitulada *O Jardineiro Brasileiro* reflexiona a este respeito: «que, se a industria *serica* não tem, entre nós, dado bom resultado, é porque o bicho-de-sêda tem sido alimentado com as folhas da amoreira de fructos prêtos.»

Diz mais que: «As suas raizes são amargas, e passam por serem *purgatigas* e *vermifugas*;» bem assim que: «As nodoas do fructo tiram-se com limão ou fumaça de enxofre.»

AMOREIRA (outra)

Pompeu, em seu *Ensaio Estatistico*, Pag. 206, consigna como existindo no Ceará uma outra especie de amoreira, com a denominação de AMOREIRA-DO-MATO *[Brosimi sp.]*. Não me foi dado encontrar quem me desse noticia d'ella. Presumo pertencer á Sub-Fam. das ARTOCARPEAS (Miquel).

Tendo tratado, nos artigos que precedem, das arvores cujas folhas servem para a nutrição do *bicho-de sêda*, e de algumas variedades d'este que pódem ser cultivadas no territorio cearense —seja-me permittido adduzir algumas considerações acerca d'este mesmo assumpto.

Meu pai, de saudosa memoria, o Dr. Pedro Théberge que empregou parte de sua existencia nos estudos da Historia local e em investigações relativas ás Sciencias, Naturaes, com applicação a esta região—em suas *notas* acerca das propriedades medicinaes de grande numero de individuos pertencentes á Flora Cearense, notas estas a que tributo o maior respeito e veneração, e que conservo como um legado precioso e de summo valor, diz que: «na *aro ira do sertão* encontra-se um bicho-de-sêda cujos *casulos* são mui volumosos e contém grande porção de sêda, grossa, forte e elastica, mui unida ou agglutinada por meio de uma sub-tancia viscosa que a torna difficil de desfiar. Esta difficuldade seria removida pelos processos conhecidos da Industria serica, si se conseguisse domesticar esta variedade do bicho-de-sêda.»

«Mr. Brunet distincto naturalista, de nacionalidade franceza, que acabou por occupar a cadeira de Lente do Gymnasio de Pernambuco, tendo, antes d'isto, sido commissionado pelo governo d'aquella Provincia para proceder a estudos de Historia Natural na zôna interior da mesma, percorreo varias circumscripções limitrophes: da Parahyba, Rio-Grande-do-Norte e Ceará, fazendo, em sua passagem, a propaganda da cultura do bicho-de-sêda.»

«Comprehendendo as immensas vantagens de semelhante cultura, n'essas regiões—não se poupou a esforços e fadigas de todo genero no intuito de alcançar d'aquelle governo a remessa de sementes *[óvos]* do bicho-de-sêda.»

«Tendo sido, afinal, attendido pela Administração—tratou de distribuir em todas as localidades, por onde transitava, as sementes que lhe haviam sido remettidas; isto é: da variedade conhecida pela denominação technica de *[Bombix Cynthia]*; *bicho* este que produz a

baba ou fio com que são feitos os afamados lenços de sêda da India.»

«Este insecto alimenta-se com as folhas da *carrapateira* (MAMONA), tão commum n'esta provincia; renova-se de dous em dous mezes, dando em cada periodo d'estes o seu *casulo*, e reproduz-se com facilidade e abundancia.»

«Sua criação não passou de mera curiosidade, visto como, apoz sua retirada para a cidade do Recife, foi completamente abandonada a cultura por elle iniciada, sob tão bons auspicios, e com tamanho successo, que só á sua pericia e constancia era dado obter; entretanto, poderia ella vir a ser uma fonte de riqueza futura para a Nação e, mui particularmente, para o Ceará, etc.»

Isso com relação á propaganda do illustre professor Brunet em localidades do nosso sertão; quanto a outras tentativas folgo de me utilisar das seguintes informações, que me foram prestadas pelo meu collega de Academia, o Snr. Barão de Studart:

«Creio piamente que a Sericultura trará ao Ceará incalculaveis proveitos. Certo é que as tentativas ficando a meio caminho nada lograrão antes disseminarão o desanimo nos espiritos propensos a explorar tão preciosa fonte de riqueza, e pois convem que quem se abalançar a cuidar de semelhante empreza se apresente apparelhado e seja de animo tenaz.

«Entre nós emprehenderam a cultura do bicho de seda o medico Dr. Ribeiro e o negociante Manoel Paes Pinto, seguindo se a esses o engenheiro francez Pierre Florent Berthot que veio á Provincia encarregado dos estudos para o melhoramento do porto de Fortaleza. Foi isso no 1.º decennio da 2.ª metade do seculo passado.

«Apezar de ser boa a qualidade do fio obtido, como foi reconhecido em varios mercados, das grandes proporções dos casulos, muito maiores realmente que os Chineses, e de se fazer a alimentação dos insectos com a carrapateira (ricinus communis) magnifico substituto da amoreira, muito abundante e de preço nenhum, o facto é que não foi adiante

tal industria no Ceará e não mais disso se tratou praticamente.

«Não obstante, de em quando em quando surge uma voz a criticar, e justamente, a culposa indifferença e a convidar a attenção das administrações provinciaes e estaduaes e dos particulares para o plantio da amoreira e concomitante industria do bicho de seda como um factor poderoso do melhoramento das nossas condições financeiras. Para não citar outros ou para citar os de data mais recente estou a recordar-me que o engenheiro Gengembre escreveu uma serie de artigos em jornaes de Fortaleza sobre o assumpto e em 1897 o Dr. Domingos Jaguaribe se occupou delle igualmente em um folheto largamente diffundido.

«Os proventos a auferir da cultura das lagartas de seda são tentadores, repito; ainda agora no Estado de S. Paulo o industrial syrio Snr. Salomão Bufarah demonstra por factos quanto pode conseguir a iniciativa particular e, levado pelo amor que dedica á sericultura, distribue aos visitantes de sua attrahente Exposição não só sementes do insecto como mudas de amoreira trasidas de uma sua chacara na qual avulta larga e extensa plantação dessa arvore tão preferida para a nutrição das larvas, e em S. Luiz do Maranhão o Snr. Arnulpho Castro está a attrahir tambem a attenção publica para casulos de bichos de seda, mas esses encontrados, e em abundancia, nas cajáseiras do logar S. Bento, daquelle Estado.

«O facto da cajaseira servir para boa e propria alimentação dos casulos colhidos pelo Snr. Arnulpho Castro me faz recordar que em conversa disse-me uma feita Felino Barroso ter visto em Baturité muitos casulos criados em cajaseiras, e sei ainda que em 1892 Antonio Bezerra trouxe do Crato quantidade delles que lhe foram fornecidos por José Joaquim Telles Marrocos, que os tinha em tratamento nas ditas arvores. Esses casulos de Antonio Bezerra foram remettidos para a Exposição de Chicago.

«Que a amoreira dará perfeitamente no Ceará não tenho duvida, outros paizes d cliema menos quente que

o nosso a tendo cultivado e com resultado, nem se deverá fazer questão da variedade a escolher, tanto a preta (morus nigra), como a branca (alba), a rosea que é muito foleacea, a chinesa e a japonesa colherão o resultado almejado.

«Aqui mesmo na minha Rua (a Formosa), 4.° quarteirão, houve ha annos enormes amoreiras pretas.

«A reproducção será feita por estacas e qualquer terreno merecerá ser experimentado.

«Lavrarei com o tento branco dos velhos Romanos a data em que eu vir realisada em larga escala a plantação da preciosa moreacea e o favor publico amparando a industria dos bichos de seda no Ceará.

«Como uma recordação historica tenho a ajuntar que em Outubro de 1784 o governador do Ceará Coutinho de Montaury remetteu ao Ministro Martinho de Mello e Castro entre outros innumeros productos *huma celebre e rarissima bolça ou folle que parece artificial, sendo pela natureza feita por uns bichos que costumão fabricar os cazulos ou massarocas, que leva dentro a mesma bolça, que parece, e as mesmas massarocas, de seda, cujos bichos enter ando-se dentro nas mesmas massarocas, depois de ellas feitas, de'las resurgem borboletas por buraquinhos que costumão faxer.*»

Ao que fica dito pelo Snr. Barão de Studart posso acrescentar:

Em plena sêcca de 1898, aqui no Ceará, houve abundancia de casulos do bicho de sêda, expontaneamente cultivado nas folhas da *aroeira*.

Ao commercio da cidade de Fortaleza viéram diversos moradores do interior do Estado procurar collocação para tal mercadoria; e casas commerciaes d'esta praça escreveram para a Europa, no sentido de entabolar algum negocio com semelhante producto; o que se não realisou, porquanto os preços offerecidos nos mercados estrangeiros eram desfavoraveis.

Este facto me foi asseverado pelos Snrs. João R. Salgado, gerente do Banco do Ceará, e José Rodrigues

de Carvalho, contador do mesmo Banco e consocio da Academia. (*)

(*) *A Republica*, folha diaria, que se publica n'esta cidade da Fortaleza, inserio a seguinte e importante noticia, em sua edição de 21 de Outubro do corrente anno (1901), sob n.º 239, acerca do assumpto de que me tenho até aqui occupado:

«Ao nosso collega *Minas Geraes* apresentára o Snr. Amilcar Savassi, director da colonia *Rodrigo Silva*, em Barbacena—Estado de Minas Geraes—bellas amostras de meadas de seda, e um tecido do mesmo precioso fio alli preparados.

Sobre os progressos dessa industria, o nosso citado collega dá os seguintes informes:

O Snr. Amilcar Savassi, que ha tres annos se dedica a essa industria e que nesse periodo de tempo tem feito de cada um dos colonos do nucleo que dirige um apaixonado da cultura do bicho de seda, conseguiu após incessantes labores apresentar o mais eloquente attestado de que não foram improficuos os seus esforços.

As amostras que hontem vimos são de duas cores, brancas e amarellas e a seda achava-se disposta em meadas de mais de um metro de comprimento.

Preparada naquelle nucleo pelos proprios colonos em machinas construidas alli mesmo, a seda apresenta-se perfeitamente limpa e em condições de ser remettida ao mercado.

Na colonia Rodrigo Silva tratam do bicho de seda cerca de trinta familias. Todos os colonos dalli, agrupados em 247 familias, iniciaram a plantação da amoreira em grande escala, elevando-se actualmente a 70 mil as mudas plantadas.

A colheita deste anno foi de cerca de 500 kilos de casulos.

A producção da seda em fio é de 10 %, porcentagem esta magnifica e superior á notada em alguns paizes europeus.

O governo estadoal sempre solicito em promover o estabelecimento de novos ramos de riqueza publica, tem se interessado pelo desenvolvimento da cultura do bicho de seda, já mandando adquirir mudas de amoreira em Ouro Preto, e em outros logares, já auctorisando o administrador da colonia a adquirir uma machina de fiar e tecer o fio.

O Snr. Amilcar Savassi pretende elevar este anno a 150 mil pés a plantação da amoreira, cujas folhas servem de alimento ao bicho de seda.

O administrador da colonia *Rodrigo Silva* offereceu diversas amostras de seda ao Exm. Snr. Dr. Silviano Brandão, presidente do Estado, e David Campista, secretario das Finanças e interino da Agricultura, que se mostraram animados com os resultados obtidos.»

O mesmo Jornal, ainda, em sua edição de 26 de Outubro, n.º 244, diz o seguinte:

ANAJÁ, NAJÃ, ou NAIÁ (côco ou coqueiro)

(*Naiá—cocos.* ARR. CAM.)

FAM. DAS PALMACEAS

(Vide *Naiá*].

ANANAZEIRO

(*Ananassa sativa.* LINDL.—*Bromelia ananas.* L.)

FAM. DAS BROMELIACEAS

Planta *vivaz* que vegeta especialmente nas regiões de clima quente. E' considerada pelos botanicos originaria do Brasil, em estado selvagem; bem assim das Antilhas, da India, e da Africa.

Suas folhas, que nascem na base da planta, são duras, assaz compridas, apresentando pouca largura, de fórma *lanceolada*, e armadas de espinhos agudos em suas bórdas.

O respectivo fructo—*ananaz*, um pouco cylindrico, ovoide, elypsoide ou globôso, offerece um sabôr acre-dôce, agradavel ao paladar, e um arôma delicado. Elle é or-

---

«D. Angela M. Signorini, natural da Bahia e residente ha muitos annos no Estado do Rio Grande do Sul, possue em Boqueirão, municipio de S. Lourenço, grandes viveiros, de 50.000 mudas de amoreiras.

Mil e quatrocentos pés da preciosa *morus alba* já foram transplantados e nelles criam 80 mil bichos de seda, os quaes produzem annualmente 80 kilos de casulos.

De cada cem kilos de casulos são aproveitados oito kilos de seda fina e quatro de seda inferior. Desde o anno de 1887 que a Snra. Signorini se dedica, no Rio Grande do Sul, á sua industria.

Em uma vitrine de importante casa commercial da praça do Rio Grande do Sul, a operosa senhora expoz lindas manteletes, seda em meadas, casulos e larvas, que fabricam tão precioso fio.

nado, em sua parte superior, de um *bouquet* ou corôa formado de pequenas folhas.

Come-se o ananaz, depois de despido cuidadosamente de sua casca, em talhadas cortadas perpendicularmente ao eixo do fructo; pessôas ha, porém, que o comem (e torna-se assim mais deliciôso) pulverisado de assucar e ligeiramente borrifado com *kirsch, rhum*, ou vinho de uva.

O sabôr acre-dôce d'este fructo o torna summamente apreciado nos paizes de clima quente.

O succo do *ananax* produz um vinho, assaz agradavel, que embriaga mui facilmente a quem o bébe. Os indios o preparam do seguinte modo: «espremem o fructo, quando maduro, submettem o *caldo* á fermentação durante tres ou quatro dias, obtendo, por este processo, uma especie de vinho que denominam *chichá*.»

Chernoviz assim se pronuncia com relação a este mesmo fructo: «*O ananax é preconisado contra as affecções do peito, arêias, hydropisia e ictericia.* Antes de estar maduro, é acre e perigoso; contém grande quantidade de acidos e de substancias adstringentes, que atacam e ennegrecem o ferro.»

Diz *Langgaard* que: «Em outro tempo, o ananaz foi reputado por Philippe Baldin um remedio soberano nas *fraquêsas do estomago, enfermidades das vias urinarias, hydropisia e ictericia.*»

Acrescenta, ainda, o *Dr. Pires de Almeida*, tratando de tal fructo:

«O summo do ananaz, na *cura do cancro*, merece ser relembrado aqui, mórmente depois de haver figurado em diversas pharmacopéas luzitanas. Eis o que, a respeito de sua acção, e por analogia applicado a cura d'aquella terrivel molestia, nos refere uma das mais antigas: *O summo d'este fructo é tão corrosivo, que se lhe mettem uma faca, e assim a deixam ficar por espaço de uma noite, pela manhã acharão muita parte do ferro corroido. E se alguma pessôa o comer estando com ferida, ou chaga aberta, com difficuldade se curará.*»

Na med. pop. empregam como *expectorante*, *nas bronchites*, o succo do ananaz, que deitam de infusão em agua a ferver; tomam esta infusão adoçada e ainda quente, ás chicaras, e a gábam de *bom peitoral*.

E' ainda aconselhado o uso do *ananax*, maduro, para a *cura das pedras da bexiga*. Para isto—corta-se um ananaz em fatias (como ficou dito acima) e, previamente cobertas de assucar, são estas expostas ao sereno, durante tres dias; feito o que, come-se uma pela manhan, e outra á noite. E', outro sim, tido como bom *diuretico*.

Com o fructo do *ananazeiro* prepáram-se, tambem, *xaropes*, *licôres* e *sorvêtes* deliciosos, e fabricam-se *doces* e *compotas* muito apreciados.

As folhas d'esta bromeliacea fornecem *fibras-textis*, que pódem muito bem ser applicadas á *cordoaria*. *Th. Peckolt*, tratando d'este assumpto, diz que: As folhas do ananazeiro fornecem uma fibra excellente. No anno de 1830 *Arruda Camara* publicou um folhêto sobre a utilidade e uso d'esta fibra vegetal, que tanto em qualidade como em lustre e resistencia é superior á bem conhecida fibra da *Boehmeria utilis;* mas a cultura do café absorve qualquer outra industria, e os esforços patrioticos d'este investigador distincto, pouco ou nenhum resultado tiveram deixando-se apodrecer estas folhas tão uteis, apezar de que a sua preparação exige pouca arte e apenas requer o trabalho de deital-as n'agua, batel-as depois repetidas vezes, até estarem limpas da substancia foliosa, e guardar as fibras trançadas para não ficarem embaraçadas. *Arruda* obteve de duas plantas 14 libras de folhas, que fornecêram 4 onças de fibras, as quaes apromptou em um dia. Nas plantas bem desenvolvidas achei, termo médio, 5 libras de folhas por planta. *Beer* achou em geral na planta depois da colheita do fructo 23 folhas, que pesavam cerca de $2^1/_2$ libras e deram 6 oitavas de fibras; julga que este trabalho foi feito com folhas de ananaz que tivera vida de prisioneiro em alguma estufa da Allemanha ou França, e nunca logrou a felicidade de vêr a patria nativa.

ANANÊ

(Não classificado, e de mim inteiramente desconhecido).

Segundo *Pompeu* - Ens. Estat., Pag. 204:
«E' planta tuberculosa ou amylifera.»

ANDA-ASSÚ

(*Anda brasiliensis*. RADDI.—*Anda gomesii*. AD. JUSSIEU.—*Johannesia princeps*. VELL.)

FAM. DAS EUPHORBIACEAS.

Bella arvore que vegeta de preferencia nos terrenos arenosos, perto do mar. Cresce bastante, attingindo sete metros, e mais de altura. O seu tronco rafimica-se bastante perto da terra. Suas diversas partes contém abundantemente um succo leitoso.

Suas folhas são digitadas, com cinco foliolos lisos e agudos; flôres do comprimento de 10 a 13 centimetros, dispostas em paniculas na extremidade dos ramos.

O fructo, de 5 a 8 centimetros de comprimento, de fórma espheroidal, um tanto delgado na ponta, com envoltorio exterior carnoso, contendo um grande nucleo lenhoso, duro, bilocular (raras vezes trilocular), encerra em cada loculamento uma amendoa quasi espherica. Esta amendoa tem o gosto da avelã, mas differe della totalmente por suas virtudes.

Com effeito — uma ou duas d'estas amendoas, comidas crúas, produzem o effeito purgativo, e ás vezes vomitos. Sua acção é energica, pelo que não deve ser empregada, sem que antecipadamente tenha recebido alguma correcção. Póde ser a seguinte: Tomem-se duas ou tres d'estas amendoas, pisem-se com assucar e um pouco d'agua, cozam-se, e ajunte-se-lhes depois um pouco de canella ou de herva doce. Assim preparadas constitúem um pur-

gante suave. Pódem tambem comer-se torradas. Extrahe-se d'ellas um oleo que purga na dóse de 8 a 24 gottas. Estas amendoas conservam-se por muito tempo sem se alterarem. O oleo, que se extrahe d'ellas, póde servir tambem para luzes ou pintura.

Esta bella arvore que (como ficou dito acima) gosta de terrenos arenosos perto do mar, onde não se dão bem os outros vegetaes, tem a vantagem de dar valor e sombra aos terrenos privados d'esta e d'aquelle. (Chernoviz).

Théberge, bem como *Caminhoá* affirmam que «o oleo dos fructos ou, antes, das amendoas do Anda-assú é *drastico* semelhante ao de *croton*.»

Esta arvore recebe, em outros Estados, os nomes de: *Purga-de-gentio*, *Purga-dos-Paulistas*, *Fructa d'Arára*, e *Côco-de-purga*.

Diz *Alm. Pinto*, etc., etc., que a casca dos fructos do Anda-assú é *venenosa;* que, com ella e com as folhas da arvore pisadas, costumam os Indios pescadôres embebedar os peixes dos rios e lagôas, afim de apanhal-os.

Mello Moraes, em sua Bot. Brasileira, acrescenta que: Dos páos d'esta mesma arvore, cuja madeira é esponjosa, formam *jangadas* para navegação dos rios e lagôas; e que, outro sim, com esta mesma madeira fabricam *tamancos*,

---

ANDIROBA

(*Carapa guyanensis*. AUBL.—*Persoonia guareoides*. VILLD.)

FAM. DAS MELIACEAS

Arvore silvestre do Brasil, especialmente do Pará hoje cultivada em todos os Estados.

Seo porte é elevado e gracioso; a madeira é molle.

Folhas compostas, de peciolo longo.

As flôres são terminaes nos ramos, (sete ou dez), engastadas em um pedunculo commum: são como an-

gelicas amarellas, de máo cheiro; outras são vermelhas, e algumas esverdinhadas.

O fructo dá em caixos pequenos; é uma nóz de 15 a 18 centimetros, roliça, reniforme, no apice aguda, e tendo uma sutura de metade de seu tamanho na parte convexa; o tegumento componente é expesso, corneo, de côr rubra viva quando o fructo está maduro, dentro de uma pellicula purpurina e rugosa; dá quatro a cinco sementes ellypticas quasi roliças, cinzentas, presas a essa sutura; estas, que têm um corpo esbranquiçado e frouxo, e apoz uma massa dura, e castanha, contém em sua parte central uma *amendoa* branca e muito oleosa.

Pessoas ha que comem esta *amendoa*. Tem ella entretanto *effeito purgativo*, desde que é ingerida além de certo limite. D'ella se extrahe, por expressão, um oleo espesso, de sabôr amargo e côr amarellada, a que o vulgo dá o nome de *azeite-de-andiroba*. E' elle muito apropriado á illuminação, visto produzir *chamma assaz clara*, mas que de modo algum offende a vista. Presta-se tambem, ao *fabrico do sabão*.

O oleo ou *azeite-de-andiroba* é substancia por demais importante, em consequencia de suas propriedades medicinaes.

Este oleo, que é usado com vantagem na medicina domestica, mas só externamente, applica-se: na *cura das empigens*, *nas manifestaçõee rheumatismaes* em fricções, e como *desobstruente*, nos *enfartes-do-figado e do baço*; bem assim, no tratamento das *feridas*, afim de evitar que se manifeste o *tetano*; n'este caso é elle empregado quente.

E' applicado ainda sobre as *inchações* em geral, e mui particularmente sobre as occasionadas pelas *erysipelas*.

Usam do *oleo-de-andiroba*, tambem, na composição de *emplastros suppurativos*.

Misturado elle com a materia corante das sementes do urucú *(Bixa Orellana)*, impede as picadas dos insectos, e a penetração do bixo-de-pé *(Pulex penetrans)*.

Segundo *Alm. Pinto*—a casca d'esta arvore, que é

muito amarga, emprega-se em *coximento* como *febrifugo* e *anthelmintico* (oito grammas para duzentas grammas d'agua).

Chernoviz acrescenta ainda que: com este mesmo *cozimento da casca da andiroba* banham-se os cavallos, para evitar de serem elles perseguidos pelas moscas; e que o *lenho* da arvore, que é fibroso, assaz leve, avermelhado e inatacavel pelos insectos, é muito estimado para construcções.

Densidade do mesmo 0,719.

ANDREQUICÉ

(Capim)

(*Panicum latifolium*. L.—*Bambosulus latifolius*. SLOANE).

TRIBU DAS PANICEAS

FAM. DAS GRAMINEAS

Segundo Peckolt: «Este capim, tambem denominado *Taquarinha* e *Canna de Passarinh* , tem o colmo fistuloso, ramoso, liso, de dous terços a $3\,^1/_3$ de metro de altura com as folhas um pouco rigidas lanceoladas ou oblongo-lanceoladas, agudas, lisas ou levemente pilosas com as margens asperas de 20-24 centimetros de comprimento sobre 6-20 millimetros de largura; inflorescencia em paniculas um pouco ramosas.

Habita as mattas virgens dos estados do Amazonas, de Alagoas, da Bahia, do Ceará, do Espirito Santo, etc.

Os grãos são alimenticios e os colmos sêccos servem para tecer esteiras, etc.»

ANGELICA-DOS-JARDINS

(*Tuberosa alba.—Polyanthes tuberosa.* L.)

FAM. DAS LILIACEAS

Planta *bulbosa* que recebe tambem o nome de *Jacintho-das-Indias.*

Esta planta differe muito das outras especies de angelicas conhecidas, na Europa e no Brasil, sob as denominações de: *Angelica-das-Hortas (Angelica archangelica)*, e de *Angelica-do-mato (Guettarda angelica)*.

A *Angelica-dos-Jardins* é planta herbacea que nasce de uma raiz em fórma de cebôla; suas folhas longas e quasi lineares, sahem da terra sob a fórma de um feixe, do meio do qual se eleva uma haste simples, lisa, de um metro (pouco mais ou menos) de altura, terminada por um pennacho de flôres, dispostas em uma longa *espiga.*

Estas flôres, que são *simples* ou *singelas*, e *dobradas*, de côr branca de leite, apresentam a corolla em fórma de funil; tubo allongado, um pouco arqueado, e que se vái alargando, a partir de seo orificio, para formar um limbo dividido em seis lóbos ovaes. São tidas em grande apreço, já por sua candidez, já pelo arôma agradabilissimo que exhálam. Sendo este arôma, entretanto, muito activo, convém a todo transe evitar que sejam ellas conservadas, durante a noute, nos aposentos de dormir. De modo contrario, ficar-se-ha exposto a ser victima de uma *asphyxia.*

O *bulbo* da variedade de *flôres dobradas* é mais tumido do que o da variedade de *flôres simples.*

D'estas flôres extrahe-se um *oleo essencial* mui suave e delicado, do qual fazem muito uso os fabricantes de perfumarias.

A *angelica-dos-jardins* foi, em alguns paizes e n'outros tempos, a flôr predilecta das côrtes; era considerada como o symbolo da aristocracia fina. Hoje, segundo *Chernoviz:* symbolisa, na linguagem das flôres, a *delicadeza* e a *dôr;* e, segundo *Bouillet:* a *voluptuosidade.*

Caminhoá considera esta planta como originaria do Indostão. Os autores acima citados dizem: o 1.º, que habita ella na Asia-menor; e o 2.º, que vegeta na India ou no Mexico; e, tambem, no Perú sem ser ali cultivada; e que foi transportada para a Europa no XVI.º seculo, não dando bom resultado senão nas regiões do Sul.

ANGELICA BRABA ou do MATO

(*Guettarda angelica.* MART.—*Canthium febrifugum*)

FAM. DAS RUBIACEAS

Pertence á Classe dos *tonicos* ou *roborantes.* Ordem dos *amargos.*

Arbusto de bom pórte que fornece uma raiz medicinal. Vegeta de preferencia nas *catingas.*

A casca d'esta planta, que é amarga e um pouco aromatica (mui principalmente a da raiz acima citada), é tida e mui empregada como *tonico antifebril* e *desobstruente* assáz incisivo; bem assim, como *emmenagôgo;* propriedades estas que me fôram confirmadas pelo facultativo d'esta capital Dr. Luna Freire, que tem empregado esta planta em sua clinica. D'ella usam na medic. pop., em cozimento, no curativo das *febres-de-máu-caracter;* e, sobretudo, nas *puerperaes, catarrhaes,* etc., etc.

Alm. Pinto diz que: «Por occasiões da epidemia da *febre amarella,* a medic. pop. lançou mão da mesma raiz, com muita vantagem, na dóse de 16 grammas para 500 grammas d'agua.»

Segundo a opinião dos homens do campo—a raiz da *angelica-do-mato* encontra ainda applicação na *arte veterinaria:* serve *para combater a diarrhéa dos animaes da raça bovina e cavallar.*

Suas flôres que offerecem tambem algum cheiro são, segundo o Dr. Manoel Freire Allemão, *peitoraes-calmantes.* Os principios volateis das mesmas pódem muito bem, e devem, como aconselha o alludido Dr., ser conservados,

empregando-se, para isto, o processo pharmaceutico da preparação dos *hydrolatos* ou *alcoholatos*.

Tenho ainda a acrescentar que o illustrado medico Dr. José Lino da Justa e o Barão de Studart me affirmaram haver empregado em suas clinicas, com os mais lisongeiros resultados, a raiz da *angelica* em casos de febre puerperal.

De tudo quanto ficou acima exposto se vê que: a *Angelica-braba ou-do-mato* é um dos mais poderosos especificos de nossa flóra contra as *febres-de-máu-caracter*.

ANGELICA-DE-RAMA

A planta, com esta denominação, indicada pelo Dr. Manoel Freire Allemão como existindo no territorio cearense, é de mim completamente desconhecida, e não encontrei mesmo, n'esta capital, pessôa alguma que me fornecesse a menor informação acerca d'ella.

Caminhoá dá-lhe a seguinte classificação—*Angelica-de-rama* ou *de-ramo (Arauja albens. Don.—Physianthus albens. Mart.—Schubertia sp.)* —Fam. das *Asclepiadaceas*; e acrescenta que: «em dóses fortes é *venenosa;* dá lindas flôres aromaticas, estimadas para jardins.»

ANGELICÓ, ou JERICÓ?

(Assim a denomina o Dr. Manoel Fr. Allem.—*Ensaio Estat. de Pompeu*, á pag. 186).

(*Aristolochia glandulosa.—Aristolochia trilobata.* WILLD.)

FAM. DAS ARISTOLOCHIACEAS

Planta trepadeira.

«E' silvestre. Tem o caule roliço e escuro. Folhas trilobadas, tambem escuras. As flôres exquisitas, parecem

um *jarrinho*. O fructo é uma capsula que tem seis faces ou angulos (vulgo gommos), e dentro muitas sementes. A raiz é tuberosa, rugosa, escura e de cheiro um tanto activo. Quasi todas as plantas d'este genero tem mais ou menos as mesmas propriedades.»

E' *aperiente-tonico* que se emprega nas *febres graves*, nos *catharrões*, nas *sesões-amalignadas*, e nas *amenorrhéas*. E', ainda, *estimulante-aphrodisiaco*. (Fr. Allem. Sobr.).

Esta trepadeira é usada em *cozimento*, para banhos, contra as febres *intermittentes* e *remittentes*, principalmente nas crianças.

Segundo *Alm. Pinto*: «A raiz é um poderoso *antidoto contra as mordeduras das cobras*, é muito empregada pela medic. pop. contra as febres *intermittentes* e *perniciosas*, na dóse de 16 grammas para 500 grammas d'agua.»

Para completar este artigo — transcrevo em seguida os Caracteres da Fam. das ARISTOLOCHIACEAS, dados pelo mesmo *Alm. Pinto* em seo Dicc. de Botan. Brasileira; visto não os haver encontrado, tão completos, em outros Tratados de Botanica que tenho sobre a mesa, para consulta.

«Familia composta de dois generos: *Aristolochia* e *Asarum*.

São plantas herbaceas ou fructescentes voluveis de folhas alternas e inteiras, flôres axillares.

O calice é regular, de tres divisões valvares, ou irregular, tubuloso, e formando uma linguêta ou labio de fórmas muito variadas.

Os estames são, em numero de dez ou doze, inseridos no ovario, ora livres e distinctos, ora unidos intimamente com o estylête e o estigma, e formando assim uma especie de mamillo posto no apice do ovario.

Nas partes lateraes, este mamillo traz as seis antheras que são biloculares, e no cimo termina em seis lobulos que pódem ser considerados como estigmas.

O fructo é uma capsula, ou uma baga de tres ou seis lojas, contendo cada uma d'ellas um grandissimo

numero de sementes, encerrando um pequeno embryão collocado em um endosperma carnoso.»

ANGELIM

(*Geoffræa vermifuga*. ST. HILL.—*Andira anthelminthica*. BENTH.—*Andira legalis*, segundo Pires de Almeida).

FAM. DAS LEGUMINOSAS

SUB-FAM. DAS PAPILIONACEAS.

Pertence á Ordem dos *narcotico-nauseantes*—Classe dos *Cephalo-myeloscantes* ou *cerebro-espinantes*.

«Arvore oriunda do paiz; vegeta nas proximidades do litoral. E' copada, de folhagem bonita e lustrosa. As flôres, em densos cachos, são rôxas, de quasi nenhum cheiro; parecem borboletinhas. O fructo, que é um legume drupaceo, verde ainda quando maduro, assemelha-se a uma manguinha; tem um carôço grande relativamente ao fructo; a amendoa branca e amarga; o carôço é viscoso.

Esta amendoa, ou semente, é ovoide, pontuda na sua extremidade superior; tem 25 millimetros de comprimento e 15 de largura. E' um *vermifugo* poderoso, sobretudo para expulsar as *lombrigas*. Este medicamento obra com grande energia; em alta dóse póde produzir accidentes graves, taes como *vomitos*, *dejecções alvinas* abundantes, e a *inflammação dos intestinos*; pelo que deve haver grande cautela no seu emprego.» (*Chern.* e *A. Pinto*).

Fr. Allem. Sobrinho affirma, por sua vez, que: «As amendoas do fructo do Angelim, usadas como *anthelminthico*, têm produzido accidentes graves de *narcose* e, mesmo, a *morte*.»

Administra-se este remedio *em pó*, de mistura com leite. A dóse é de 5 decigrammas a $1\,^1/_2$ gramma. Em maior dóse, obra como *drastico* energico.

A casca d'esta arvore é *aperiente*, pouco usado, segundo o mesmo Dr. *Fr. Allem. Sobrinho*.

A respectiva madeira, que é de côr amarella, e enegrece ao cabo de certo tempo, é muito propria para as obras internas das construcções urbanas; especialmente para soalhos e portas. E' bastante porósa, amarga, e absorve muita tinta *[Saldanha da Gama]*; resiste em contacto com a humidade; e. finalmente, é isenta de ser atacada pelo *bicho* (insectos), em consequencia mesmo do principio amargo de que é dotada.

Sua densidade: 1,007.

(A continuar no Tomo seguinte).

ESTUDOS LITERARIOS

"Seccas do Ceará"—de Rodolpho Theophilo. Ateliers Louis, editor. Ceará—1901.

Dos «Ateliers-Louis» acaba de vir á lume o bonito livro—*Seccas do Ceará*—que se recommenda pelo nome que o firma, pela importancia do assumpto e por sua vez recommenda a seu intelligente e cuidadoso editor. E' o decimo livro—com que o careusissimo escriptor Rodolpho Theophilo avoluma o cabedal literario do Ceará—de cuja linhagem intellectual—é uma das mais notadas figuras. E' um livro sadio e sincero que indica os pontos capitaes da calamidade cearense nos ultimos 50 annos.

Preparado de estudos serios, de bôa vontade, de aturada observação—penetrou Rodolpho pelo phenomeno a dentro. Olhou-o meticuloso, revolveu-o em todos os sentidos, remecheu-o em todas as direcções, subiu as suas mais altas collinas, desceu os seus mais fundos precipicios, percorreu as suas mais tenebrosas veredas—sondou-o em todos os seus horrores—procurou verificar todos os topicos e correctivos de attenual-o e volta de sua penosa excursão ao feio barathro—sobraçando grosso feixe de notas. Estuda-o ha 24 annos—desde 1877. Tem sido desde então o escrupuloso diarista de todas as

phases do intermittente drama de fome e de dor. Assistiu-o em todas as suas modificações—recolhendo as notas flagrantes -apanhando a crúa realidade d'ellas—que tem registrado com carinho e lisura.

A) Antes de dizer do escriptor e as impressões do livro- que vae ser lido e guardado- -quero fallar do meu modo de ver a calamidade cearense- que—como o Janus mythologico ou qualquer phenomeno tem duas faces—uma —a bem visivel, a primeira reparada e sentida—que é horrenda, a outra velada, menos sensivel, mas muito suggestiva, tão real—como aquella.

As seccas formam a espinha dorsal do Ceará. Não é isto um paradoxo. O estoico Seneca—o insigne philosopho latino escreveu o panegyrico da adversidade, que é, posso assegurar, o rijo molde do caracter, da coragem, das supremas energias.

O homem—que levanta o braço, alcança o galho da arvore e colhe o fructo maduro, abaixa a mão e tira a agua na cisterna a seus pés—não precisa trabalhar—vive dono da cornucopia da abundancia--é um indolente, um preguiçoso, um descuidado, um apathico.

O cearense está entre a fortuna deste homem e o supplicio do Tantalo do mytho grego. Em solo inclemente--de vez em vez varrido de sopros quentes—sob um ceu incendiado—que o cobre- nada consegue sem esforços inauditos—é trabalhador, energico, pertinaz. Tem no phenomeno a escola de sua actividade. O meio é crú, a lucta é violenta, mas o seu desfeicho deixa-o de pé e mais forte. Não o escarneçam os seus irmãos—felizes em meios amigos, mansos, bemfasejos. E' ingrato o seu de quando em quando—assedia-o dos maiores tormentos—obrigando-o a resistencias descommunaes. Mas o destino que o desabriga na briga com as agruras do meio physico —o favorece no lance final. E' o seu lenitivo.

O fado do cearense não é a fatalidade dos romanos —sempre malvada—é a figura desenhada por Homero com duas urnas--a das amarguras e a da felicidade. Enreda-o a desgraça despiedosa, enche-o de afflicções, sacode-lhe pesadas nuvens pretas, tenta afogal-o em tor-

turas seu nome, depois... sopra o vento da bonança, vão-se os vaporès escuros, faz-se limpido o firmamento e o destino derrama a cornucopia dos dias felizes.

E' a secca—repito—a disciplina do trabalho e do caracter, o apanagio do Ceará—á quem se pode applicar o conceito francez—«*a quelque chose malheur est bon.*» Em seus revezes periodicos—apura todas as suas energias—para triumphar na lucta da vida.

Na atmosphera da calamidade accordam no cearense—qualidades que dormiriam ò somno do Epimenides no ambiente do bem-estar permanente, remançoso.

E' de lembrar o «*ce qu'on voit et ce qu'on ne voit pas*» de Fred. Bastiat á proposito do franco economisado na invenção da machina. Immediatamente—a secca—qual Pandora entornando o cofre dos flagellos—infortuna a terra—com as suas abominações—«*ce qu'on voit.*» Por detraz está a outra face do quadro Na extrema raia dos destroços emerge profunda, vivaz, austera a licção da vida. No fundo do vaso mysterioso brilha o bloco de ouro do beneficio, da compensação—«*ce qu'on ne voit pas.*»

E' o que nos ensina a velha experiencia das edades pela penna do superno mestre H. Spencer—«ha uma alma bôa nas cousas más, como ha uma alma de verdade nas cousas falsas.»

A actividade do cearense se estimula no endurecimento do meio physico que lhe augmenta o gráo de tensão. Apoz a força da retracção—vem a força de expansão—que multiplica todas as faculdades. E' o segredo maravilhoso da grande lei das compensaçôes.

O cearense não se zanga com o destino. Bemdiz a sua sorte e moureja sem cessar e é feliz na sua vida afanada. A secca nos dizima, nos reduz a crises formidaveis—para fazer-nos grandes, os descobridores da grandeza da Amasonia, os primeiros e mais procurados colonos do norte e do sul do paiz.

B) R. Theophilo, o estudador do magno problema cearense é dominado de entranhado amor ao torrão natal e a humanidade. Tem o culto absorvente da patria e dos

que carecem do seu saber e das bondades do seu coração. E' a sua nevrose, a sua obsessão empolgante.

Da formosa telésia de sua alma ingenua de bom deriva inexhaurivel manancial de serviços--muitos obscuros, todos inestimaveis, de transcendente valia. A sua vida tem sido governada pelo nobilissimo deleite de fazer o bem. Encontra secretos e deliciosos encantos em pratical-o—sem ruido, socegadamente, desprendido, sem se aperceber do que está fazendo. E no enlevo d'esta lida tem remuneração a seus sentimentos altruisticos, a seus feitos de cidadão utilissimo, de homem de bem—que o é na mais ampla comprehensão da palavra. Não diligencia outro galardão.

Pouco ri-se. Tambem não franze o rosto, não faz um *rictus* de amúo ou desagrado para os que lhe estendem a mão e não a recolhem vazia. Desconhece a recusa para os que carecem. E' esta a avultada parcella --que traz ao capital moral de sua terra. E' um bom—um modelo na sociedade - que opulenta de suas virtudes. E' o *vir bonus* do orador romano.

Da sua copiosa contribuição literaria já disse eu—embora ligeiramente em outras occasiões, em artigos no *Ceará Illustrado* e n'esta *Revista.* E' empenho superior aos apertos do meio comprimente contra o qual arca o infatigavel lidador das letras.

A justiça manda-me declarar airosa verdade incidente--que desvendei facilmente e á contento dos dois.

Trabalha o autor das *Seccas do Ceará* sob a doce suggestão da mais santa das companheiras. Sua mulher —muito intelligente e muito meiga é--por seu criterio e fina intuição e perfumes do coração—meio-autora dos seus trabalhos literarios, de seus actos de bem-fazer. E' ella a carinhosa inspiração do literato, do scientista, do homem de bem.

Merece um demorado lance de vista o gabinete de trabalho do operoso historiador—uma mistura de pharmacia e de bibliotheca—onde se encontram receituarios e medicamentos de todas as molestias e livros e mais livros de sciencias naturaes, outros de outras, todas as

suas obras ricamente encadernadas. Monumenta alta pratileira a *Republica* de Cicero. Quem d'entre os que lêem não conhece—de assidua leitura o bellissimo sonho de Scipião, do 6.º e ultimo livro? N'elle recommenda o africano o ardor na defeza da republica—«ha um lugar certo e determinado de antemão—uma eternidade de felicidade para os que engrandecem a sua patria.» E' o trabalho pertinaz do eminente monographista—cujos nervos nomearam-no um dos eleitos do sonho do vencedor de Annibal. O esforço confiado de Rodolpho pela vida é uma acabada demonstração da vencedora theoria darwiniana. Uma soberania da vontade á serviço da soberania de um caracter. E' um forte na lucta da vida que crúa lhe madrugou e foi transformada pelo seu desembaraçado querer. Nunca teve um esmorecimento. Quiz viver e viveu.

A sua força de vontade deu-lhe a confiança inspirada pelo *moi* da Medéa de P. Corneille. Luctou, luctou sem treguas, contornou todos os estorvos, calcou todos os espinhos do caminho e eil-o longe, bem longe da situação angustiada de seu alvorecer orphanado e pobre—firme, bem firme na elevada posição a que o fizeram subir os seus invejaveis predicados—porque Rodolpho—é um grande talento, um grande caracter e um grandissimo coração. Nas horas supremas das agonias publicas, dos pesadumes privados—corre ao primeiro reclamo.

Em dezembro ultimo—ao voltar de um passeio á Bahia—aonde o levaram os seus extremos de pae muito desvelado muniu-se previamente dos meios de bater o morbus da variola—que grassava e continua no Estado. Com trabalho insano prepara a vaccina—que espalha pelos quatro cantos da cidade, por todos os ponctos do interior—onde se faz preciso o milagroso preservativo.

Elle mesmo vaccina diariamente em sua residencia—faz mais--sae para a rua, para os arrabaldes—percorrendo casa por casa. Esquecido de si, interessado só do bem social, n'esta lida intensamente fadigosa—em poucos mezes tem vaccinado 17 vitellos—para extrahir o precioso resguardador de Jenner. E' ainda n'este afan

de scientista efficazmente auxiliado por sua adoravel companheira de 22 annos—já bastante entendida na especialidade de seu marido—á quem facilita a faina de ser uma das mais solidas columnas do engrandecimento moral da sua patria.

c) *Seccas do Ceará* — um bom livro, bem pensado, bem observado, um estudo documentado da phase mais melindrosa da vida cearense. Mais do que isto—é um serviço relevante prestado a sua terra. Estudou Rodolpho as 4 ultimas seccas—que têem em seus compridos tentaculos comprimido ao resistente Ceará. Descreve as angustias do cearense, os meios aconselhados, praticados e a praticar—para minoral-as. Descorre sobre as causas do phenomeno, bate as que se oppõem ao seu modo de ver—que affirma convencidamente. E' um livro franco, sempre apaixonado do que o autor presume ser a verdade—a cuja campanha se consagra corpo e alma. E' um documento de seguras informações—escripto com excellencia de juizo e boa fé.

As diversas administrações—desde a do Conselheiro Estellita até a actual, do Dr. Pedro Borges são analysadas—sob o aspecto considerado, á luz dos factos, calmamente, sem a paixão que desvirtua o conceito, sem affeição ou desaffeição partidaria, sem predilecções pessoaes. Pode haver menos acerto em pequenos detalhes mas o conjuncto se ajusta aos factos, photographa a physionomia do Ceará no poncto de vista estudado.

Ha no entrecho do livro paginas e paginas de grande belleza, de intensa vida... Com raro talento pinta-nos os quadros das seccas dando-lhes os movimentos de um drama—tão viva é a narração. Ao nosso homem de letras seduz na historia o lado dramatico, o aspecto emoccional e descreve os penosos successos animando-os, aformoseando-os com as cores da palheta da imaginação. «*Estava decretado o nosso acabamento*»—a pagina 83. Só esta palavra—que penetrou-me os refolhos mais intimos da alma—vale toda a obra literaria do autor, guarda em seu bojo todo a funda magua do *ninguem* do romeiro

na sala dos retratos—aponctando para o de D. João no «Frei Luiz de Sousa» de Garrett.

A descripção do *pombal*—esta curiosidade da endemia cearense é uma pagina bellissima. Seria de mestre se o artista não a pintasse tão de corrida, como trabalhado da febre da pressa. Parece uma fantasia a historia das *avoantes*. O historiador—estheta apanha-a, dá a sua impressão e a gente ao lel-o ouve o arrullar das pombas, vê o prear dos caçadores nos fojos.

A sua nota pessoal—parece-me—é a de um escriptor dobrado de um bairrista. Pelo que é de sua terra tem os carinhos de artista—junto a summa affeição cearense—fazendo-se o seu modo de ver do tamanho de uma predisposição psychica, da mais bella, da mais util das nevroses. Chamo-o por isto—de *cearensissimo*.

Não são infelizmente para louvar as qualidades literarias do estylo de Rodolpho—que é desigual, diffuso. Tem expressões felizes, imagens naturaes, adequadas, mas a sua phrase é frouxa, de plastica descuidada, cheia de incidentes, de repetições. Tem a mania bellissima de escrever desacompanhada da de reler os seus trabalhos. E' um trabalhador espiritual infatigavel, mas appressado. Teria valor dobrado a sua obra já vultuosa se a cuidasse mais—não a fizesse tão ás carreiras. Um grave defeito de seus nervos a não se poderem deter. Vive Rodolpho desde rapaz—embebido de todo do nosso assumpto terrivel. Deixa-se levar na torrente de suas cogitações—esquece a obrigação literaria—para a qual—em má hora lhe escassêa a paciencia e escreve com a ligeireza do fio d'agua deslisando rapido por planicie declivada. Não pesquiza periphrases bonitas, vae riscando o que lhe vem espontaneo ao bico da penna—muita vez elegante, eloquente, emoccionante. Repara este senão a abundancia e tambem o *sopro cearense*—que se derrama por todo o livro e o vivifica—um dos mais bellos, um dos mais bem feitos do autor. O ultimo capitulo é uma pagina de pulso tirando dos thesouros da experiencia—distribue a flus-bella copia de ideas praticas. Convem muita assiduidade

na leitura d'ellas. E' um catecismo de ensino pratico, de economia rural.

Tivesse eu autoridade e diria ao governo de mandar ler nas escolas as medidas aconselhadas no final do livro—; ao legislador de enfeixal-as em um decreto para os fins de direito. A imprensa—sempre á frente de toda idéa civilisadora, de toda a lembrança de levantamento—devia transcrever trechos e trechos com as recommendações da sua grande influencia. Todos os que gostam de ler os bons livros e os que se interessam da prosperidade desta terra—devem ler e possuir as *Seccas do Ceará*.

Fortaleza, dezembro—1901.

PEDRO DE QUEIROZ.

ACTAS

DAS

Sessões da Academia Cearense

Sessão a 12 de Fevereiro de 1900.

Expediente. *Carta* do Snr. Dr. Cunha Barbosa sobre socios correspondentes do Rio de Janeiro e a contribuição pecuniaria por elles ainda devida á Academia; *Carta* (de 2 de Fevereiro) do Snr. Mariano Pelliza, de Buenos Ayres, agradecendo o volume 4.º da Revista e offerecendo o Annuario Pillado, correspondente a 1899, preciosa publicação ora iniciada em que vem mencionadas todas as Sociedades Anonymas da Republica Argentina; *Revista* do Instituto da Bahia correspondente ao 3.º trimestre de 1899; varios numeros do *Commercio da Parahyba*, *Officina Litteraria*, de Belem e *Jaguaribe*, de Aracaty, offerecidos pelas respectivas Redacções; *A Lavoura*, n.º de Dezembro e Supplemento de Abril a Junho de 1899 offerecidos pela Sociedade Nacional de Agricultura; *Era Nova* n.os 1 a 5, a *Cidade* n.os 1 a 3, o *17 de Dezembro* e a *Patria*, de Belem, n.º 2, offerecidos pelo Barão de Studart.

O tempo destinado a leituras foi occupado pelo academico Snr. Dr. H. Theberge, que apresentou um capitulo do seu trabalho sobre flora e fauna Cearenses referente ao *Algodoeiro e o seu plantio no Ceará*.

O academico Snr. Rodrigues de Carvalho declarou estar quasi terminado o seu *Poema de Maio* que em breve será entregue á Commissão de Litteratura da Academia para dar parecer.

Sessão a 10 de Abril de 1900.

Expediente. *Carta* do consocio Dr. Alvaro de Alencar saudando á Academia e offerecendo o romance do Snr. Manuel Gouveia intitulado *O Primeiro Amor; Documentos* para los Anales de Venezuela coordenados y publicados pelo Dr. Andueza Palacio, 11 volumes, offerta do consocio Barão de Studart; *As nossas fronteiras* e a reorganisação do Exercito Nacional, offerta do autor o Snr. Gaspar Guimarães, de Manaus; *Notas* sobre a Parahyba, offerta do autor o Snr. Dr. Irineu Joffily; *Revista* do Archivo do Municipio da Capital do Estado da Bahia numero 1.° anno 1.° offerta do Snr. Intendente Dr. Francisco Guimarães; *Manifesto* do Corpo Commercial do Ceará contra o imposto do Stock offerta do consocio Snr. Dr. Farias Brito; *Officina Litteraria*, de Belem, *Cidade*, de Sobral, *Oitenta e Nove*, de Baturité, *Era Nova*, de Recife e *Commercio*, da Parahyba.

Lido o expediente o Snr. Presidente congratulou-se com a Academia por ver em seu seio o distincto Snr. Conego Raymundo de Pennafort.

O Snr. Presidente depois de referir-se ás festas e solemnidades que deverão ser celebradas no Rio de Janeiro e Bahia para commemoração do 4.° Centenario do Descobrimento do Brazil propoz que a Academia nomeasse quem a representasse em uma e outra parte. Acceita a proposta, foram nomeados para representar na Bahia a

Academia os Snrs. Cons.os Carvalho e Albuquerque e João Torres e Dr. Satyro d'O. Dias e no Rio os Snrs. Cons.o Tristão de Alencar, Dr. Moura Brazil e Dr. A. da Cunha Barbosa.

A parte destinada á leitura foi occupada pelo academico Snr. Rodrigues de Carvalho, que iniciou a leitura do seu *Poema de Maio*.

Sessão a 8 de Maio de 1900.

Expediente. *Carta* de 15 de Março do socio correspondente Snr. Pedro de Riviere agradecendo a Revista de 1899; *Revista* do Instituto do Ceará correspondente ao 1.º semestre de 1900; *A Lavoura* n.os de Janeiro e Fevereiro de 1900; *Silos* e Forragens, artigos de propaganda, offerta do autor o consocio Dr. Valdemiro Cavalcanti; *Monochromo*, pequeno conto Parauara, offerta do socio correspondente Snr. Conego Pennafort; *Diccianario* Geographico, Historico e Estatistico de Pernambuco, offerta do autor o Snr. Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão; *Titulos* de Concessão e verdadeiros Limites do Brazil pelo autor Snr. Dr. Vicente Liberalino de Albuquerque; *Noivado*, cancioneiro, offerta do autor Snr. Aristheo de Andrade, de Maceió; *Carta* de 18 de Abril do consocio Dr. Drumond da Costa remettendo 24$, importancia de sua annuidade de 1898; *Boletim* do Instituto Agronomico de S. Paulo em Campinas vol. 10; *O Instituto* Civico-Juridico pelo Dr. Virgilio Cardoso d'Oliveira, do Pará, *Religião*, conferencia do Dr. Amaro Cavalcanti e mais sete folhetos offerecidos pelo consocio Barão de Studart: varios numeros da *Officina Litteraria*, *O Commercio*, *A Cidade*.

Lido o expediente e passando-se á ordem dos trabalhos, o academico Barão de Studart procedeu á leitura do seu *Diccionario* Bio-Bibliographico Cearense, cuja

publicação foi encetada na Revista da Academia do anno passado.

Sessão a 5 de Junho de 1900.

Expediente. *Carta* do socio correspondente Dr. A. da Cunha Barbosa, Rio de Janeiro, communicando haver gostosamente se desempenhado da incumbencia de representar a Academia nas festas do Centenario; *Carta* do Snr. Cons.° Jayme Constantino de Freitas Moniz, de Lisboa, agradecendo o titulo de socio correspondente e offerecendo seus serviços á Academia; *Cartas* convites das Commissões para a Inauguração do Monumento General Sampaio e CommemoraçJo do 22.° passamento de Raymundo A. da Rocha Lima; *As Bellezas da Religião*, offerta do autor o Rvd. Cura da Sé de Fortaleza P.e Pedro Leopoldo de Araujo Feitosa; *A' Sagrada* memoria do Marechal Floriano Peixoto. Homenagem da mocidade republicana do Estado de Alagoas; Varios numeros dos jornaes *O Commercio*, da Parahyba, *Commercio do Amasonas*, de Manaos, *A Cidade*, de Sobral e *João Cotoco*, de Fortaleza.

Lido o expediente, e passando-se á ordem dos trabalhos o academico Barão de Studart continuou com a leitura do seu *Diccionario* Bio-Bibliographico Cearense.

Sessão a 3 de Julho de 1900

Expediente. *O Uruguay*, de José Basilio da Gama com annotações de J. Arthur Montenegro offerecido pelo dito J. Arthur Montenegro; *Discursos* proferidos na Iracema Litteraria, de Fortaleza, no dia 3 de Maio de 1900 por occasião do 4.° centenario do descobrimento do Brazil, offerta do presidente da Iracema Snr. Francisco Gonçalves; *These* para o concurso ao logar de professor da

cadeira de Mechanica e Astronomia do Lyceu Cearense apresentada por Benjamim Pompeu Pinto Accioly, offerta do socio Eduardo Studart; *Revista Trimensal* do Instituto Geographico e Historico da Bahia vols. 6 e 7, anno 6.°, offerta do Instituto da Bahia; *Relatorio Geral* da Sociedade de S. Vicente de Paulo do Ceará no anno de 1899, offerta do socio Barão de Studart; *Relatorio* apresentado ao Secretario do Interior pelo Dr. José Lino da Justa, Inspector de Hygiene, offerta do autor; *Boletim* do Museu Paraense n.° 1 vol. 3.° offerta do Museu; *Relatorio* da Sociedade Beneficente Portugueza Dous de Fevereiro, de Fortaleza, apresentado no 28.° anniversario da sua fundação, offerta da Directoria; *O Paraná no Centenario*, offerta do autor o Snr. José Francisco da Rocha Pombo; *Grandes honores* acordados al Libertador Simon Bolivar offerta do autor, o socio correspondente Snr. Manuel Landaeta Rosales, de Caracas; *Discurso* pronunciado no dia 24 de Maio de 1900 por occasião de inaugurar-se a estatua do general Sampaio offerta do autor Dr. José Lino da Justa, orador official; *Annaes* da Academia de Medicina do Rio de Janeiro tomo 65, *A Lavoura* 7 numeros do anno 1899 e *Officina Litteraria* n.os 16, 17 e 18 offerecidos pelas respectivas Redacções.

Lido o expediente e passando-se á ordem dos trabalhos o academico Dr. Henrique Theberge proseguiu na leitura da *Flora Cearense* Letra A até o individuo Alecrim.

Sessão a 7 de Agosto de 1900.

Expediente. *Officio* de 27 de Junho do Secretario da Assembléa do Estado convidando a Academia para a sessão de installação da sua 4.ª sessão; *Officio* de 28 de Julho da Academia Litteraria de Lisboa remettendo a Lista do nome dos seus Directores; *Um Parecer* perante uma Commissão pelo P.e Pedro Hermes e *Relatorio* das Senhoras de Caridade de Fortaleza correspondente a

1900 offerta do socio Barão de Studart; *A Lavoura* n.os de Março e Junho, *Revista* do Centro Militar, Rio, anno 1.º n.º 4 e *Officina Litteraria*, Belem, n.º 19 offerecidos pelas respectivas Redacções.

Após a leitura do expediente, o academico Dr. Henrique Theberge occupou a attenção da casa com a continuação da Leitura do seu trabalho *Flora Cearense* lettra A até o individuo Almecegueira.

Sessão em 15 de Agosto de 1900.

(Eleição da mesa)

Presentes, á hora e no lugar do costume, os Academicos Snrs. Thomaz Pompeu, Pedro de Queiroz, Barão de Studart, Antonio Theodorico, Raymundo Leopoldo C. de Arruda, Virgilio de Moraes, Farias Brito, Rodrigues de Carvalho, Eduardo Studart, Henrique Theberge, Antonino Fontenelle, Eduardo Salgado, Waldemiro Cavalcanti e José de Barcellos, foi aberta a sessão.

O Snr. Presidente declarou que o fim da presente convocação era a eleição da nova mesa, visto como estava findo o anno social.

Procedendo-se em seguida á votação foram reeleitos todos os membros da mesa, que ficou assim constituida: Presidente Dr. Thomaz Pompeu; 1.º Vice-presidente Dr. Pedro de Queiroz; 2.º Vice-presidente Dr. Virgilio de Moraes; 1.º Secretario Barão de Studart; 2.º Secretario Pharmaceutico Raymundo de Arruda; Oradores Drs. Justiniano de Serpa e Farias Brito; Thesoureiro Dr. Theodorico Filho.

Sessão a 11 de Setembro de 1900

Expediente. *Historico* dos Trabalhos da Sociedade Nacional de Agricultura durante o anno de 1899 offere-

cido pelo Secretario Dr. Wencesláo Alves Leite de Oliveira Bello; *Memorias* do Museu Paraense, excavações archeologicas em 1895 offerecidas pelo Dr. Emilio Goeldi; *Revista* do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Pará anno 1.° n.° 1.°; *Brazil.* A proposito do Quarto Centenario do Descobrimento do Brazil, offerecido pelo autor Snr. Dr. Zeferino Candido; *Demonstração* da entrada de Pedro Alvares Cabral em Porto Seguro offerecida pelo autor o Snr. Almirante J. Fonseca; Diversos numeros d'*A Cidade*, de Sobral, *Outenta e Nove*, de Baturité, *O Commercio* e a *Verdade*, da Parahyba e *Era Nova*, do Recife

Lido o expediente e tendo obtido a palavra, o academico Snr. Rodrigues de Carvalho iniciou a leitura do seu trabalho *Subsidio para a Historia do Norte Litterario*, partes relativas ao Ceará e Rio Grande.

Sessão a 9 de Outubro de 1900.

Expediente. *Yapehú*, antecedentes e inauguracion del monumento erigido a la memoria del general D. José de San Martim, offerta do socio correspondente Snr. José C. Soto; *El Sol* del Escudo Nacional y la Restauracion de los Incas, offerta do autor o socio correspondente Snr. Mariano A. Pelliza; *Ephemerides do Ceará*, offerta do autor Snr. C.el João Brigido dos Santos; *Echos d'Amazonia*, offerta do Snr. Adrião Caminha; *Revista Trimensal* do Instituto da Bahia n.° 24, e *Revista* Industrial e Mercantil n.° de Agosto offerecidas pelas respectivas Redacções.

Lido o expediente e tendo obtido a palavra, o academico Snr. Rodrigues de Carvalho concluiu a leitura do seu trabalho *Subsidio para a Historia do Norte Litterario*.

Sessão a 6 de Novembro de 1900.

Expediente. *Revista* do Archivo Publico Mineiro, 1.° semestre de 1900, e *A Lavoura* n.° correspondente a Outubro.

Após o expediente o academico Antonio Bezerra occupou a attenção das pessoas presentes com a leitura do seu trabalho *O Ceará e os Cearenses*,

---

Sessão a 18 de Dezembro de 1900.

Expediente. *A Lavoura* n.° de Novembro; *Cartão Postal* commemorativo da Viagem do Presidente Dr. Campos Salles a Buenos Ayres enviado pelo socio correspondente Snr. Francisco Segui; *Boletim* da Agricultura, Estado de S. Paulo, 1.ª serie n.° 7 e 2.ª serie n.° 1; *Revista* do Instituto da Bahia n.° 25; *Revista* do Instituto do Pará n.os 1, 2 e 3; Numeros da *Cidade*, de Sobral e *Era Nova*, do Recife.

Nenhum trabalho tendo sido apresentado á leitura o Snr. Presidente declara que a Academia entra em ferias.

Sessão a 5 de Março de 1901.

Expediente. *Carta* do Centro Litterario, de Fortaleza, convidando a Academia para uma sessão solemne commemorativa do inicio do seculo XX; *Luar de hinverno* offerta do autor o Snr. Silveira Netto, de Curityba; *Boletim Trimestral* do Centro Cearense n.os 8 e 9 até Janeiro de 1901.

Lido o expediente o academico Rodrigues de Carvalho pedindo a palavra procedeu a leitura do seu livro de versos *Poema de Maio*.

Sessão a 9 de Abril de 1901.

Expediente. *Revista* do Instituto Alagoano n.º 1 vol. 3.º; *Os Donativos* á Sociedade de S. Vicente de Paulo do Ceará por motivo da secca de 1900 offerta do socio Barão de Studart; *A Lavoura*, Rio, n.os de Dezembro de 1900 e Janeiro e Fevereiro de 1901.

Lido o expediente, o academico Snr. Rodrigues de Carvalho pedindo a palavra concluiu a leitura do seu livro *Poema de Maio.*

Sessão a 7 de Maio de 1901.

Expediente. *Boletim* da Agricultura, S. Paulo, 2.ª serie n.os 3 e 4; *Officio* do presidente da Sociedade Nacional de Agricultura Snr .Antonino Fialho communicando o resultado da eleição de 25 de Abril; Varios n.os do *Nortista*, jornal da Parnahyba.

Lido o expediente, o Barão de Studart transmitte em phrases pesarosas á Academia a noticia de haver fallecido no Estado do Rio Grande do Sul o socio correspondente José Arthur Montenegro, cuja boa amisade todos nós disputavamos e cujos serviços ás lettras patrias e mormento á historia Brasileira são inolvidaveis.

O Snr. Presidente tomando a palavra fez o historico da vida do nosso pranteado companheiro e concluiu propondo, o que foi por unanimidade approvado, que na presente acta ficasse consignada à expressão do sentimento da Academia por perda tão sensivel e que em homenagem á memoria do morto fosse levantada a sessão.

Sessão a 11 de Junho de 1901.

Expediente. *Revista* do Instituto do Ceará correspondente ao 1.º e 2.º trimestres de 1901 e *Relatorio* da

Administração da Associação Typographica Fluminense apresentada á Assembléa Geral de 31 de Janeiro de 1901.

Após o expediente e entrando-se na ordem dos trabalhos o academico Snr. Dr. Henrique Theberge proseguiu na leitura dos seus estudos sobre a *Flora Cearense* e terminada ella o Barão de Studart leu o Esboço Biographico do fallecido consocio Visconde de Taunay devido á penna do socio correspondente Dr. Cunha Barbosa.

Sessão de 16 de Julho de 1901.

Expediente. *Officio* datado de 22 de Maio do presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia enviando a Lista da sua Mesa Administrativa para o anno social de 1901-1902, e um *Officio* datado de 2 de Julho do Secretario dos Negocios do Interior Snr. Miguel Ferreira de Mello mandando entregar á Academia a chave do compartimento do proprio Estadual annexo á Secretaria da Justiça.

Lido o expediente, o academico Barão de Studart voltou a tratar do fallecido socio correspondente José Arthur Montenegro salientando as homenagens prestadas á sua memoria por todo o jornalismo do Paiz nomeadamente pelo do Rio Grande do Sul, Estado onde por longos annos viveu o nosso pranteado patricio e distincto homem de lettras e as manifestações feitas pelo Instituto Historico Brazileiro e pelos Institutos da Bahia e Pernambuco, associações a que como á nossa elle pertencia alem de muitas outras quer nacionaes quer estrangeiras.

Concluida a exposição do Barão de Studart, o Snr. Presidente encarregou ao Snr. Secretario para providenciar no sentido de serem transferidos o archivo e mais pertences da Academia para o novo predio a ella offerecido pelo Governo Estadual.

Sessão a 15 de Agosto de 1901.

Presentes á hora e no local do costume os Snrs. academicos Thomaz Pompeu, Coelho de Arruda, Barão de Studart, Eduardo Salgado, Henrique Theberge, Farias Brito, Antonino Fontenelle, Rodrigues de Carvalho, Eduardo Studart, Pedro de Queiroz, Alcantara Bilhar, Virgilio de Moraes e Antonio Theodorico, foi declarada aberta a sessão.

O Snr. Presidente declarou que o fim da presente era a eleição da nova Mesa visto como estava findo o anno social. Procedendo-se em seguida á votação com a leitura das listas recolhidas foi apurado o seguinte resultado:

Presidente Dr. Thomaz Pompeu, 1.º Vice-presidente Dr. Pedro de Queiroz, 2.º Vice-presidente Dr. Virgilio de Moraes, 1.º Secretario Barão de Studart, 2.º Secretario Pharmaceutico Coelho de Arruda, Orador Dr. Raymundo de Farias Brito, Thesoureiro Dr. Antonio Theodorico, Bibliothecario Dr. Henrique Theberge.

.....

Sessão a 30 de Agosto de 1901.

Expediente. *Officio* do Snr. Antonio Luiz Cardoso, 1.º Secretario da Phenix Caixeiral, pondo de ordem da Presidencia os salões da Sociedade á disposição da Academia; *Poema de Maio*, offerta do autor o academico Rodrigues de Carvalho; *Convite* da Sociedade Nacional de Agricultura para um Congresso a reunir-se de 20 a 30 de Setembro na Capital Federal; *Discursos*, offerta do autor Snr. Alfredo Lamartine, de Viçosa; *Revista Militar*, Rio de Janeiro, Anno 3.º n.os 4, 5 e 7; *Boletim* da Agricultura S. Paulo, 2.ª serie n.os 5 e 6; *Revista* Academica da Faculdade de Direito do Recife, anno 9; *O Proscenio*, de Belem, n.º 1; *Patria* anno 3.º n.º 4; *Nortista*, da Parahyba, n.os 27 a 30, *Revista do Commercio*, Rio, anno 1.º e n.os 1 a 3.

Lido o expediente, o Barão de Studart communicou

ter realisado a transferencia do archivo, moveis e mais pertences da Academia para a nova sede social á Rua Floriano Peixoto e que estava muito adiantado o serviço de catalogação dos livros, etc., de que tão graciosamente se encarregara o academico Snr. Dr. Henrique Theberge, o qual alem disso offertara á Academia uma mesa e duas estantes.

O mesmo propoz que na acta da presente sessão fosse inserido um voto de profundo agradecimento á Phenix Caixeiral pela gentileza de seu procedimento pondo seus salões á disposição da Academia. A proposta foi por unanimidade approvada.

O mesmo lembrou que se applicava o Art. 4.º dos Estatutos aos Snrs. Drs. Adolpho Luna Freire e Francisco Alves Lima e propoz que fossem considerados vagos os seus logares. A proposta foi approvada por unanimidade.

Pedindo a palavra, o academico Farias Brito abundou em largas considerações no sentido da Academia tomar a si a propaganda e a realisação da ideia do Ceará ser dotado de uma Academia Livre de Direito; depois de uma discussão em que tomaram parte os Snrs. Presidente, Farias Brito, Bilhar, Rodrigues de Carvalho e Ed. Studart, o Snr. Presidente declarou encarregar-se de dar os passos para consecução do fim almejado e que de tudo daria conta na proxima sessão.

Passando-se á ordem dos trabalhos, o Barão de Studart communicou á Casa a recente acquisição feita pelo conhecido livreiro de Londres Bernard Quaritch de preciosos documentos, de 1600 a 1629 relativos aos Hollandêses no Brasil, entre os quaes alguns que se referem á historia do Ceará e convidou, fazendo varias considerações, a attenção dos seus collegas para a maneira *Siará* como é graphado nesses documentos o nome da antiga Capitania.

Sessão de 13 de Setembro de 1901.

Expediente. *Officio* do Illm. Snr. Manoel Balthasar Pereira Diegues communicando sua escolha para presi-

dente do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano em substituição ao fallecido Professor Adriano Jorge; *Revista* do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo correspondente a 1899-1900; *Revista* do Archivo Publico Mineiro correspondente ao 1.º trimestre de 1901; Varios jornaes e periodicos.

O tempo destinado á leitura foi occupado pelo academico Henrique Theberge, que leu a continuação de seu trabalho sobre a *Flora Cearense*. Do capitulo apresentado destaca-se como rica de informações e conceitos a parte referente á amoreira e cultivo do bicho da sêda.

Continuou-se a discutir sobre a ideia da fundação da Faculdade de Direito.

Sessão a 11 de Outubro de 1901.

Expediente. *Regimen* da reciprocidade em vigor entre o Brazil, Portugal, Hespanha, Italia, França ou Allemanha, offerta do autor o socio correspondente Snr. Luiz Leopoldo Flores; *Nombres* Geographicos Indigenas de la Republica de Honduras, offerta do autor o socio correspondente Snr. Alberto Membreno; *Memoria* correspondientes al año 1900 presentada a la Direction General de Instruccion Publica pelo Dr. Abel J. Perez; *Boletim* do Museu Paraense n.º 2.º vol. 3; *Revista* do Archivo do Municipio da Capital do Estado da Bahia, anno 1.º n.º 4.º; *A Lavoura* n.º de Março a Junho de 1901; *Relatorio* da Corporação Operaria de Camaragibe, *Relatorio Geral* da Sociedade de S. Vicente de Paulo no Brazil (1900) e *Revista* do Commercio, Rio, n.os 8, 9, 10 e 11 offerecidos pelo Barão de Studart.

O tempo destinado á leitura foi occupado pelo Barão de Studart, que iniciou a leitura do trabalho *Lingua indigena O nome Ceará*, da lavra do academico Snr. Antonio Bezerra.

Sessão a 24 de Outubro de 1901.

Expediente. *Relatorio* da Liga Cearense, de Belem, apresentado em assembléa geral de 1 de Setembro; *A Escola*, Belem n.º 18, anno 2.º e *Revista do Commercio*, Rio, offerecidas pelas respectivas Redacções; Varios n.os da *Ordem* e *Cidade* (ambas de Sobral), *Sul do Ceará* (Crato), *Oitenta e Nove* (Baturité) e *Gazeta da Serra* (Mulungú) offerecidos pelo B. de Studart.

A hora destinada á leitura foi occupada pelo B. de Studart que concluiu a leitura do trabalho de Antonio Bezerra sobre o *Nome Ceará* e por Henrique Theberge que proseguiu na do seu trabalho *Flora e Fauna Cearense.*

Ficou com a palavra o academico Rodrigues de Carvalho para apresentação do seu estudo sobre Direito Commercial sob o titulo *Cheque Visado.*

O Snr. Presidente deu as boas vindas ao Snr. Dr. Adolfo Tucheband, naturalista, presente á sessão, respondendo o dito Snr. com phrases de sympathia e gratidão.

.....

Sessão de 8 de Novembro de 1901.

Expediente. *Ceremonia Inaugural* de las Obras del Puerto de Montevideu; *A Lavoura* n.º de Julho de 1901, e *Revista do Commercio* n.º 14.

A Academia votou uma moção de congratulações ao aeronauta brasileiro Snr. Dr. Santos Dumont.

Participada a infausta noticia da morte do socio correspondente D. João José de Castro, de Montevideu, foi inserido na acta um voto de profundo pesar.

Foi apresentada e lida a seguinte proposta: Propomos para socios correspondentes da Academia Cearense os Snrs. P.e Fidel Fita e Roberto Duro, membros eminentes da Real Academia de Historia de Madrid, conhecidos por seus trabalhos importantes de historia e archeologia.

Ceará, 8 de Novembro de 1901. Assignados Barão de Studart, Henrique Theberge, J. Rodrigues de Carvalho.

De accordo com as praxes foi a proposta remettida á respectiva Commissão.

A parte de leituras constou da que fizeram: Rodrigues de Carvalho, do seu trabalho de direito commercial *O cheque visado*, e de um capitulo de philosophia do direito *O divorcio;* e o Barão de Studart de um trabalho publicado em S. Paulo pelo Professor Ihering sobre a etymologia da palavra *Ceará.*

Foi annunciada para a proxima sessão a exhibição e leitura de preciosos documentos sobre a posse do Ceará no contestado de *Grossos.*

O Snr. Presidente agradece a presença do Snr. José Pinheiro Bezerra de Menezes, autor da monographia *Maravilhas naturaes da America.*

Sessão em 6 de Dezembro de 1901.

Expediente. *Revista* do Instituto do Ceará correspondente ao 2.º semestre de 1901; *Memoria* historica da Faculdade de Direito do Recife relativa a 1900, offerecido pelo autor Dr. M. N. Carneiro Campello; *Revista* do Commercio n.os 15, 16 e 17; Varios n.os da *Gazetinha*, *Oitenta e Nove*, *Sul do Ceará*, d'*A Cidade*, *Nortista*; *Relatorio* da Secretario dos Negocios da Fazenda do Ceará Snr. Raymundo Viriato Ribeiro e *Discurso* do Dr. Joaquim Ignacio Tosta na Sessão de encerramento do congresso Nacional de Agricultura offerecidos pelo B. de Studart; *As Duas Americas* e o drama *Pedro Alvares Cabral*, offerta do autor Snr. Candido Costa; *Synopse* de Neologismos admissiveis no XX seculo, offerta do autor o Snr. Almirante I. J. da Fonseca; *Estatutos* e Regimento Interno e Boletim n.os 1 e 2 da Academia Brazileira de Lettras (Rio de Janeiro, rua da Quitanda n.º 47); *Dejanira*, offerta do autor Snr. Alvares da Costa; *Carta convite* da Congregação do Lyceu do Ceará para o acto solemne da entrega de diplomas aos alumnos que concluiram o curso do bacharelado de lettras em 1901.

Foi apresentado e lido o parecer da Commissão de admissão de socios opinando favoravelmente sobre sa candidaturas dos Snrs. Fidel Fita e Roberto Duro propostos na ultima sessão para a classe de socios correspondentes. Posto em votação foi o parecer approvado unanimemente. Mandou-se fazer as devidas communicações.

A parte de leituras constou de um trabalho do Dr. Pedro de Queiroz *Estudos Literarios—Seccas do Ceará* de Rodolpho Theophilo, e do Prologo ao *Cancioneiro do Norte* de Rodrigues de Carvalho.

O Barão de Studart apresentou varios documentos, como Cartas de sesmarias, Decretos, Memorias, Relatorios de antigos governadores e de presidentes da Provincia, etc, os quaes asseguram ao Ceará os terrenos ora pretendidos pelo visinho Estado do Rio Grande do Norte.

O Snr. Presidente declara que a Academia entra em ferias.

BALANÇO

DA

Thesouraria da Academia Cearense correspondente ao anno de 1901.

RECEITA

Dr. Thomaz Pompeu—Sua annuidade de 1901.	24$000
Dr. Pedro de Queiroz—Sua annuidade de 1901.	24$000
Dr. Virgilio de Moraes—Suas annuidades de 1900 e 1901	48$000
Barão de Studart—Sua annuidade de 1901.	24$000
Dr. Antonio Theodorico - Sua annuidade de 1901.	24$000
Dr. Alvaro Mendes—Suas annuidades de 1899 e 1900.	48$000
Dr. Justiniano de Serpa—Suas annuidades de 1899 e 1900	48$000
P.e Valdevino Nogueira—Sua annuidade de 1901.	24$000
Rodrigues de Carvalho—Sua annuidade de 1901.	24$000
Dr. Antonino Fontenelle—Sua annuidade de 1901.	24$000
Dr. Eduardo Studart—Sua annuidade de 1901.	24$000
Dr. Eduardo Salgado—Sua annuidade de 1901.	24$000
Dr. Alcantara Bilhar—Suas annuidades de 1899, 1900 e 1901.	72$000
Auxilio do Estado correspondente a 1901.	1.000$000
Total.	1.432$000

DESPEZA

Deficit como do Tomo anterior . . .	291$000
Publicação da Revista de 1900. . .	1.190$000
Expediente, correspondencia, remessa da Revista, etc.	65$000
Mudança do archivo para o novo domicilio, envernisamento de moveis (conta de Francisco Antonio Carneiro) . .	40$000
Total.	1.586$000
Deficit	154$000

DR. ANTONIO THEODORICO FILHO.

Thesoureiro.